



A PSICOLOGIA DO LÍDER

Antonio Meneghetti

Tradução de Vera Lucia Rodegheri e M. Luisa Andreola

Sobre o Autor:

ANTONIO MENEGETTI NASCEU NA ITÁLIA EM 1936, É PH.D. EM FILOSOFIA, TEOLOGIA, SOCIOLOGIA E PSICOLOGIA. É O FUNDADOR DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ONTOPSICOLOGIA, ACADÊMICO E VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE INFORMATIZAÇÃO (ONG ONU ASSOCIATED MEMBER) E MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DA CULTURA, COM SEDE EM BRASÍLIA.

RECENTEMENTE FORAM-LHE CONFERIDOS OS TÍTULOS DE GRAND DOCTOR EM CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS E O DE GRAND DOCTOR EM FILOSOFIA E O DE PH.D. EM CIÊNCIAS MÉDICAS, PELO GOVERNO DA FEDERAÇÃO RUSSA.

SOBRE A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA:

SE OS LIVROS TIVESSEM PREÇOS ACESSÍVEIS, TODOS PODERÍAMOS COMPRÁ-LOS. A DIGITALIZAÇÃO DESTA OBRA É UM PROTESTO CONTRA A EXCLUSÃO CULTURAL E, POR CONSEQÜÊNCIA, SOCIAL, CAUSADAS PELOS PREÇOS ABUSIVOS DOS LIVROS EDITADOS E PUBLICADOS NO BRASIL. ASSIM, É TOTALMENTE CONDENÁVEL A VENDA DESTA E-LIVRO EM QUALQUER CIRCUNSTÂNCIA. DISTRIBUA-O LIVREMENTE.

“Para todos os “Fanciulli” que, como eu, contestam as principais idéias desta “obra”.

APRESENTAÇÃO

Em 1981¹, Antonio Meneghetti afirmava: “Neste ponto, eu iniciarei quase um abandono de interessar-me pelo mal, pela psicoterapia de cura, para abrir um outro caminho, aquele da aprendizagem da energia primária da vida, que é a inteligência.

Hoje, no mundo, discute-se sobre o petróleo, o carbono, o urânio, etc., e isso nos preocupa; mas, a energia-base que funda todas as outras é a inteligência. Um povo, uma escola, que saibam gerir esse enorme poder da inteligência, possuem a energia-base que pode controlar qualquer outra energia. Trata-se de entrar diretamente no mérito de como se facilita a inteligência, de ensinar às instituições como serem produtoras de inteligência, não de estilos, de costumes, de morais ou regras, mas de inteligência em si e por si.

Dada uma situação, determina-se um só ponto ótimo que a resolve, e colher constantemente este ponto é o máximo de inteligência. Consentida a aprendizagem do ponto ótimo e a realização interna e externa a cada indivíduo, então se determina também uma humanidade maravilhosa”.

Como os pensadores do humanismo tardio esforçaram-se em informar seus princípios aos reformadores políticos e sobretudo “o príncipe”, para formar-lhe a consciência humana e desenhar-lhe a figura ideal, o líder, entendida como “o momento providencial do espírito no mundo”, torna-se o perno central do pensamento e da obra de Antonio Meneghetti.

A teoria e a prática da liderança tornam-se uma verdadeira e própria filosofia de vida, da qual deriva uma visão política, científica e social do mundo.

Daquele momento, deixando para trás a vasta experiência maturada no ensino universitário e sobretudo na práxis psicoterápica com milhares de clientes, o autor endereça a “ação-

ponta” da sua ontopsicologia à autenticação do potencial intelectual e criativo dos líderes de todas as partes do mundo, operantes na política, na economia, nas profissões e na arte.

A fórmula preferida pelo professor Meneghetti para as suas intervenções de alta formação é a do Residence²: um estágio residencial, com duração variável entre três e nove dias, desenvolvido em lugares ecologicamente puros e de rara beleza, nos quais os melhores confortos não excluem os participantes de uma corroborante relação metabólica com uma natureza que consente transparência interior.

Este volume nasce da transcrição coordenada de conferências realizadas durante os residence desenvolvidos nos últimos anos em alguns países da ex-União Soviética, na América Latina, na Europa e na China.

O Residence de desenvolvimento de liderança, mantendo alguns aspectos gerais constantes, é adaptado, cada vez, às características específicas dos participantes de 20 a 50 pessoas.

O critério que nos guiou na escolha das diversas contribuições que compõem o texto é o da generalidade de interesses pelas temáticas tratadas.

Como o próprio Autor sublinha, esta é uma “escola viva”, isto é, “um conhecimento que gera vida, uma iniciação que leva para dentro do princípio, às causas que ativam o real”.

No curso deste tratado sobre o líder, o Autor expôs algumas regras elementares que podem ser utilizadas em qualquer campo de superior “management”, seja econômico, científico ou político.

No estilo de criatividade contínua que distingue a obra do Professor Meneghetti, este texto não se propõe como contribuição definitiva à formação do líder, mas quer ser uma primeira contribuição à formalização de uma práxis já

demonstrada como instrumento eficaz de autenticação para líderes protagonistas.

Sentimos não poder fazer uma referência, nem mesmo em síntese, à visão ontopsicológica, cultura completamente nova, à qual o Autor faz constante referência. Por isso, é indispensável remeter-se aos vários textos já publicados. Para brevidade de conhecimento, indicamos o volume “Manual de Ontopsicologia³.”

Notas:

1. MENEGHETTI, Antonio. *L'In Sé dell'Uomo*. 2 ed. Roma, *Psicologica Editrice*, 1993.

2. MENEGHETTI, Antonio *Il Residence Ontopsicológico*. 3 ed. Roma, *Psicologica Editrice*, 1993 (Para um quadro de referência completo da metodologia aplicada no Residence e da sua articulação interna).

3. MENEGHETTI, Antonio. *Manuale di Ontopsicologia*. Roma, *Psicologica Editrice*, 1995.

INTRODUÇÃO

A quilo que formalizarei neste texto é absolutamente novo no mundo da ciência e do “business”. Fornecerei as coordenadas de sentido, de significado elementar e científico com referência ao protagonista “líder”, “businessman” e “manager”.

A minha exposição mover-se-á através de uma tríplice medida de observação e de constituição: o parâmetro da psicologia científica, o parâmetro da experiência econômica¹ e o parâmetro da descoberta fundamental que a Ontopsicologia implica em todas as suas aplicações e análises. A visão ontopsicológica é uma novidade absoluta que antecipa de modo definitivo qualquer conhecimento racional humano. Aos maiores tratados de economia e às melhores escolas de psicologia de todos os tempos, esta anexa uma carta a mais que dá vantagem segura a todas as atividades cognoscitivas e operativas.

A Ontopsicologia é um conhecimento radical que fundamenta todos os outros conhecimentos do homem. A sua análise-base pode ser aplicada nos campos econômico, médico, artístico, pedagógico, etc. Em um primeiro momento, dá o conhecimento substancial de como estão as coisas; em seguida, segundo o escopo e o objeto específico da pesquisa do operador, dá o método centrado no sucesso exato.

1g Esta ciência descobriu o desenho, a forma-base que a vida mesma opera no interior das próprias células, das próprias individuações. É um conhecimento científico que entra no núcleo do primeiro fazer-se da inteligência do homem.

O desenvolvimento deste tema sobre a liderança e sobre a formação do líder consta de três momentos:

1) análise e apresentação da figura do líder (quem é?, o que deveria ser?, quais conhecimentos deveria ter?);

2) como se pode auxiliá-lo psicologicamente. Nesta segunda fase, serão expostos quais são os perigos, os elementos que ele tem contra si na vida quotidiana, de maneira que se possa premunir e possa ser vencedor na terrível dialética que vive a cada dia;

3) aplicação prática com um filme famoso sobre o mundo do “business”: “Wall Street”. Através deste, será possível fazer a análise de um grande homem de negócios e compreender por que alguns vencem e outros perdem.

Os três pontos serão aproximados constantemente de exemplos concretos, com a finalidade de mostrar que aquilo que ensino não é pura teoria, mas é vivido constantemente pelo líder. Portanto, será uma escola viva.

Nota:

1. Quero recordar que sou um homem rico, sei como se faz o dinheiro e como usá-la, por isso sou um prático do dinheiro, não um teórico.

1. O PROBLEMA DE FUNDO

Há cerca de setenta anos, em toda a Europa, surgiu um endereço de pensamento chamado “existencialismo”. Um existencialismo negativo ou, pelo menos, niilista. Os maiores escritores, artistas e filósofos, nesse período, expressaram a dimensão esquizofrênica do homem. Por exemplo, Chagall começou a dar imagens estranhas que escolhia no mundo dos seus sonhos. Ele havia compreendido que do homem não se compreendia mais nada e então se divertia colocando em arte os símbolos infantis de uma estúpida mensagem, aquelas dos sonhos. Picasso começa a quebrar todas as figuras: a esquizofrenia pura, expressa nas imagens da arte. Isso acontece em quase toda a arte informal.

George Orwell escreve seu famoso romance “1984”, ao qual prevê a situação de esquizofrenia coletiva que se verificou em tantos países. Martin Heidegger afirma que toda a existência é um viver para a morte. Um grande escritor italiano, Giovanni Papini, escreve seu mais famoso romance, intitulado “Um Homem Acabado”. Camus escreve “A Peste”, no qual delinea que todo o destino do homem acaba em uma inútil doença. Alexis Carrell, grande biólogo e prêmio Nobel, escreve um livro intitulado “O Homem, este Desconhecido”. Maurice Blondel escreve “O Homem Contra o Humano”. Poderia continuar com muitíssimos exemplos de literatura, de análise, de sociologia, nos quais é constantemente demonstrada a fragmentação, a ruptura do sentido unitário do homem.

Ainda hoje, toda a produção cinematográfica de qualquer parte do mundo não exprime outra coisa senão a esquizofrenia. Os maiores filmes são escritos por psiquiatras que extraem as personagens dos doentes mentais que hospedam nos seus manicômios. O extraordinário é que esses filmes agradam,

portanto quer dizer que refletem algo de íntimo, de real em todos os espectadores.

Também nos desenhos das crianças de todo o mundo, os temas constantes são a agressividade, a guerra, o vampirismo, os alienígenas e os símbolos do monitor de deflexão.

Somos filhos dessa cultura, mas também se voltasse-mos atrás, para as outras gerações de milênios, para nós seria, de todo modo, difícil recuperar o homem segundo a intenção, o projeto da natureza.

Substancialmente, qualquer ciência e civilização perderam a dimensão do homem, segundo o projeto originário da vida. Uma vez que o ser humano é carente da própria verdade interior conforme o projeto da natureza, ele encontra-se disperso e caótico. Nenhum homem sabe mais o que é certo e o que é errado: cada um, quando deve emitir um juízo de bem ou mal, imediatamente uniformiza a própria mente àquilo que aprendeu na família, àquilo que diz a sociedade ou àquilo que prega uma religião.

A multiplicidade das morais, das filosofias, das tradições são o espelho dos estereótipos que a civilização humana construiu ao longo dos séculos. Porém, essas morais são todas opiniões impostas, também com violência, pela lei, não são formas de vida.

As morais são uma forma de economia no interior dos grupos sociais, uma economia política, social, de existência, de relações, portanto uma ordem de convivência.

No âmbito da nossa sociedade ocidental, existem variações normativas. Em psicologia e psicoterapia, quando se diz que um filho deve autonomizar-se da influência afetiva da família e, em modo particular, da mãe, parece um escândalo contra as boas regras da sociedade. Por outro lado, todos os jovens na idade de dez, onze anos que decidem seguir a carreira sacerdotal, desde pequeninos devem deixar a família e viver no colégio, para

serem bravos monges ou sacerdotes a serviço da religião. Por isso, não vêm mais o pai e a mãe, mas devem pensar só na forma religiosa, e isto é considerado maravilhosamente santo.

Um grande filósofo, Edmund Husserl, se dá conta de que a ciência perdeu o concreto da verdade do homem sobre o plano econômico, médico, moral, político e sobretudo psicológico. Depois de ter demonstrado a ignorância de todas as nossas ciências européias, ele sustenta que o caminho para recuperar a possibilidade da exatidão científica é a psicologia.

Quando digo “exatidão científica” não é preciso pensar só no átomo, na matemática, na física, na química, mas também no problema de como escolher a própria vida aqui e agora. Portanto, exatidão também em referência ao critério a ser usado para enfrentar bem a própria vida e a ter a bússola exata na viagem quotidiana da própria existência, tanto em nível individual como nos negócios.

Husserl não é psicólogo, mas conhece a psicanálise de Freud, de Jung, de Adler, a psicologia de Vygotskij, a psicopedagogia de Piaget, o comportamentalismo de Watson, a psicologia reflexológica de Pavlov, Wundt, Mesmer, e outros, e afirma que não são estas psicologias que podem recuperar o critério de exatidão da vida: a única psicologia capaz de reencontrar o critério de exatidão, de verdade, de realidade é aquela que está em condições de entrar no mundo da vida, isto é, aquela ciência que conseguir perpassar todas as opiniões e as tradições e acessar diretamente ao fazer-se das coisas, segundo as leis eternas do universo.

Também, todo o vasto pensamento de Gurdijeff² motiva-se sobre a convicção de que, para além das aparências, para além das opiniões, para além das ciências, existe algo de comum, de universal em todos aqueles que participam da vida da natureza. Todos os grandes pensadores sabem que existe a possibilidade da verdade no íntimo último do homem.

As nossas matemáticas são exatas até certo ponto, além do qual não são mais. Também os nossos medicamentos funcionam em um certo âmbito, em uma certa proporção, mas fora desta não temos exatidão no campo químico.

Muitos foram os tratados escritos sobre a condução de uma empresa, sobre como deve ser o “manager”, mas nenhum, até hoje, demonstrou-se exato. Immanuel Kant, quando afronta o problema se o homem é capaz da exatidão da verdade coloca-se no dever de responder, com a “Crítica da Razão Pura”, que não é possível. Ou seja, o homem, baseado no tipo de razão que é usada, não pode ter o critério da exatidão da verdade. Substancialmente, Kant conclui que não podemos conhecer cientificamente a verdade, porém somos verdade e praticamente a possuí-mos. Quando vejo o céu, eu sei que existe algo de extraordinário como deus; quando observo a minha consciência, sei que existe o misterioso que é deus, mas não posso demonstrá-lo. Quando Cristo afirma: “O reino dos céus está dentro de vós”, ninguém compreende o que entende (o reino dos céus é o critério de exatidão).

Husserl sustenta que a verdade está no mundo da vida, e é possível àquela psicologia conseguir alcançar o mundo da vida. Porém, acrescenta que é preciso superar diversas “epoché” da fenomenologia, diversos véus, diversos fenômenos. Isto é, é preciso fazer ato constante de transcendência de todos os estereótipos.

O mundo da vida é a intuição pura, a intuição exata. A escola ontopsicológica encontrou a passagem para chegar à formalização desta intuição pura que o sujeito possui por natureza. O seu grande mérito está no ter descoberto o método técnico para acessar ao nascimento da intuição pura. Isto é, a Ontopsicologia conseguiu isolar o formal desta intuição pura, que define “Em si ôntico”.

No interior da nossa consciência lógica, existem fantasias, experiências, opiniões, certezas, mas qual é a escolha realmente concreta e vencedora? É importante saber a atitude, a escolha ressaltada pela intuição do Em si ôntico.

O Em si ôntico usa qualquer palavra (as dinâmicas, p - soes, os instintos, a fantasia, o sonho, o corpo, a doença) para definir o sentido do seu discurso. Não é importante individualizar todas as palavras, mas ver que sentido tem um discurso. E qual é o vetor-base a todo um complexo energético.

A Realidade do Homem

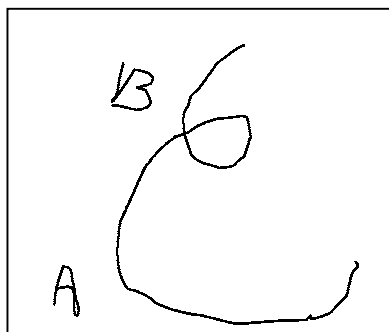


Figura 1

A radicalidade da realidade “A” é o Em si. O mundo dos sonhos está situado nesta realidade. “B” é a zona consciente, voluntária, possível de ser conscientizada. Quando nós lemos a fenomenologia deste nível (com a memória, a vontade, o desejo, o programa), é difícil descobrir a linha direta, autêntica do Em si ôntico, porque a mensagem chega confusa e desviada. Também quando a grafia do sonho sublinha algumas imagens, no interior destas existe contemporaneamente o engano.

Para saber onde está o meu irrepetível critério vencedor, devo reencontrar a partida radical da comunicação do Em si

ôntico. É a presença ou ausência do Em si que discrimina, respectivamente, a vida ou a morte. Este está presente em tudo aquilo que faz mais vida, mais crescimento, mais saúde; a sua perda determina doença, dor.

Para realizar o egoísmo vital do sujeito, o Em si ôntico é um radar infalível, porque participa da inteligência cósmica. Reencontrada de modo científico a emanção radical, autêntica deste Em si, tem-se a infalibilidade. Em qualquer situação que o sujeito se encontre, o seu Em si assina-la sempre o ponto vencedor, o ponto de sucesso, o ponto vital. O Em si é transcendente a todas as morais, a todas as religiões, a todas as culturas, porque participa da lei eterna da ordem cósmica; é e tem a identidade da lógica da vida em si. Qual vida? Não toda a vida, mas a minha vida. O Em si se interessa somente por mim: eu dentro da vida.

A dificuldade sob o plano de análise está no saber distinguir a pulsão do Em si das pulsões complexuais, das pulsões de campos semânticos alheios e das pulsões dos rigidismos mentais da infância.

O Em si, de modo analógico, é também participação substancial da divindade. Este, porém, não é religioso, não tem fé, ou seja, está centrado sobre o ponto preciso no qual deve ser por lei universal naquele momento. É o olho da exatidão divina no homem, mas não crê em nenhum deus, em nenhuma igreja, em nenhuma moral. É simples exatidão.

Do interior radical do indivíduo, o Em si tem a possibilidade de polarizar a sua análise em qualquer campo de investimento do sujeito e de constelar-lhe os diversos setores. Saber usar esse princípio significa poder controlar a própria vida em qualquer campo. Centenas de grandes “businessmen” americanos e europeus têm descoberto que este critério é infalível também no indicar onde está o ganho e onde está a perda.

Notas:

1. MENEGHETTI, *Antonio*. *Il Monitor di Deflessione nella Psiche Umana*. Roma, *Psicologica Editrice*, 1985.

2. Cfe.. OUSPENSKY, P.D. *Frammenti di un Insegnamento Sconosciuto*.

2. A FIGURA DO LÍDER

Com o termo “líder”, entendo o homem com referência ao objeto do dinheiro, o dinheiro como poder na vida. Sem dúvida, o dinheiro é o mediador comum de todas as relações econômicas neste planeta. Este é garantia de liberdade e de personalidade, é um prêmio a quem vence.

Falando do líder, é fundamental, antes de tudo, a pessoa. O verdadeiro líder é o momento providencial do espírito no mundo como mão de auxílio para muitos. Ele é o homem que, através do próprio egoísmo, realiza também o interesse público. Um grande líder, quando desenvolve os seus negócios, desloca bens, interesses, dá trabalho a centenas de pessoas, estimula a sociedade, a vitaliza, impõe uma dialética que dá impulso de progresso.

Por exemplo, hoje em todo o mundo cantam-se as mesmas canções, estamos informados sobre as mesmas coisas, temos mais ou menos as mesmas roupas, os mesmos perfumes: tudo isso é um produto de unificação que os líderes econômicos operam em diversas partes do mundo, criando uma unidade de psicologia, de mercado, de interesses e fazendo de toda a humanidade um só povo. Não quero dizer que o “businessman” é um homem que leva somente valores, existem também tantos perigos conexos com a liderança nos negócios, mas, sem dúvida, é um estimulador de progresso. Ele oferece os meios, a riqueza, coisas melhores a todos. Depois, é um problema interior, individual, como usá-los.

O líder é um produtor de paraíso externo, não necessariamente de valores morais interiores. Mas também o paraíso externo é algo que faz parte do prazer da vida. Além disso, é um estimulador de inteligência e de dialética, que impõe uma aceleração à existência; por isso, substancialmente é um estimulador de super-homens. É um homem que compreendeu

que “ou dominas ou és dominado”. É uma capacidade e uma escolha.

Precisemos agora estes três termos: “manager”, “businessman”, “líder”.

“Manager” - significa “alguém que manobra ações”.

“Manager” é uma palavra de origem inglesa, mas a sua etimologia é latina: “manus agere”, “manibus agem”, isto é, “fazer com as mãos”. Com este termo, entendo a pessoa que se pode definir operador econômico (economia no sentido de dinheiro), isto é, desloca objetos, coisas e situações, sempre com referência ao dinheiro. Pode ser entendida na forma privada ou pública.

“Businessman” - literalmente significa “o homem de negócios”, “o homem para o negócio”. Defino-o como “operador de utilidades econômicas”. A diferença entre “manager” e “businessman” é que o primeiro é, de todo modo, um operador com interesses econômicos, mas não necessariamente referente ao lucro; ao invés, o “businessman” age somente se existe o lucro e para o lucro.

“Líder” - propriamente indica o dirigente, a pessoa-vetar, a pessoa que controla as operações. É uma capacidade de síntese de um contexto de relações. É o centro operativo de mais viações e funções. O termo ótimo para defini-la é “hierarca” (do grego hierá = sacras funções; ar-chás = princípio): princípio do fazer, princípio da ação. Substancialmente é um hierarca de funções: as constrói, as controla, as desenvolve, as dirige, sempre com referência a um escopo definido. “Centro operativo” não significa que é um indivíduo que se coloca sobre os outros e comanda; esta é uma projeção infantil. O líder é alguém que constrói a função, a apara quando necessário e a aperfeiçoa; portanto, é um artesão. É alguém que sabe fazer as relações com vantagem, com ganho. É um vetar proporcional de mais pontos-força. É uma pessoa que, pré-fixado um escopo, busca e cria os meios e as pessoas funcionais ao escopo. Todas as relações que dependem

dele são somente instrumentos causais ou causas instrumentais; de tudo o que acontece em referência ao seu contexto, ele permanece a mente. É a mente operadora de funções a um escopo. 'Centro operativo' significa também que o líder é o estrategista econômico dos meios para atingir o escopo.

O líder não faz parte da média normal dos seres humanos, mas é um diferente, um superior. Possui em si mesmo algo que se pode definir "vocação ôntica¹". Por um determinado aspecto, ele nasce já com a predisposição, com a atitude: tem um dote natural. Depois, através da vida e da escola, aprende o ofício. O líder, portanto, se diferencia da maioria dos seres humanos porque tem a capacidade de ser vetor de funções, vetor de valores, condutor de mais termos. Não é o resultado de uma carreira, de anos, mas é uma predisposição de natureza que vem aperfeiçoada através da experiência. Portanto, em um certo sentido, líder se nasce, mas também se torna.

Se um indivíduo nasce líder, mas não é capaz de tornar-se, isto é, não sabe adquirir aquela cultura, aquela experiência, não sabe fazer aqueles sacrifícios, não sabe atingir aquelas técnicas que são próprias do líder, ele termina doente, esquizofrênico ou neurótico, mais do que os outros. Muitos esquizofrênicos e neuróticos são assim porque não foram capazes, por meios e vontade, de aperfeiçoar e concretizar a sua capacidade nativa. Porém, o líder toma-se doente só se a sua incapacidade é devida a sua culpa psicológica. Se, ao invés, o líder natural é impedido por causas externas, objetivas, ele não adocece, mas igualmente se aperfeiçoa em uma superioridade moral, espiritual e política.

Uma vez que a natureza dá a capacidade, dá a vocação para sermos de um modo superior, é necessário responder. O líder, tendo recebido mais da vida, quando é jovem (até os 30-35 anos), deve sofrer muito. Sofre porque está construindo, ainda, a si mesmo, está construindo em um plano superior a própria personalidade, a própria capacidade técnica de ser mente de mais funções. O líder é posto pela natureza para ser uma função para

muitos. É uma necessidade da natureza, não é uma construção social.

Analisando a fundo a vida de todos os animais, constata-se que o animal que nasce líder evidencia-se imediatamente em relação ao animal que nasce só sadio. Nos grupos de animais - de qualquer espécie - estabelece-se instintivamente uma hierarquia naturalística. Primeiro se estabelece a hierarquia do líder e só depois os indivíduos daquele grupo comem, lavam-se, acasalam-se. A primeira regra inflexível da natureza é estabelecer quem é o líder.

Nós somos um composto pluriorgânico celular, porém o cérebro é o centro funcional deste mundo pluricelular. Na sociedade humana, se falta o líder, desencadeia-se a guerra civil. O líder é exatamente aquele que, através da inteligência, sabe garantir a função a todos. Não é um que sufoca, que inquire, que destrói. Este conceito de liderança é infantil. O líder é aquele que sabe servir, que sabe fazer funcionar, que sabe construir a harmonia das relações entre todos, para que exista um nível máximo de produção de valores e de coisas. É alguém capaz que sabe salvar e sabe ser funcional a todas as partes, até que todas as partes estejam harmonizadas a uma produção de unidade simples.

Pode comandar somente aquele que sabe servir mais do que os outros. Um verdadeiro líder reconhece um outro líder no modo no qual este último sabe servir e obedecer mais do que todos, quando entra no território de um outro. É um líder justamente porque sabe fazer mais do que os outros. Ele é posto pelo Ser a serviço da vida.

O líder é aquele que sabe individuar a “divina proporção”, a proporção de como está a realidade, de como se movem as relações de encha da vida e sabe, momento a momento, situação a situação, aplicar a “fórmula” certa de modo a dar a solução

vencedora. É um exato formalizador de “fórmulas de vida”, um solucionador de funções de existência.

No seu fazer, agir, absolver, ele tem também a possibilidade prática, factiva, concreta do fazer criativo. A divina proporção, de fato, não só resolve, toma evidente o Ser, mas é também a via de acesso ao mundo das causas, assinala a passagem do fenômeno ao númeno. E nisto revela ao homem a lei eterna da harmonia, na qual a consciência se anula para deixar espaço à visão (da Ontopsicologia se acessa à OntoArte).

No curso da exposição, basear-me-ei no “businessman”, mas o quanto formalizarei pode ser ampliado ao “manager” e ao líder. De fato, um verdadeiro líder deve ser um “businessman” do seu grupo, isto é, um produtor de progresso, de utilidades, de lucros, para si próprio e para todos.

Uma vez que se delineou a superior capacidade e individuou o escopo, os meios substanciais e existenciais da personalidade do líder são três constantes: a formação cultural, a transcendência dos estereótipos e o conhecimento do inconsciente (dos campos semânticos e do Em si ôntico).

2.1. FORMAÇÃO CULTURAL

Este primeiro nível se articula em três aspectos: cultura geral, cultura específica, experiência nas relações diplomáticas.

a) Cultura Geral - O “businessman” deve ser um homem informado sobre a cultura do seu país e do seu ambiente. É suficiente uma cultura média de universidade.

Deve saber um pouco de tudo e bem (arte, música, psicologia, etc.), porque sendo um operador no interior dos interesses humanos, deve conhecê-los.

b) Cultura Específica - No campo operativo pré-escolhido, deve ser um máximo “expert”. Um comerciante de seda, por exemplo, deve saber tudo sobre a seda, seus possíveis modos de preparação e manufatura. A inteligência no próprio setor é a garantia para progredir economicamente.

Ele deve ter uma cultura teórica e prática. “Prática” significa que deve conhecer de modo manual, concreto, o objeto do seu trabalho. Se, por exemplo, faz peças de vestuário, não deve ser “expert” só em relação ao material, mas também no modo ou tipo de costura, de precisão: qual fio, quais botões, quais proporções, qual corte, porque isso faz a enorme diferença de um paletó ou de uma calça, quando são apresentados à concorrência de mercado.

O princípio das pessoas superiores na vida é determinado pelos mais inteligentes no seu campo específico. Não é a preciosidade do objeto que qualifica o sucesso,

29 mas é a superioridade de preparação do operador, isto é, é a inteligência do homem-operador que faz o objeto precioso. A primeira economia de todo o universo é sempre a inteligência. É a inteligência da pessoa que constrói a riqueza, o dinheiro, os

meios, os valores: este é o fundamento e o real princípio de qualquer bem-estar. Vale dizer que, se as coisas não vão bem comercialmente, é o operador que é incapaz.

A alta cultura no próprio setor deve ser adquirida pelo líder progressivamente, fazendo uma acurada seleção das “escolas” e das experiências.

c) Experiência nas Relações Diplomáticas Deve ser um artista no saber orquestrar as relações com os diversos agentes do seu contexto.

O aspecto diplomático eles constrói-se através das relações com as pessoas: é preciso saber ganhar as pessoas, se querem ganhar o seu dinheiro e aquilo que elas têm.

Este é o ponto fundamental de um operador econômico, de um “businessman”, de um grande psicólogo: saber ganhar as pessoas; não se pode pretender que sejam elas a reconhecer a nossa grandeza. Colocar os outros em obrigação de compreender é uma pretensão infantil, significa ser perdedor. Deve-se possuir a arte de saber ter relações com as pessoas certas, aquelas que contam. A diplomacia é a arte superior e está na base dos maiores governos. Os povos fazem as guerras, mas no final vencem aquelas nações que têm a diplomacia mais inteligente. A melhor diplomacia do mundo foi aquela do Vaticano. O seu perdurar por dois mil anos não é em referência à grandeza de Cristo, é simplesmente por uma estratégia de inteligência específica na arte da diplomacia dos cardeais, papas, etc., que têm sabido “trabalhar” bem a psicologia humana.

Qualquer operador - “manager”, “businessman” e, sobretudo, o líder - como primeiro dom, depois da sua maturidade, deve ter a capacidade de saber produzir pessoas funcionais ao seu escopo. Deve construí-las, porque não se encontram já prontas. É um problema que cada líder deve resolver sozinho.

2.2. TRANSCENDÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS

O segundo nível diz respeito à necessidade de ter uma maturidade capaz de transcendência dos estereótipos. “Transcendência” significa colocar-se antes, colocar-se acima das partes. Nesse contexto, uso o termo “transcendência” para indicar a capacidade racional do “businessman” de estar acima das morais e das culturas correntes. Do momento que o escopo da sua ação são os lucros, em relação a estes, ele deve ter a capacidade de organizar diversas coisas, diversas idéias, diversas situações, diversas ideologias, não se enrijecendo em uma moral, em uma cultura, em uma tradição fixa que o preorienta. Portanto, “transcendência” como atitude a colocar-se acima de determinados valores para realizar o escopo do ganho, o escopo do poder.

Este aspecto deve estar sempre de acordo com o primeiro nível, isto é, cultura e diplomacia, por isso não se pode ofender as pessoas, nem se deve destruir os valores humanísticos, ideológicos, políticos, etc., é preciso transcendê-los. O “businessman” deve ter uma inteligência econômica transcendente aos estereótipos.

“Estereótipo” é uma conduta, um hábito geral, um modo mental comum a uma sociedade ou a um grupo. São estereótipos o constituir família, o modo no qual a mãe deve comportar-se com o filho, um modo religioso, um modo cultural, um modo político, um tipo de burocracia, isto é, todas aquelas condutas que os seres humanos, em cada sociedade, consideram absolutas.

Trago este exemplo. No Brasil, em Salvador, no mercado mais importante, havia um comerciante muito inteligente, o melhor antiquário do norte do Brasil, que vendia objetos religiosos: ícones, estatuetas de nossa senhora, cristos, e também divindades africanas (macumba, sincretismo afro-cubano), tranqüilamente todos juntos e tranqüilamente frente a todo o

público. Para nós, católicos, é importante a Virgem Imaculada, a sublimação, a forma de separação dos instintos e de tudo aquilo que está conexo com eles, ao invés disso, para as religiões pagãs, é importante a fertilidade do instinto. Alguns deuses pagãos são importantes pela grandeza dos seus genitais, porque é dos genitais que se dá a riqueza da vida, da terra, da mulher, por isso o deus é garantia de graça e de grandeza somente se é garantia de genitalidade. No final, graça é tanto um como o outro, tudo é relativo. Aquele antiquário se preocupava somente com que os ídolos e as estátuas fossem esculpidos com perfeição, não lhe importava de que religião fossem. Provavelmente para si próprio, na sua vida privada, na sua psicologia pessoal, tinha uma religião, mas no comércio era capaz de transcender aos estereótipos da sociedade em que vivia, por isso expunha, juntos, a Virgem Maria e um velho cabrito com desmesurada ereção.

Tornemos o exemplo da venda de armas. Quem fabrica armas e quem as vende não se sente responsável pelas guerras nem pelos assassinatos que acontecem no mundo. Na sua ótica, o responsável não é quem as vende, mas quem as usa. Num certo sentido, é verdade, porque se pensarmos na fábrica que faz as facas, que depois nós usamos na cozinha para o alimento, a intenção não é a de fazer armas assassinas; o responsável é quem compra a faca, depende do uso que ele faz. Portanto, quem faz a faca é transcendente ao uso que farão os adquirentes. Podemos afrontar diretamente também o terrível problema da droga. Lucidamente, eu afirmo a mesma coisa que disse para as armas, para as estátuas e para as facas. A droga, de per si, é um elemento químico, o responsável é quem a usa de modo perverso. Antes de dar a máxima culpa a quem a produz e aos comerciantes, considero maior culpado quem a usa de modo habitual e distorcido. Com isso não quero justificar, mas simplesmente explicar o que é a transcendência dos estereótipos.

Um “businessman” deve ter esta lógica transcendente, de outro modo não pode realizar um certo tipo de comércio. No

fundo, o fato de a droga estar seguindo o mesmo itinerário do álcool, nos anos 30, desencadeou a época da proibição, como atualmente a droga; mas, hoje, a produção do álcool é livre e se remete à responsabilidade de quem o desfruta, se usá-la e como usá-la.

A tarefa do psicólogo é aquela de fazer compreender que é necessário alimentar a responsabilidade nas pessoas, não nos produtores de massa, porque os produtores de massa são efeitos consequentes das escolhas que fazem os indivíduos no interior de uma sociedade, por isso o mérito ou a culpa permanece sempre na pessoa. Também o mar é perigoso, assassina milhares de pessoas. Quem vai para água e não sabe nadar se afoga, mas nem por isso o mar é assassino por princípio, depende se as pessoas têm ou não a maturidade de poder gozar o mar de um certo modo. Antes ainda da sociedade, quem dá a categoria de valores é o indivíduo. A moral é relativa ao sujeito, à pessoa.

Quando um jovem se apresenta para o trabalho a um grande “businessman”, a primeira coisa que este faz é a análise da pessoa. Não verifica quanto dinheiro tem, mas sobretudo se tem capacidade vencedora e de autocontrole constante. Avalia sua história, seu passado, todo seu currículo, mas, depois, a análise que dá o sim ou o não é aquela do psicólogo. Não é o psicólogo de universidade ou do estado, mas um psicólogo eminente, porque ninguém pode confiar uma enorme fortuna a uma cabeça qualquer. Portanto se observa se a personalidade do aspirante está em condições de transcender todas as exigências dos homens comuns.

Os estereótipos do homem comum são: sexo, agressividade, amor, família, filhos, mulher ou homem, tendência ao alcoolismo ou à droga, necessidade de amigos. Se um indivíduo consegue superar pelo menos todos esses estereótipos é já um vencedor seguro, capaz de administrar enormes riquezas.

Os estereótipos que paralisam os comuns mortais são, sobretudo, três: sexo, amor (o “partner”, os filhos, etc.) e vício particular. Existem muitos homens que são capazes de transcender o sexo e o amor, porém têm o perigo na específica mania introvertida; particulares interesses ou amores por um certo tipo de objetos, de roupa, de droga, de medicamento, de estatueta, de religiosidade, uma mania de voyeurismo, de comportamento neurótico ou esquizofrênico, em referência a algo de parapsíquico diabólico. As inteligências extraordinárias não têm o vício comum da massa, mas específicos vícios introvertidos, próprios daquele nível de inteligência.

Um grande “manager” deve ter a capacidade de ser autônomo desses três estereótipos quase que universais das pessoas de inteligência superior. Muitos chefes de polícia, muitos juizes, muitos sacerdotes, artistas, filósofos, cirurgiões, psiquiatras estão em condições de serem autônomos e imunes ao sexo e ao “partner”, mas quase nunca estão imunes ao terceiro tipo de estereótipo: a esquizofrenia superior introvertida e latente.

Existem diversos níveis de ambição. Um homem comum pode ser feliz também com um quociente de realização “dez”, enquanto que quem nasce com uma atitude a “mil” deve realizar “mil” para ter a paz. Cada um realiza a si mesmo tanto quanto sabe dar à própria ambição.

O homem comum tem um certo tipo de problema, enquanto o homem superior tem outro gênero, não tem tempo para questões como o dinheiro, o sexo, o comer, a família. Tem uma outra especificidade problemática. Tomemos, ao nível de artista musical, Beethoven. Para um músico qualquer, é suficiente ser um habilidoso pianista executar, ou então um discreto compositor para ser feliz. Ao invés disso, a mente de Beethoven é inquieta, não tem paz, porque deve realizar a formalização na visão existencial daquilo que é pura intuição, deve individuar o fenômeno mais preciso para dar revelação àquela visão de transcendência de pura forma metafísica. Por isso, o bravo

pianista talvez resolva a sua satisfação artística, mas o grande Beethoven não alcança a sua paz. São universos de sentido diferentes. Igualmente acontece no mundo do “business”.

No que se refere à família e aos filhos, o tipo de relação para com eles depende de qual é o nível de inteligência que se quer operar; para um “businessman” normal, basta um afastamento psicológico, para um “businessman” de extrema forma superior, o afastamento na sua mente deve ser total.

O segundo nível da formação do líder não se aprende na universidade ou na academia, mas somente nestes caminhos: experiência, psicoterapia de autenticação e mestres de vida. Isso pertence aos grandes “businessmen”, não aos pequenos homens, porque para o grande “businessman”, o dinheiro é somente um meio, uma ocasião de exercício de inteligência superior. O mesmo princípio que motiva, por exemplo, a tomar-se um grande sacerdote, artista ou filósofo. A religião, a arte e a filosofia não são o escopo de suas vidas; o seu objetivo é a auto-revelação superior que podem atingir através da instrumentalização lógica da religião, da arte e da filosofia.

A primeira exigência, a sede constante que tem um grande “businessman”, é a superioridade da inteligência e da moral. Ele organiza, joga, administra as dimensões e os interesses dos homens comuns (age e reage sobre o mercado do petróleo, da madeira, do dinheiro, do ouro), mas o seu coração está onde o supremo do ser se fulcra. É uma mente que, mais do que as outras, se interessa em saber “quem é”, “de onde vem” e “para onde vai”. Nos vários grandes “businessmen” que encontrei, era prioritário, categórico, carnal, sangüíneo, o significado do ser, da vida. Quando o grande “businessman” toca problemáticas metafísicas, sentem-se dimensões, quânticos de sentido que se deslocam. Um verdadeiro, grande “manager”, líder ou “businessman”, não prega deus, não crê em deus, mas simplesmente o auxilia.

2.3. CONHECIMENTO ONTOPSICOLÓGICO

Terceiro aspecto desta preparação global da unidade de ação do “businessman” é o conhecimento do inconsciente, dos campos semânticos e do Em si ôntico. Substancialmente é o conhecimento ontopsicológico.

Em diversas culturas, ouve-se discorrer acerca da existência do inconsciente, daquilo que é preternatural, daquilo que é conhecimento intuitivo, paramístico, parapsíquico. A realidade do inconsciente compreende tudo quanto está contido no conhecimento científico e não-científico, mas igualmente real na experiência humana.

O inconsciente é uma parte da vida e da inteligência do homem, uma parte divina, contemporaneamente espiritual e animal, anjo e monstro. Freqüentemente, na sua vida, um indivíduo encontra-se a afrontar situações nas quais gostaria de ter certeza se aquele “business” será afortunado ou se, ao invés, trará perda. A resposta está já no inconsciente de quem opera.

“Inconsciente” é o quântico de vida, de inteligência, através do qual existimos, mas não conhecemos, do qual não temos nenhuma reflexão consciente. Todos os grandes psicólogos, neurologistas, psiquiatras afirmam que o homem usa de dez a vinte por cento do próprio potencial.

Eles sabem que grande parte dos neurônios inatos do nosso cérebro permanecem inutilizados e são perdidos. Todo o quântico não-utilizado pertence à zona do inconsciente.

A psicoterapia de autenticação é o processo de “training”, de formação, que consente ao sujeito recuperar em total consciência o quântico de inteligência que é. O todo holístico do ser humano (consciência e inconsciente) é espírito e biologia juntos; todavia, o espírito não o vemos, mas sabemos que existe, enquanto que os neurônios e o corpo são a fenomenologia

formal da causalidade psíquica, que é espiritual. O inconsciente é intuição, percepção extrasensorial, magia, espiritualidade, lógica intelectiva.

Dos tempos antigos ao mundo dos sonhos àquele dos animais e da natureza (o vôo dos pássaros, o mover-se das águas, o vento), sempre existiu a arte divinatória. Muitas vezes nos encontramos a indagar os sinais, os fenômenos, para compreender onde está a direção do bom resultado.

O império de Constantino foi decidido por uma imagogia*. Todo imperador sempre teve, próximos a si, magos, curandeiros e oráculos. Também Constantino tinha os seus. Fizeram-no realizar uma espécie de imagogia rápida e intensa. Constantino teve a impressão de que, repentinamente no céu, sobre muitas cabeças, aparecia um sinal similar a uma cruz, e uma voz ou intuição dissesse: “In hoc signo vinces” (com este símbolo vencerás). O que significava?

Constantino tinha contra si a melhor parte do exército, os pretorianos, porque o seu antagonista, Massenzio, era o favorito, o mais forte. Massenzio possuía as melhores legiões e a grande Roma a seu lado, enquanto Constantino era um comandante que ainda deveria evidenciar-se. A Constantino foi explicado, pelos seus “experts”, que politicamente deveria formar o exército com as pessoas que acreditavam naquele símbolo, que eram os cristãos. A estratégia política a ser usada era esta: dar a possibilidade a todos os jovens pertencentes às famílias cristãs de tornarem-se soldados, também porque já (e estamos em 300 d.C.) o cristianismo começava a difundir-se. Transformando em exército este enorme povo que ainda era perseguido e não-conhecido, ele lhes dava legalidade. Portanto, formou um grande exército, que tinha o máximo interesse em vencer, porque para os cristãos tratava-se de adquirir o poder, a liberdade, a lei em todo o império. Nesse caso, de uma imagem, de um gráfico fantasioso, espontâneo do seu inconsciente, decodificado corretamente, Constantino toma, tranqüilamente, a vitória na mão.

N.T. : Imagogia - é um instrumento específico da Ontopsicologia.

A célula, posta em um contexto de elementos químicos, assimilará somente aqueles cônsonos à sua estrutura autêntica e rejeitará aqueles não-côngruos à sua estrutura natural. Como a célula já foi dotada pela vida no modo através do qual manter e desenvolver a sua identidade de natureza, assim o homem - célula do universo - é dotado de uma inteligência infalível para estabelecer as interações de vantagem no seu ambiente.

Por muitos fatores históricos, o ser humano perdeu boa parte da sua intuição e inteligência nativas; recuperando esta integridade, é possível o conhecimento para aquilo que diz respeito aos seus interesses.

A escola ontopsicológica, depois de Freud e de tantos outros estudos, conseguiu encontrar a forma que garante a exatidão de conhecimento.

Nota:

1. Cfe. par5. 1, pag. 110.

3. COMO A PSICOLOGIA PODE AJUDAR O LÍDER

Com o conhecimento ontopsicológico, um indivíduo, antes de tudo, está em condições de compreender a estrutura total geral do próprio inconsciente, que é a melhor parte do próprio quântico de inteligência, de vida. Em segundo lugar, pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que o sujeito inconscientemente opera nas pessoas e com as pessoas que estão no seu ambiente. Enfim, pode ter a sensibilidade em relação às interferências que as outras pessoas fazem sobre a sua vida, sobre a sua realidade em âmbito inconsciente. Portanto, pode conhecer as atividades, os módulos quânticos que opera ou sofre de modo inconsciente. A Ontopsicologia dá o conhecimento desses vetores de potência que são os campos semânticos.

Através da instrumentação ontopsicológica, um operador pode conhecer a ordem-base, a “arché” formal e dinâmica de todo o inconsciente e de todo o ambiente em que vive. O que eu disse até agora pode parecer só teorização incompreensível e absolutamente nova. O problema ' é que também se o ser humano não compreende a dinâmica formal dos eventos, é obrigado a vivê-los como efeito. Que tipo de realidade transmite a quem lhe está próximo, à pessoa com a qual trata um negócio, ou trabalha, ou tem uma relação de “feeling”? E qual é a realidade que o outro transmite a ele? Ou a conhece e a controla ou, se não a conhece, inevitavelmente a sofre.

O discurso das determinantes psíquicas inconscientes não é limitado exclusivamente ao âmbito microscópico do mundo individual, mas se estende também aos fenômenos macroscópicos sociais. A mais séria análise ontopsico-lógica já verificou que, seja no alcoolismo, na droga ou nas outras doenças de massa, a causa não é encontrada no elemento químico em si, mas sim em uma exigência psicológica desviada do sujeito, o qual,

se não encontrasse a droga, usaria um substitutivo (o álcool, as lâminas, o petróleo, etc.).

Se quisermos verdadeiramente auxiliar os indivíduos, deveremos encontrar a gênese psicológica, não o instrumento através do qual passa a patogênese. Toda a patogênese se clarifica pela psicogênese. Aqui está o ponto. Somente analisando, compreendendo e mudando a psicogênese, podemos eliminar qualquer patogênese. A Ontopsicologia indaga exclusivamente no contexto psicogenético, porque sabe que todo o resto é indiferente, não é causa; o tipo de doença é somente ocasional. A manifestação do mal e a sua causa específica estão localizadas somente no campo psíquico.

A causalidade psíquica pode ter diversas variantes fenomênicas (droga, delinquência, psicossomática, alcoolismo, neurose, suicídio, etc.), tendo, indiferentemente, uma saída de um modo ou de outro. Isso significa também que, curando o sujeito naquele sintoma, podemos tolher o fenômeno, mas a predisposição a um outro aspecto patológico permanecerá intacta. Não é suficiente curar o sintoma, é preciso curar e autenticar a pessoa.

A diferença entre a abordagem médica e aquela ontopsicológica está justamente nisto: o médico cura o sintoma segundo a semiótica com a qual se apresenta, o ontopsicólogo transcende a fenomenologia do sintoma, mas desta ocasião vai diretamente em busca do movente, da razão ínsita na psiquicidade do paciente. Por exemplo, a insânia não é uma doença, mas é uma motivação do interno psíquico do sujeito e, para resolvê-la, é preciso chegar à exata razão pela qual o sujeito sofre de insônia.

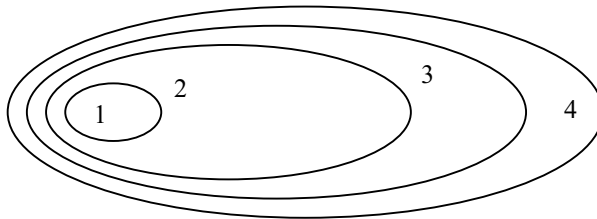
Na explicação de como o homem é constituído, a escola ontopsicológica introduz a noção de “Em si ôntico”, que é exatamente aquilo que os antigos chamavam “alma”. Tendo revelado a estrutura, a organização e a formalização, a

Ontopsicologia está em condições de usar este ulterior conhecimento.

3.1. COMO SER UM LÍDER EFICIENTE

Para ser um dirigente eficiente um indivíduo deve Ter uma proporção entre quatro dimensões: 1) a esfera individual pessoal; 2) a esfera familiar, portanto a afetiva; 3) a esfera dos colaboradores; 4) o setor social.

Figura 2



A esfera individual pessoal compreende o sujeito em sentido físico, absoluto de existência. A esfera afetiva é constituída pelo ambiente de referência afetiva, emotiva, sexual, de amor: as suas referências de valor absoluto. A esfera dos colaboradores compreende as pessoas físicas através das quais o líder opera: os mediadores de atividade econômica, legal, etc. Enfim, temos a esfera da atividade concreta, da atividade no mundo dos negócios, do ambiente da explícita atividade econômica: relações, diplomacia, e todo o vasto mundo que a arte do líder compreende. Aquela representada na figura 2 é a estrutura físico-real de qualquer ser humano. Na ordem da problemática do sujeito, quando algo não vai bem, em primeira linha, na percepção subjetiva consciente, vem colocada a esfera do setor social. Seguem, na ordem, os colaboradores, a responsabilidade familiar e afetiva e, em última posição ou também nunca, a si próprios. Segundo a ótica realista das coisas,

tal posição é errada; a falência, a frustração no resultado econômico denunciam uma carência no íntimo do sujeito, cuja causa é pesquisada entre os primeiros três setores: na psicogênese dos colaboradores, na esfera afetiva ou na individual. Qualquer erro em uma das primeiras três esferas altera a capacidade funcional do Eu, que é o primeiro instrumento de inteligência do negócio. Conseqüentemente, pelo efeito que resulta sob o plano externo, a causa é pesquisada no interno do mundo pessoal do líder. Por exemplo, um médico constata em si mesmo uma doença venérea específica e a explica com o fato de curar as doenças venéreas, portanto considera ter sido, sem dúvida, infectado por um de seus doentes. Toma as devidas precauções, afasta-se do trabalho, porém a doença, não obstante os cuidados, persiste, porque ele analisa todos, mas não analisa a amante ou a mulher. Ou então um homem que tem um trabalho desgastante que comporta muita tensão, à noite, seguidamente, sofre de insônia. Ele pensa que a insônia depende da tensão e dos seus colaboradores depender diretamente da mulher e da filha. Os problemas, dos quais ele se lamenta não são determinados pelo seu trabalho ou pelos seus colaboradores, mas pelas suas referências de afeto absolutas. Uma frase da Bíblia recita: “Nemiei hominis domesticici eius”.

A insônia e o “stress” têm uma causa em comum que se origina no profundo do sujeito. O “stress é o exercício no vazio de um músculo, de um órgão, de uma mente.

“Atividade ao vazio” quer dizer que se colocam juntos meios, situações e escopos não-adequados entre eles. Portanto, o “stress” não nasce jamais de trabalho finalizado a um escopo preciso, mas de uma situação na qual o sujeito faz coisas sem ater-se ao resultado. Por exemplo, um dirigente responsável por cem pessoas pode entrar em “stress” não porque deva coordenar todo aquele pessoal, mas porque o gerencia mal. Provavelmente, procura fazer o pequeno pai para todos, e dessa sua postura nasce

o caos. O dirigente deve decidir, deve escolher e a cada pessoa deve dizer qual é a sua função.

Salva a democracia e as boas relações, até que é possível, mas no momento em que é dirigente deve coordenar e fazer hierarquia, de outro modo não realiza o próprio escopo e vai de encontro ao “stress”, enquanto os dependentes fazem a sua democrática anarquia. O “stress” pode surgir só por dois motivos: ou o dirigente erra o escopo (isto é, faz mal o projeto) ou, mesmo tendo escolhido o escopo adequado, não reúne os meios de modo oportuno.

O “stress” é estímulo persistente de atividade psíquica ou somática não-específica ao escopo. Volição constante de um escopo sem as mediações possíveis já estruturadas pela natureza ou por leis-base precedentes.

Esta é a experiência, sem exceção, que tenho há 10 anos, desde quando realizo, em todo o mundo, seminários para “businessman”.

Quando existe um resultado errado, como fazemos para saber onde está o erro, em qual esfera se encontra, como e em que momento age? Aqui surge a exatidão da Ontopsicologia, cujas assertivas não são teoria humanista, mas proporções geométrico-matemáticas de percursos atômicos celulares. Por isso, através da compreensão da Ontopsicologia, pode-se adquirir a arte do poder, a inteligência de realizar os próprios escopos, sejam existenciais, sejam comerciais.

Façamos o exemplo de uma pessoa (v. gráfico fig. 3), “Z” (não importa se homem, mulher, casado, comerciante, político, etc.). Nas decisões das próprias estratégias, o sujeito calcula as várias possibilidades e naturalmente quer realizar com segurança.

Suponhamos que “Z” se encontra na possibilidade de três situações (A,B,C), cada uma dessas implica um certo contexto e um certo “business”. O sujeito encontra-se no dever de decidir

qual é a melhor para si mesmo, aquela que pode consentir-lhe maior sucesso como satisfação e realização.

Tornemos a hipótese que se dirija à escolha “A”. Logo que o sujeito escolhe, decide e opera, acontece uma reação em todo o seu mundo inconsciente organísmico. A esta situação, o inconsciente vibra com uma mensagem, transmite um gráfico. Se, ao invés, o sujeito “Z” toma a direção “B”, o inconsciente emite um outro gráfico; se decide a situação “C”, o gráfico será ulteriormente diverso. Por isso, “ZA” dá um gráfico “ZB” “, um outro ainda. O inconsciente do sujeito tem reações precisas a cada escolha, em antecipação à ação conseqüente à decisão operada. Para conhecer a escolha certa, vital, é preciso saber ler o sublimado, o resultado das reações do inconsciente naquela circunstância física. A Ontopsicologia descobriu a linguagem destes gráficos (que são os sonhos) portanto sabe-se como decodificá-los.

Observem de modo crítico-científico este experimento muito simples. [O Prof. Meneghetti chama duas mulheres e dá uma folha a cada uma. Ambas o olham, depois uma das duas se desloca até o fundo da sala, pega a própria bolsa e leva-a ao professor]. Dei alguns sinais a uma pessoa e ela não reagiu, dei-os a uma outra e estes sinais deslocaram esta pessoa, que foi ao fundo da sala e voltou aqui trazendo uma bolsa, isto é, fez ações baseada nesses sinais, simples gráficos. O sonho é um gráfico que a nossa consciência traduz em imagens. Na folha que lhe dei, não existe nenhuma imagem de uma mulher que caminha ou de uma bolsa, porém ela fez a ação precisa, coincidente com essa sinalização, que é a projeção formal energética de uma unidade de ação. A unidade de ação é o sujeito, a pessoa. Se a nossa unidade de ação, a nossa realidade existencial física escreve, faz projetos reais, toda a nossa capacidade consciente cientificamente deve sabê-los ler, porque se não os sabe ler permanece paralisada, como fez uma das duas mulheres, que, não conhecendo aquele código, não fez nada, porém o código agia. Portanto, é

importante colher o código de interpretação dos sinais oníricos. O núcleo de atividade e de interpretação de qualquer fenômeno está no interior do sujeito. Quando as coisas não vão bem, é preciso analisar o próprio indivíduo: a patogênese se verifica pela psicogênese. No interior do indivíduo está tudo escrito. A atividade onírica é o exposto contínuo das variáveis do sujeito nos seus interesses fundamentais. O sonho é uma subatividade da consciência. Sempre, também agora, a atividade onírica está em ação, só que é inconsciente.

Basta também um segundo para ter uma imagem onírica, da qual podemos ter uma informação completa, como para um cirurgião capaz basta uma só radiografia para saber a situação dos órgãos internos do corpo. Trata-se somente . de saber o ofício, de ter o conhecimento científico de como se lê.

Se uma pessoa não tem um sonho, pode-se também fazê-la criar uma estória ou fazer um desenho espontâneo. A fantasia não é livre, mas condicionada pelos complexos do indivíduo.

Quando um sujeito não consegue recordar os sonhos, significa que o problema é maior ainda e que já, para não 'sofrer ao nível consciente, colocou uma pedra sobre a visão do próprio inconsciente. Mas isso significa que a situação é pior sobre o plano fundamental da sua vida. Quando os sonhos desaparecem, significa que o sujeito se tornou demasiado objeto: tem muita realidade, mas pouca personalidade. No sentido oposto, existem também aquelas pessoas que dos sonhos fazem uma obsessão, por isso são neuróticas, pensam somente no sonho e esquecem a realidade. É preciso ter um ponto de equilíbrio.

A reação do gráfico do inconsciente tem a seguinte hierarquia. Em primeiro lugar, coloca a saúde, a integridade físico-biológica do sujeito. A saúde é o primeiro bem do qual o sonho indica a situação. Suponhamos que uma mulher sonhe com uma igreja toda fechada, porém contornada por pessoas. Significa que sua intimidade feminina biológica esta em perigo e é

necessário ver quem é a pessoa que fechou todas as portas da igreja. A igreja fechada é um útero completamente bloqueado. “Bloqueado” pode significar, por exemplo, que, por um período, a mulher não pode ter as menstruações normais. O perigo está nas improvisadas manifestações patológicas que podem verificar-se ao nível somático, como uma inexplicável e enorme perda de sangue. Do ponto de vista médico; O difícil compreender o primeiro momento do fenômeno, porém existe o fato de que este mal-estar surge quando a “manager” inicia algo muito importante ao nível de relações públicas.

Se a mulher vê a igreja toda fechada e pessoas estranhas em torno, significa que ela é vítima de campos semânticos alheios e sucessivamente, fazendo a análise precisa; pode se individuar de que parte chegaram os vetores semânticos que alteram a sua saúde.

Quando sucede um mal, depois de si mesmo, é preciso sempre analisar a segunda esfera: as primeiras referências afetivas e de segurança do sujeito (o marido, a mulher, os filhos, a mãe, a amiga, o motorista, isto é, as pessoas mais ligada fisicamente a nós).

Em terceiro lugar, coloca as pessoas nas quais o sujeito confia no trabalho e no estudo. Enfim, dá a análise da esfera social, dos negócios, econômica, política, etc.

Portanto, a gráfica onírica assinala o erro ou o sucesso segundo uma hierarquia que parte do indivíduo, prossegue pela esfera da família e dos colaboradores e, no final, trata das relações externas.

O exposto onírico é infalível, determinista. Somente com o método ontopsicológico, o sonho torna-se a chave de análise para qualquer fenômeno de saúde e de negócios do sujeito.

Cada um de nós existe, pensa e reflete; o processo de existir e refletir é uma categoria específica do ser humano. Todo o problema da esquizofrenia está em uma interpretação errada

dos gráficos por parte do sistema consciente. Quando o olho vê um microfone, por exemplo, ao cérebro não chega a imagem gráfica do microfone, mas sinais. O olho olha o objeto, existe o suceder-se de diversas percepções e um processo de comunicação (uma célula comunica a outra) no término do qual, ao cérebro, chegam somente sinais que são reduções elétricas, talvez cheguem dois risquinhos e um ponto. Esses dois tracinhos e um ponto são registrados, decodificados, e o cérebro organiza a reação: Quando chega a reação, o homem reflete o todo do objeto macroscópico.

A nossa capacidade de refletir é uma lógica funcional, intrínseca da organização neurônica. A nossa natureza, como foi estruturada pela mente da vida, tem já uma linha sua, uma lei própria, um fato seu não eliminável, porque faz parte das leis eternas do universo.

A Ontopsicologia encontrou o modo como a natureza escreve, faz o projeto e projeta a reflexão do fato, os percursos de atividade e informação que a natureza usa no interior das próprias individuações.

A Ontopsicologia toma o sentido de exatidão da idêntica lógica que a natureza usa no interior do próprio sistema subatômico celular.

Não é suficiente sentir-se bem durante o sonho para poder julgar que tudo está em ordem. É preciso ver segundo que critério o sonhador diz estar bem: critério médico, critério econômico, critério emotivo, critério social? Primeiro, deve-se verificar se o sujeito tem uma consciência total, exata no refletir a realidade. Quando o sujeito diz que se sente bem, o faz segundo as convicções, a sinceridade de sua consciência. Mas a sua consciência reflete com exatidão o estado de natureza concreta do sujeito total?

Em psicoterapia, no cliente, muda-se a consciência, porque não é a realidade do seu inconsciente que está errada, mas é o modo como ele pensa a si próprio, o qual crê certo. O

psicoterapeuta capaz deve corrigir a consciência baseado na validade do sujeito.

A consciência é relativa e não é suficiente para nos dar o critério da realidade das coisas. Se perguntássemos a qualquer esquizofrênico como está, ele responderia que está muito bem, são os outros que estão mal, e o diria de modo convicto!

Nenhum de nós pode estar certo, baseando-se somente nos parâmetros da consciência racional. São necessários outros critérios. Isso não acontece por um erro da natureza, mas porque houve a intervenção do mecanismo do monitor de deflexão que há muitos milênios alterou os processos psíquicos da raça humana.

Através do método ontopsicológico, se está em condições de distinguir o monitor e os complexos, mas também o sinal do Em si ôntico e onde esse se faz presente.

No sonho, revela-se qualquer íntimo da pessoa. É um visionar, com atenção e transparência, qualquer relação, qualquer passado, qualquer intenção real do sujeito. Para poder ser livre, é necessário compreender como fomos feitos, como a natureza nos constituiu: está aqui o poder, porque deste conhecimento-base sabemos como usar a nós mesmos.

3.2. A DÍADE

O conceito de díade é algo não-eliminável na realidade do ser humano. É um terrível e maravilhoso conceito ao qual é preciso dar atenção, porque um ser humano faz a relação de toda a sua vida, de todas as suas amizades, de todas as suas relações, baseado na matriz determinada na infância. pela díade. : No interior da primeira relação fundamental indivíduo-família (relação física, relação química; relação linguística), a mãe, a família e a sociedade estabelecem o tipo de comportamento no sujeito, o uniformizam. Essa matriz dá a direção não-eliminável e não-variável para toda a existência do indivíduo; Quase sempre se evidencia, como complexo dominante do sujeito. “Dominante”, porque prevalece sobre todas as outras possibilidades de comportamento; por isso, na vida, ele escolherá somente aquele tipo de mulher e somente aquele tipo de homem para realizar negócios, ciência, política, etc. É como se a díade impusesse uma língua-mãe, uma educação-base e somente, as pessoas, as coisas e as situações que são conforme a essa linha-base podem ser escolhidas pelo sujeito, as outras não são vistas.

Enquanto o Em si ôntico é inteligência econômica aberta, por isso escolhe aquelas situações que são mais convenientes, mais vitais, mais eficientes para o sujeito, a díade organiza um complexo dominante, por isso o sujeito pode desenvolver-se somente sobre aquela tipologia de espaço, de ação, de encontros, de economia, etc.

Em toda a história do “businessman”, encontra-se sempre um modo fixo, um caráter de viver e de fazer as coisas.

No conjunto da minha experiência, nunca encontrei um “businessman” que tivesse errado nos seus negócios, na sua profissão, pequena ou grande que fosse, no quarto setor, aquele do encontro social, se tinha exatos os três primeiros momentos: colaboração, família e indivíduo. Qualquer erro econômico ou de

relação depende sempre de uma relação no interior do indivíduo, que se desenvolve no setor afetivo e naquele dos colaboradores e, enfim, explode no setor econômico. O problema de ter sucesso ou errar é sempre uma fenomenologia da causalidade interna da estrutura do “businessman”.

Trago um exemplo real. Um grande produtor cinematográfico dirige-se a mim, porque se encontra em uma catástrofe econômica, de fato, de muita riqueza tinha terminado em enormes débitos, ao ponto de não ter mais nenhum dólar para comer. Auxiliei-o a resolver essa situação e, depois de dois anos, retomou a um elevado nível de riqueza e de bem-estar. Durante esse tempo, ele tinha deixado a sua família (uma mulher e dois filhos) e uma secretária particular que tinha sempre próxima a si. De fato, verificou-se esta coincidência: a riqueza voltou quando ele se libertou do “entourage” das suas relações afetivas. Enquanto isso, havia encontrado uma outra mulher, muito válida e inteligente, uma mulher que o auxiliou também a refazer a sua riqueza. Ele não veio mais às entrevistas e tudo andou tranqüilo. Quando se encontrou em nova riqueza e novos problemas, tomou a me procurar porque queria aprender a não errar mais em relação a sua vida. Contou-me este sonho: encontrava-se em uma sala onde via uma boneca que perdia sangue do coração; depois viu um amigo seu que tocava violão, e próximo a ele tinha uma mulher que dirigia um grande salão de estética; via este amigo que tocava maravilhosamente canções napolitanas, enquanto esta mulher, proprietária do salão, trabalhava tranqüilamente com seus clientes, seus cremes, etc. Perguntei-lhe: “mas tu, agora, tens uma outra mulher, tens filhos com ela?” P (Produtor) : “Sim, tenho dois filhos, recomecei uma nova vida, quero uma nova família para ter a experiência de um novo homem. Assim como compreendi que a família que eu havia construído era toda errada, hoje que compreendo muito mais coisas, quis recomeçar também uma nova geração de mim mesmo, por isso estou junto com essa mulher que estimo muito e com ela tive um menino e uma menina.” A.M.: “Como está a

menina sob o plano cardíaco?” P: “Existem problemas com o coração e de tempos em tempos é preciso levá-la a Paris, em visita .!; médica, também para preparar-se a uma cirurgia porque há uma má formação cardíaca.” A.M. : “O faz agora aquele teu amigo que viste no sonho cantando feliz canções napolitanas?” P: “O meu amigo está bem. Tocávamos juntos: eu tocava piano e ele guitarra, é uma boa pessoa.”

A.M. : “Mas quanto dinheiro ele tem?” P : “Nada, é sustentado completamente pela sua mulher.” A.M.: “B, farás o mesmo fim e terás sempre contínuos problemas com a menina, porque é pequena e está mal e tu, através da doença da tua filha, serás constantemente solicitado a interessar-te pelos problemas dela, serás tirado do teu trabalho e perderás a possibilidade de interessar-te pelos teus grandes afazeres econômicos sob o plano internacional.” Este homem perdeu tudo. Agora a sua mulher o está auxiliando a recuperar a confiança dos bancos, para abrir um novo crédito a fim de que possa recomeçar novamente. Há um mês me pedia ajuda e eu respondi que não posso fazer nada, porque não se pode dar a fortuna a quem não muda jamais o seu complexo-base da infância. Este é um exemplo de infinitos casos na experiência Ontopsicológica.

Muitos crêem que, quando devem tratar negócios e relações com pessoas, a sua inteligência seja superior e intacta em relação aos fatos pessoais. No ser humano, é um contínuo, seja no bem como no mal. É o próprio sujeito que sabe construir no início e depois destrói: o complexo diádico da infância é circular, é repetitivo, restringe o sujeito a não crescer. Também muitas doenças são o resultado de uma coação a repetição imposta pelo complexo diádico do sujeito. Isso pode ser constatado através da análise psicológica dos sonhos e de outros elementos da personalidade.

Um homem que quer inventar, quer criar, em primeiro lugar, deve ganhar a totalidade de si mesmo, depois disso, pode fazer aquilo que quiser, porque a vida, os fatos lhe são amigos.

3.2.1. A DÍADE NO “BUSINESSMAN”

O “businessman” de hoje deve liberar-se do estereótipo diádico da família, em todos os sentidos. A família é algo simpático, mas não é o escopo da vida. Não se pode colocar em primeiro lugar, na hierarquia dos valores, os filhos e o “partner”, enquanto são aspectos secundários no grande jogo da vida. Também porque o “partner” e a família não ajudarão jamais o líder. O verdadeiro líder está sempre só, mas junto com o ser.

A lógica profunda do poder do Em si ôntico é somente esta: “omnia mecum tecum”, tudo aquilo que é meu, tudo aquilo que é importante para mim está somente contigo; eu e o ser, eu e a vida, eu e o todo. O restante é' secundário. Se formos capazes de salvar esta lógica superior, ter-se-à o restante em superabundância. Portanto, o primeiro momento é a liberação, a catarse de tudo aquilo que é o institucionalismo “familístico”.* O verdadeiro “businessman” não deve ter uma psicologia de cigano ou de ladrão; deve ser um construtor de riqueza, cultivar relações de valor com aquelas pessoas que são portadoras de riqueza. No grande mar do mercado, não é preciso ganhar onde estão os objetos, mas onde, estão as pessoas vencedoras dentro de um contexto. Além disso, trata-se de estudar as pessoas transcendendo os seus esquemas, para compreender para onde se direcionarão dentro de alguns meses ou anos. Portanto, aprender uma lógica de antecipação em relação ao mercado. Um “businessman” deve considerar que, também os outros, especialmente aqueles que têm o dinheiro, são inteligentes, talvez mais inteligentes do que ele. Portanto, não pode enganá-los e ter um sistema de baixo mercado. Deve aprender como servi-los, como pode contribuir para algo que a eles verdadeiramente interessa. Deve-se colocar em atitude de serviço, de função, de resposta inteligente, não pode aproximar-se, tratando o outro como objeto da sua inteligência, da sua esperteza, do seu mercado. Em Kerson, um “businessman” me dizia que no

“business” há também risco e que, se os europeus quisessem fazer negócios com a Ucrânia, deveriam enfrentá-la. Rebatu que não era ele que deveria ensinar ao outro como fazer o mercado era preciso que começasse ele mesmo a fazê-lo. Portanto, o terceiro momento é aquele de não desvalorizar o “partner”, o outro como situação do próprio mercado.

N.T.: Familístico - é um termo usado pelo autor para significar as relações familiares patológicas ou que geram patologia.

3.3. O EMPRESÁRIO DE VIDA

Hoje, o que conta é a pessoa; este é o único ponto vencedor. Nós partimos do realizar o interesse individual, 'isto é, do aprender a arte de ser bravo para si mesmo, para a própria eficiência.

Qualquer idéia gerida por pessoas superiores pode realizar tudo nesta sociedade. A idéia, o projeto no início é · uma virtualidade, é uma possibilidade que, se feita por homens superiores, pode realizar também uma sociedade superior. Não para dominar, mas para elevar todo o social.

Uma pessoa deve sempre mover-se na sua interioridade, na sua individualidade, tendo uma referência cultural que ela mesma escolhe segundo o critério de máxima eficiência. A Ontopsicologia, além de ser uma psicoterapia, além de ser uma cultura, na realidade é um instrumento de poder, de inteligência. É uma extraordinária revolução. O Em si ôntico é um conceito vulcânico do herói sem mitos. É como dizer que em cada homem existe a centelha de deus. Por isso, não existe padrão, é o sujeito quem deve saber e compreender aquela centelha de modo racional, científico, histórico e não como “crente”. Aquele reino existe, aquele poder existe, mas é para os fortes, é para os grandes, para aqueles que são capazes de atuar com coerência, com racionalidade, com prudência, com equilíbrio, uma infinidade de estratagemas. É um poder que é válido somente para quem sabe conduzi-lo com grandeza; de outro modo, aquele poder, na mão de inferiores, reduz a ser ovelha lã para outros. Deus não deve ser pregado, mas operado, feito, exercitado, com uma total e absoluta responsabilidade.

Havia um homem que deixava alguns filhos. Ele dizia: “agora eu morro, vou-me e eles o que fazem? É preciso que os ajude”. Assim disse a eles: “escutai, eu escondi um grande tesouro no nosso campo. Jamais disse a alguém, fiz de conta também que

era pobre. Procurai-o e resolvereis qualquer problema vosso”. Morto o pai, os irmãos começaram a escavar, revezando-se, mas o tesouro não foi encontrado. No final, decidiram jogar algumas sementes. O cultivo obstinado, a fundo no revolver o húmus, com o acréscimo das sementes, deu-se a melhor colheita de toda a região. Da colheita, esses comeram, venderam e começaram a compreender qual era o tesouro que estava escondido naquele campo.

O campo é a vida e ali está o tesouro, mas depende de como o trabalhas, não é gratuito. De acordo como ages, encontras o teu tesouro. É este o sentido: “a vida é bela se tu a sabes fazer bela. Podes não ter a técnica específica, mas que a vida não tenha o seu tesouro é absurdo. De acordo como trabalhas, aparece também aquilo que nunca esperaste, que nunca havias sonhado”.

Portanto, trata-se de adotar, a cada passagem, a regra certa. O escopo é, para cada um, aquele de realizar a si mesmo, é este o problema de fundo da vida, e para vencer é preciso mover-se - momento a momento - segundo uma medida segura. Colocadas as premissas oportunas, inevitavelmente dar-se-ão os resultados. Caso se mantenha a haste portadora, a solidez da empresa, então todas as outras coisas que interessam (o filho, a mulher, a casa, etc.) pode-se ter em superabundância.

Existe o núcleo e o movimento, porém no movimento não se deve desequilibrar o centro. Mantendo intacto o núcleo, trata-se de fazer protuberâncias solares, isto é, se sai e se retorna, porém, quando se retorna, deve ter, para nós, um acréscimo.

“Eu” é a consciência, a pessoa; “corpo” é a saúde, o bem-estar vital. “Corpo Social” é o “status quo”, o conjunto daqueles valores que estão baseados no dinheiro, relações, estima, tranquilidade legal: entende-se a economia, o legalismo e as relações. O “corpo econômico” é a base, o núcleo. Isto é, a inteligência desta solidez corresponde à eficiência dos quatro

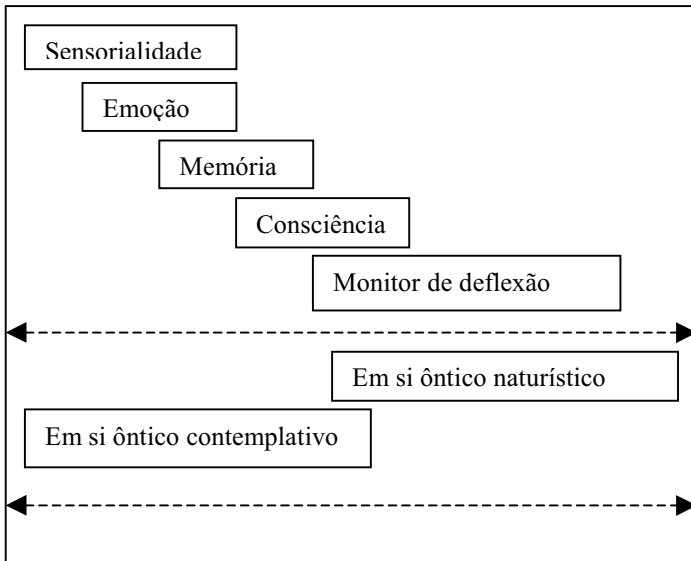
elementos: eu, corpo, corpo social, corpo econômico, que devem estar sempre bem coesos e desenvolvidos. O movimento do centro é representado no gráfico: sai, quando sai o círculo se restringe, porém deve ser uma saída que depois retoma, ampliando o centro. Podem existir para nós tempos históricos (três anos, cinco anos, etc.), porém o sujeito não deve jamais afastar-se do conjunto dos quatro elementos (eu, corpo, corpo social e corpo econômico); se isto é eficiente, mantém-se o poder, não tem ninguém que possa condicionar. É aqui que reside o poder, a eficiência do sujeito no empreendimento histórico, econômico, social do seu tempo. Se, por um segundo, nos distraímos, pensando somente na casa, na família, na mulher, no amigo, o núcleo começa a fragilizar-se, isto é, fragiliza-se a reserva e o sujeito perde tudo. Por exemplo, existem alguns sujeitos que têm necessidade de uma certa referência, não porque são dependentes, mas por uma forma de complementariedade que não é a base sexual, de amor ou emotiva, mas é uma complementariedade funcional ao sujeito. Isto, às vezes, pode-se verificar com uma irmã, com um irmão, com uma mãe, comum a mulher, é indiferente, a funcionalidade é o que conta. Isto é, o sujeito funciona se tem aquele complementar, sem aquele complementar o sujeito não funciona. Quando não existe funcionalidade, é melhor romper a ilação, porque é desvio.

A pessoa como empreendimento de história está baseada exclusivamente na eficiente ação histórica do eu. A eficiência da ação histórica do eu se faz através de diversos aspectos coordenados entre eles. “Corpo social” significa manter uma rede de eficiência de relações, sem jamais prostituir-se. Uma vez escolhido o meu espaço social, uma vez estabelecida uma meta, devo escolher os meus pares para aquela meta, isto é, não posso andar com todos, porque os inferiores de qualquer forma operam, levam à diminuição. “Corpo econômico” entende-se a eficiência, a consistência do dinheiro-base, que, em qualquer ocorrência, logo responde, provisiona, pára, etc. O fundo econômico somente o sujeito conhece, não o deve saber nem

mesmo o banco, ninguém o deve saber (e aqui começa a indústria da pessoa superior, isto é, mover-se com absoluta esperteza no “honesto legal”). Trata-se de saber usar a lei para superar a lei, sem contradizê-la. Então, é preciso ter este tipo de solidez, se não se possui, deve-se aprender como formá-la. Portanto, a solidez de uma empresa está baseada na eficiência destes quatro elementos: a posse do eu, a saúde, a dignidade (a confiança da qual o sujeito goza) e a base econômica.

3.4. AS ATITUDES FUNCIONAIS

Gostaria de descrever num certo estado de consciência que é preliminar a um certo modo de pensar. Em cada ser humano, é possível encontrar as atitudes funcionais descritas no gráfico seguinte:



A sensorialidade é a percepção experimental de fatos: que acontecem ao nosso redor; por exemplo, estamos andando por uma estrada e num certo momento há um buraco ou então há um cão que late. A sensorialidade dá a percepção de realidade que pode depois implicar uma variação de comportamento, de ação ou reação por parte do sujeito.

Emoção é qualquer pensamento, qualquer realidade ' que consegue atingir o íntimo, isto é, “ move a mim”. Enquanto a

sensorialidade é a percepção de uma realidade ' externa que permanece tal e pela qual o sujeito pode ter o ' mais absoluto desinteresse, a emoção acontece quando o fato, a memória, o pensamento o tocam, o centram e, por- : tanto, o agem, provocando sentimentos de dor, ódio, alegria, etc.

A memória representa um passado que sucessivamente vem reconfigurado de algum modo. Portanto, é um repetir, um repropor a si mesmo experiências já vividas.

Consciência significa simplesmente refletir o já ocorrido. O ocorrido emotivo, factual ou de memória. A ação : de tocar um metal é um fato sensorio, não tem nenhuma : emoção; depois eu posso recordá-la, e a minha consciência pode rever tanto o fato de memória como a sua percepção. Portanto, a consciência é uma forma de reflexo e se . dá na memória, na sensorialidade, na emoção, no Eu lógico: é um póstumo.

O monitor de deflexão é a estabilização de todas as coordenadas da transmissão da tradição moral e tudo aquilo que implica o superego (moral, tradição, dever, etc.).

O eu lógico é o momento no qual a atividade psíquica transcende todos os fatos psicológicos, os fatos de memória, os fatos de sensorialidade, isto é, supera-os quase com indiferença: os mede, os julga, os sintetiza e os formaliza. É o critério de controle, o critério de medida que o sujeito tem sobre qualquer experiência da sua vida.

O Em si ôntico naturístico é o feixe dos instintos positivos: a vontade de brincar, a vontade de comer e de todos aqueles desejos que são totais e inocentes. Um exemplo explícito pode-se ver nos animais sádios e nas crianças: o seu modo de expor-se, de limpar-se, de agredir, é todo Em si naturístico, isto é, um Em si organísmico que se explicita na fenomenologia dos comportamentos somáticos, emotivos, intencionados a atas breves, cujo fim exclusivo é uma forma de narcisismo, isto é, uma forma prazerosa do fato de existir.

O Em si ôntico contemplativo se dá quando o Em si ôntico transcende qualquer fenomenologia do existir e se centra no Ser supremo, no Ser em si das coisas. É o critério último do sujeito frente ao ser.

A essas atitudes funcionais poder-se-ia agregar o instinto, também se o instinto, segundo as coordenadas que corresponde, pode ser expressão tanto do Em si ôntico como do monitor de deflexão. Se o instinto é livre para qualquer função, então é força e prazer. Se está submetido ao monitor de deflexão, é perigoso, é nocivo ao sujeito e aos outros; se, ao invés, está à disposição exclusiva do Em si ôntico, é exercício de inteligência. Também o Eu lógico pode ser coligado com o Em si ôntico, com o monitor de deflexão ou com a memória.

As duas linhas individualizam a perfeição de um homem maduro que opera na otimalidade da relação entre Eu lógico e Em si ôntico contemplativo. É este o critério máximo do qual o ser humano dispõe.

Uma pessoa tem muitas atitudes, substancialmente tem também mil preocupações (o vestir, o comer, o trabalho, o amanhã, as relações, etc.). Então, para aprender a centrar a vida, é preciso, de tempos em tempos, saber entrar em diversos oásis: existe um momento do Em si naturístico, existe o momento do Em si ôntico, existe o momento do Eu lógico, etc. Viver de situações exclusivas do Em si ôntico naturístico propicia novamente a virgindade, propicia novamente atitudes sadias, propicia novamente o vigor natural a todos os nossos processos fundamentais, tanto do Em si ôntico como do Eu lógico. Trago o exemplo do jogo desta manhã na praia. Eu não joguei por um sentido de responsabilidade, segundo um cálculo para estabelecer uma boa interação grupal como animador-psicoterapeuta. Simplesmente me diverti segundo o instinto, momento a momento; era um “tour” de prazer, nada mais. Portanto, significa que eu realmente ria, brincava, me emocionava, pensando somente naquilo que estava fazendo. Tinha o cérebro livre:

“filosofia”, “ontopsicólogo”, “responsável pelo residence”, naquele momento não era nada disso. Era um jogar livre com amigos que me agradavam naquele momento. Gosto pelo gosto. Livres, fora de qualquer lei, de qualquer recato, de qualquer responsabilidade. Substancialmente, vivi duas horas de Em si naturalístico, isto é, exercitei um instinto livre, como homem, corpo livre sobre a praia, com o mar. Vencer tranquilamente o aparente perigo das ondas, depois buscar o aparente conflito com o amigo para exercitar simplesmente o próprio narcisismo de força, o próprio narcisismo de ter um amigo. As senhoras me desculparão se abro aqui um pequeno parêntese: um homem, fundamentalmente na sua infância, primeiro busca um amigo, a mulher é um aspecto posterior, isto é, para um macho possuir um amigo é um ponto vencedor na vida. A mulher é um prazer e uma dinâmica; um amigo, ao invés, pode ser uma satisfação intelectual, mas também uma força que auxilia, que potência.

Um amigo não se encontra gratuitamente, tu dás algumas coisas e ele dá algumas coisas a ti e, na passagem, é preciso estar sempre muito atento e mover-se com franqueza, sem jamais ofender os limites da dignidade do outro. De qualquer modo, para chegar a uma amizade verdadeira, primeiro é preciso ter como melhores amigos a si próprios.

Além disso, a verdadeira amizade tem necessidade de crescimento conjunto, tu 'cresces no teu caminho e eu cresço no meu. Não é uma fidelidade biológica, é um conjunto evolutivo no qual cada um pode fazer dialética no próprio campo: tu és um exímio contador, eu sou um bom advogado, isto é, todos cavalos vencedores, cada um com o seu temperamento, cada um com o seu estilo; é necessário também isto. Em primeiro lugar, permanece o interesse do egoísmo individual. O primeiro valor é sempre o próprio sujeito. Então, o amigo deve ser uma pessoa válida, uma pessoa que faz, de outro modo ficamos desacreditados: “diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és”; “se andas com o manco aprendes a mancar”. É preciso, portanto,

uma certa paridade de valores de ação, uma certa paridade de sucesso social. Então, poder-se-ia dizer, tu és amigo por interesse? Sim, eu sou amigo somente pelo meu interesse, porque através deste eu estou na intimidade do ser, caso contrário tornasse cúmplice de doença, cúmplice de complexo, cúmplice de estereótipo, cúmplice do monitor de deflexão, isto é, entra-se no circuito patológico.

Aconselho-vos a não consentir, a não permitir nenhum contato que possa implicar homossexualidade erótica. É possível e é normal sentir o contato das emoções eróticas com o outro homem, com o outro amigo. Voluntariamente bloqueá-la, não porque a homossexualidade em si é um mal, mas, porque através da homossexualidade, verifica-se nivelamento disfuncional. Pode-se, portanto, provar momentos de particular intimidade emotiva, carnal, com o amigo ou com aquele amigo, mas bloqueiem-na logo. Este tipo de sexualidade pode se sublimar na brincadeira, no jogo, no trabalho conjunto, permanecendo sempre em dialética de prazer.

Portanto, na vida é importante ter momentos de Em si naturalístico. Vocês nunca viram as gaivotas quando estão sobre as ondas? Estão ali fazendo o quê? Fazendo-se embalar pela água! Não estão ali para pescar, mas para fazer-se embalar nos braços do vento. É importante entrar numa percepção do pensamento na qual se goza a vida, se goza a pele, se goza a água, se goza o palato, se goza o instinto, se gozam os pés, as mãos, se goza a corrida sem ter nada em mente, sem ter um programa, sem ter memória, sem ter Eu lógico. A fantasia do jogo pelo jogo: tomar e comer, pensar, tocar, depois um outro pensamento, fina flor. Sentir-se sem cabeça, sem cérebro, viver com uma epiderme que sopra como veludo sobre as coisas que estão em torno. Pode ser o fumar um charuto, caso esteja no lugar certo, depois uma fantasia distante que penetra, com os olhos, dentro o céu... “estou penetrando os olhos no azul, estou sentindo o charuto que me faz a corte, quando a fumaça me circunda...”. Isto é, apreender

este estado de inocência de Em si naturístico no qual não há racionalidade, não há programa, não há sociedade, não há monitor de deflexão, existe somente este Em si organísmico que goza a vida organicamente.

Obviamente, este estado deve-se conquistar, deve-se preorganizar, não se pode fazê-lo sempre. Quando existe uma ordem ou um contrato a realizar, é preciso estar desperto; quando há um momento no qual existem coisas sérias a serem feitas (sérias segundo a sociedade), deve-se fazê-las. Estes são os jardins da própria graça, que pode ser vivida, cujo único escopo é a eficiência do ser, a eficiência do existir. Aqui não há uma memória, não há eu lógico, não há o monitor de deflexão, não há toda a bagagem do passado. És um pequeno menino como muitos, um menino dentro da vida, um menino que tem a possibilidade de gozar a vida. É belíssimo porque sente toda a onda da vida, do Em si ôntico que se renova dentro, que se torna virgem novamente, se reconstitui e dá uma forma de transcendência superior, de superior indiferença a todas as coisas inúteis, de todas as coisas que podem angustiar, que podem levar ao “stress”.

É preciso ter esta cultura da graça de existir, sem nem mesmo o tempo de fazer-se uma poesia sobre ela, porque esta é já o Eu lógico que procura colher o instante fugaz. Portanto, autoperceber o instante em que se está fazendo. Estes momentos são as bases de uma eficiência geral que depois revigora quando for o momento da memória, quando for o momento do Eu lógico, quando for o momento da luta, etc. São estas as bases reais, os centros que podem galvanizar no momento do problema. Portanto, entrar em férias, fazer um “vazio” no qual não existe ação (ação legal, ação sociológica, ação de responsabilidade). Entrar em um perfeito ócio, que é a contemplação do fato de existir no meio da vida natural.

Naturalmente estes são pontos de chegada. Refugiar-se na busca desta irresponsabilidade seria infantilidade, seria evadir-se

do apelo, da inexorável provocação da vida. Quando o sujeito faz tudo aquilo que deveria fazer (em relação à sociedade, a si mesmo, aos seus compromissos, etc.), faz o “ponto zero” simplesmente para existir. Depois dos deveres definidos para aquilo que concerne ao tempo histórico, entrar neste ato virgem, nesta autogênese da experiência naturística através da qual o Em si ôntico reprincipia, reconstitui, recria, renova os postulados da ação, porque apenas se resolveu a urgência histórica, o fim do Em si ôntico é o prazer. Fazer férias é um ponto de chegada, não uma amnésia de urgências que de algum modo nos apeiam. Portanto, chegar a estes momentos autogenéticos do Em si naturístico é uma escalada, é um “training”, é um processo. Pode-se fazer um dos momentos psicológicos. Uma vez organizadas as coisas, podemos nos permitir um certo tipo de férias, férias-estudo, e este é o mais difícil; ou então, pode-se fazer à noite: há a tua sala, a tua lareira, o teu toca-disco, o teu jantar, há aquela festa com os amigos, ou então um encontro. Gozas as coisas que fizeste, o quadro que compraste, te imerges no mundo, na história que construístes: ser para ser. Ou então pode-se fazer isso quando se viaja, em um momento no qual não se pode fazer nada; suponhamos que não seja o caso de telefonar, de poder fazer contatos, nos encontramos, por circunstância, dentro de um ônibus. É inútil ficar a pensar, nessa ocasião é importante sobreviver. Então, nos dispusemos como um pacote postal e nos encantamos como um objeto, olhando como estranhos aquela multidão, aquelas coisas, aqueles uniformes, aquelas palavras, isto é, no momento que por situação social se é forçado a ser objeto, pode-se viver evasões de alma e isto reconstitui a inteligência, reconstitui a força e nos torna alheios do monitor à cl fl ão, porque uma de suas características é a de àe ele exão, por intensificar o “stress” do dever; por isso, quando chegamos ao ponto, temos o cérebro consumado. Portanto, agir quando for o momento de agir; quando não se pode agir por razões circunstanciais, entrar tranquilos no Em si naturísti CO.

Não é fácil verbalizar a dança sem palavra e sem forma do Em si naturístico. Não é fácil ensinar com as palavras um mundo sem palavras. O monitor de deflexão entra sempre onde existem também as formas, sem formas este não pode exemplificar-se.

3.5. A PSICOLOGIA APLICADA NO INTERNO DOS PROCESSOS DA GRAÇA

No interno da processualidade da consciência do indivíduo, existe o primeiro projeto, o primeiro dar-se da mente. Sucessivamente, dão-se as estruturações efetuais: as coordenadas de tempo, espaço, circunstâncias, meios. Portanto, dá-se a realização dos diversos setores desta idéia-projeto que implica obviamente uma “gestalt”. A Constante H' entra em elaboração do projeto existencial. Uma vez que esta elaboração do projeto existencial se individua em um circuito de diversos, implica o grande jogo das partes.

Depois da espontaneidade daquilo que, num primeiro momento, podemos chamar “ciclo biológico”², para vir a ser no âmbito do ciclo psíquico são necessárias algumas escolhas. Isto é, o sujeito começa a ser o criador de si mesmo e, portanto, faz autoposição, autóctise* histórica. Este não é dado por natureza, deve-se fazê-la através de escolhas diferenciadas e progressivas.

O indivíduo, através do “habitat” mundano, é constantemente causa e efeito. É autoposição criativa.

Para a maioria, entrar no ciclo da natureza já é um ponto de chegada. Porém, depois se encontra aquela frase tremenda que está nas origens da humanidade: “Recorda-te, homem, que és pó e ao pó retornarás”.

Porém a bíblia descreve também as experiências do primeiro homem e da primeira mulher, a ordem da vida, a primeira liberdade de ação, a possibilidade de ser construção autêntica e de gozar constantemente, face a face com deus, o que evidencia o contínuo contato ôntico. Isto é, Adão e Eva na sua existência, no enfrentar as suas problemáticas, reagiam constantemente em simbiose com o ser. Ser e vir a ser se

identificavam; o homem experimentava o absoluto entre o Eu lógico histórico e o Em si ôntico.

O Em si ôntico representa a ética da visão direta da quilo que se define “deus”.

A perda do Em si ôntico, a expulsão do “Paraíso terrestre”, isto é, a saída do horizonte do ser e o ser jogados ao pó, faz ato, vai em percurso livre como efeito da causa que o homem tinha posto a si mesmo. A vergonha da própria nudez derrota a consciência de ter já perdido a capacidade daquela graça, daquela tensão a atingir aquilo que do homem é centro, por isso se deve sofrer a cisão e, por consequência, tornar ao pó: “és pó e ao pó retornarás”.

O êxodo do pó atua-se exclusivamente através da autoctise histórica em intencionalidade ôntica.

Uma vez adentrados no ciclo psíquico, existem particulares dificuldades, existem outras colocadas em jogo e por consequência outras estratégias. Uma coisa é a tática de sair-se do cárcere e uma outra é como ser líder na dialética da ação social.

Em todas as pessoas que fazem continuamente a si mesmas e estão discretamente bem, noto, como constante, uma forma de repetição. Isto é, atingir um certo bem-estar e consumá-la. Uma vez consumado o bem-estar, o sujeito encontra a consumação. Nos dois mitos gregos, tanto Sísifo como Tântalo não conseguem jamais atingir suas metas. Ou seja, um não consegue atingir o ápice da montanha e o outro não consegue beber a água. Não se trata de uma maldição, mas de um hábito. É uma culpa que o sujeito tem nos confrontos de si mesmo. Significa que, quando, depois de sacrifícios, estudo e atenções contínuas chega-se a um potencial disponível ao ato, ao investimento existencial, se o deixa estático. Isto é, uma vez verificada uma força positiva, uma certa plenitude de si mesmo, se permanece parado para usufruir deste bem-estar. Com o passar do tempo, isto implica uma repetição na qual a natureza se

adapta, por isso se determina regressão. Onde a natureza é parada, se fixa, e portanto se anquilosa (quando a natureza se adapta, para o sujeito se inicia a senilidade: uma senilidade calma, não-dolorosa; se, ao invés, o sujeito corre, faz muitas coisas boas para si mesmo, atinge uma plenitude, um acréscimo e percebe realmente um plus-valor. Em relação ao costumeiro tom existencial, ele percebe uma superabundância e uma urgência. Conexa com o pleno da vida, no interno de uma pequena ou grande “peak experience”, existe também uma urgência. É sobre este ponto, a meu juízo, que Maslow não encontrou a saída, porque a “peak experience” foi sempre vivida como um ponto de chegada, um ponto de êxtase em contemplação. A “peak experience” é uma experiência de plenitude, de totalidade de prazer, conforme aquele modo de existir do sujeito, mas não é a plenitude do último possível do sujeito no seu processo histórico. Então, no interior de uma experiência-ponta de totalidade, é preciso colher a urgência que lhe está conexa. A urgência conexa é uma forma de vetorialidade nova em busca de novidade existencial. Isto significa que de um feno que se atinge, deve-se inventar um outro caminho. É q preciso dar uma história nova a si mesmo, às próprias escolhas, aos modos do próprio trabalho, aos modos da afetividade. À novidade de força, novidade de história. Para quem quer mais das suas escolhas, no interno da “peak experience” existem três critérios a observar. Este poder escolher nos constitui filhos de nós mesmos. Mesmo havendo nascido do grande pai Ser, se desenvolvermos o jogo completamente, descobriremos que nos eramos sozinhos. No final do jogo, o sujeito descobre: gera o “Tu és Aquele!” Ao invés, para quem erra o jogo, “és pó e ao pó retornarás...”. Esses três critérios para a escolha vencedora representam uma forma de psicologia aplicada no interior dos processos da graça.

1. O primeiro critério é aquele da manutenção do quanto já foi estruturado positivamente até hoje. Não se pode, fazer uma escolha colocando em risco o quanto já se construiu. Deve-se manter a solidez, a certeza, o sucesso já atingido. Também

mudando muitas coisas, deve permanecer intacto o quanto de mim mesmo foi construído em relação ao social, ao dinheiro, à saúde, etc. Trata-se, substancialmente, de investir a parte de ganho, sem alterar o capital-base. Progressivamente, trata-se de agir uma novidade objetiva do ser no existir³.

2. O segundo critério consiste no não postergar. Esse sentido de criação é feito sendo sérios e contemporaneamente alegres. Fazem-se escolhas nas quais cada um é profundamente só. Não se pode obter garantias dos outros, porque caso se tenha a garantia dos outros não se ganha a si mesmo ganha-se o sistema. No interior do sistema, pode-se somente mudar de lugar, não se pode obter um vir a ser, um incremento de valores. O incremento de valores é produto de uma atividade interior do sujeito.

Portanto, trata-se de fazer um investimento “ad extra”, porque toda a “peak experience” é um efeito “ad intra”. É um fenômeno interior que dá uma enorme força que deve ser projetada no investimento histórico-objetivo, segundo os meios possíveis. Esse critério não se individua com base na abundância do prazer ou na intensidade do potencial naquele momento, mas através da racionalidade o sujeito em situação. Vale dizer que o desenvolvimento desse pleno deve ser posicionado segundo as coordenadas atinentes ao sujeito de modo histórico, jurídico, econômico, social, psicológico, afetivo. Deve-se fazer uma escolha que seja de todo modo um ‘a mais’, mas sempre coerente com os meios que se tem naquele momento. Deve-se somente agir o possível do aqui e agora. O segundo critério implica uma sagaz racionalidade com base nos meios que se tem (não aqueles que se poderia ter) em relação ao fim possível. É preciso olhar bem aqueles meios, que no circunstancial do sujeito, naquele momento, são adequados à pulsão. Não se deve tomar toda a força, mas se deve agir com discrição, forçando segundo a urgência. Trata-se de ter coragem e de tolher a preguiça, a indolência. A indolência (“accidia”, do latim “accidere”,

“accidens”) é uma forma de estar próximos, sem mover-se, sem caminhar; a indolência tolhe a tempera, a ponta do crescimento.

3. O terceiro critério consiste no ter uma forma de “vista secreta”. Enquanto se leva adiante todos os próprios compromissos de modo sólido, carreto, racional, descoberto, o lado para onde se está impulsionando o passo, onde se está construindo um caminho novo, deve ser vigiado em silêncio, com amor aparentemente indiferente, mas secretamente em pleno ritmo. No terceiro nível, há a criatividade e justamente porque estamos criando não é preciso fazer um investimento total, descoberto, racional. É um aspecto que nos deve aparecer como uma forma possível, que pode ser abalada por adversidades, recordando que ali estamos investindo a melhor energia, isto é, uma energia de sondagem. É a energia do último ponderável de nós mesmos e, portanto, é delicadíssima, é uma ponta diáfana que não deve ser anquilosada com as regras que usamos no nosso sólito cotidiano. Enquanto estou aparentemente empenhado em fazer o meu sólito, vencedor cotidiano, amplio o raio da ação. Uma pessoa vale pelo quanto é vasto o seu raio de ação no âmbito histórico. Enquanto um sujeito pode ser pequeno como o seu complexo, um outro pode ser grande como toda uma época psicológica. Esse terceiro critério deve ser aplicado um pouco sobre o princípio: “Que não saiba a tua mão direita aquilo que faz a esquerda”. Isto é, enquanto se faz bem, este novo caminho deve ser vigiado com uma delicadeza de inteligência intuitiva, sem usar muito a racionalidade, porque, de outro modo, é destruída. É uma energia nova que está nascendo, portanto deve ser colhida com delicadeza. Quando se lança esta ação, começa-se dar encarnação histórica a essa intencionalidade ainda ingênua, é preciso segurá-la pela mão, defendê-la e depois deixá-la andar, vendo como, amebicamente, começa a fazer a sua obra.

No meu parecer, este último ato não deveria ser nem mesmo material de psicoterapia de autenticação. Deve ser : o raio criativo do sujeito. A menos que não se tenha a fortuna de

realizar um encontro com o Mestre, porque ele sabe entrar sem fazer-se razão; é capaz de ver sem contatar. O mestre é uma forma de ausência capaz de consentir a estruturação do sujeito sem fazer-se, em nenhum modo, presente. Por essa razão, ele tem a possibilidade de ver imediatamente essa branca pulsão interna sem agregar-se de modo algum. O verdadeiro mestre, sem entrar no mérito da coisa, diz onde está o defeito técnico do sujeito que se está movendo em uma certa direção e como consentir a eficiência daquilo que está nascendo.

Como aspecto científico do quanto dito, temos o modo de presenciar do inconsciente. Através dos sonhos, este revela onde está a solução do problema e onde é preciso fazer investimento. O inconsciente, enquanto sustentado por esta dinâmica vital do Em si, no interno de qualquer problemática, indica onde está o obstáculo; depois, no interno deste obstáculo, diz onde é ainda possível a solução e indica também o caminho de saída daquele obstáculo. Até aqui é psicoterapia.

No interno de uma problemática da qual é preciso realizar o êxodo, isto é, fazer investimento de novidade de ser, os sonhos têm uma linguagem muito mais sutil, é com referências transcendentais.

Eliminar os defeitos, eliminar os estados psicossomáticos, os estados de erro, os estados complexuais, não é suficiente para crescer.

O crescimento se realiza quando o pleno de um momento da “peak experience” é investido em atividade histórica, em imagem e semelhança do sujeito agente.

Sendo assim, é preciso desfazer tantos caminhos pré-constituídos com vantagem e inventar novidade de horizontes. O risco é contínuo, o jogo é aberto, mas o ganho é infinito. Se se torna como se escolhe.

Depois de ter consolidado certos deveres, é preciso realizar a intenção pura sem desmentir o contato com o real. A

mente de um grande cientista ou de um grande empresário é um investimento universal, porque hoje estamos andando em direção a um mundo onde o saber é o verdadeiro poder. Quanto mais houver ampliação tecnológica, mais existirão problemáticas dos povos e mais será indispensável o saber.

O ser é uma corrida sem fim. Para o próprio bem, para a própria satisfação - como a água - deve-se correr sempre, mas quanto mais se corre maior é o prazer, maior é a autenticidade, maior é tudo.

Estas indicações são úteis para quem, uma vez saído do túnel, começa a mover-se na luz.

O primeiro passo é sair do túnel, mas depois é preciso mover-se na luz. O erro de muitas pessoas é que, quando estão bem, se deixam ir como se tudo já estivesse descontado, tudo garantido. Uma vez saídos do túnel, se é “guerreiros na luz”; é preciso saber mover-se, saber agir com perícia, saber fazer-se, porque aquele é o mundo dos deuses, onde se exige inteligência superior.

A contradição é sempre possível, em qualquer nível. Cada real da visão ôntica implica o possível similar perverso.

Notas:

1. MENEGHETTI, Antonio. *La Costante H come Criterio Antropologico ed Altri Saggi*. Psicologica Editrice, Roma 1990.

2. MENEGHETTI, Antonio. *Quaderni di Ontopsicologia n. 1/1993.*, cap. “*Essere ed esistenza*”, Psicologica Editrice, Roma 1993.

3. MENEGHETTI, Antonio. “*La Grazia la Lógica dei Dond*”. *Psicologica Editrice, Roma, 1994.* (O tema da graça e da lógica do dom foi abordado pelo professor Meneghetti em um ciclo de conferências, reunidas nesse volume)

4. FORMAÇÃO DO LÍDER

A psicologia não pode substituir a capacidade de inteligência operativa de um “businessman” ou de um dirigente. Um psicólogo não pode ensinar como se faz “business”, não é o seu ofício e não tem uma inteligência adequada. Exatamente como um psicólogo não pode ensinar a um grande piloto de Fórmula 1 como se guia um automóvel.

O “businessman” tem uma especialidade própria, por natureza e por formação, tem já uma preparação por natureza e uma preparação técnica sobre como se faz o dinheiro e as relações pessoais. Porém, o psicólogo pode auxiliá-lo muito, enquanto, sobretudo se é formado na práxis ontopsicológica, pode fazer a análise e verificar se o sujeito é complementemente funcional, se a sua estrutura de atividade típica de inteligência é ordenada, sadia, capaz de vencer. Exatamente como um médico do esporte ou um cardiologista não estão em condições de ensinar como tornar-se campeão olímpico, mas podem realizar a análise e concluir se o campeão está verdadeiramente em forma, segundo as exigências do esporte que quer fazer.

8g O “businessman” é uma personalidade à parte, é um tipo um pouco especial, tem capacidades de síntese e intuições no âmbito complexo do mercado que ele mesmo ' não aprendeu. É próprio do seu tipo de inteligência a capacidade de reunir as coisas e de extrair um ganho. O grande psicólogo é aquele que sabe autenticar as vantagens, as funções, os crescimentos de personalidade. O “businessman” é aquele que, em qualquer situação, sabe reunir as coisas e reconhecer qual é o caminho de saída, com lucro. O protagonista do dinheiro, na base, é também uma grande personalidade.

Gostaria de recordar o exemplo de um fenômeno econômico-político coletivo, muito difundido na Itália no período da oposição comunista. Os comunistas tinham duas forças: a

greve e a ocupação da fábrica. Seguidamente, quando existia tensão e não se verificava um acordo entre o patrão e os operários, ocorria que o patrão entregava a fábrica, de modo legal e econômico completo, aos operários, deixando que a gerissem. Não houve jamais um caso no qual a fábrica, uma vez passada aos operários, tenha tido um desenvolvimento, acabava logo. Cem, mil cabeças, não eram capazes de fazer aquilo que uma cabeça fazia normalmente. O “businessman” é uma mente particular, que sabe ser função para muitos outros indivíduos.

Todo o valor e a importância de um “businessman” está na sua personalidade. Em todas as grandes manifestações - na ciência, na música, na arte, nas altas finanças - é determinante o gênio. O gênio é sempre individual, jamais coletivo.

Indicações práticas para formar uma capacidade econômica superior:

1. Um grande “businessman” não deve jamais enganar e fazer ações desonestas que diminuiriam a sua imagem. Ele deve ter uma dignidade moral transcendente, na arte do comércio, porque também o dinheiro tem sua sacralidade. Um grande homem não pode trapacear, por essência de natureza e estilo de inteligência.

Em todos os intercâmbios, devem existir uma intrínseca honestidade e uma proporção entre as partes, de outro modo, seria uma relação infantil e desonesta. Portanto, o grande “businessman” deve ser um exercício da intrínseca honestidade do ganho.

2. O “businessman” deve ter uma mentalidade de absoluto patrão conhecedor de tantas coisas que só ele sabe e ninguém deve saber (a menos que tenha um sócio, porque aos verdadeiros sócios deve-se dizer tudo). Os maiores projetos e ganhos nascem sempre do silêncio da mente do líder. Quase sempre as coisas ditas aos familiares e aos colaboradores vão mal.

3. O líder deve dar maior atenção aos estúpidos do que aos desonestos e aos ladrões. O estúpido é tal no fazer as coisas boas, mas, muitas vezes, é genial no destruir coisas perfeitas. O estúpido jamais deve ser menosprezado e deve ser mantido, o mais possível, fora da vida privada e do trabalho.

4. O “businessman” deve cultivar a própria personalidade, o próprio modo de falar, o próprio modo de vestir. Quando dois líderes se apresentam, cada um olha o outro e o examina também no modo como se veste e fala. Tudo serve para verificar se aquele que se tem defronte é pessoa inteligente e honesta, que mantém aquilo que promete e 5, garantia prática do negócio que se quer realizar.

5. A primeira tática - quando se quer realizar um negócio que interessa - não é aquela de agradar ao outro,;, mas a de compreender quais são os seus interesses e as suas necessidades. É inútil que eu tenha uma belíssima mercadoria, se ao outro não interessa. Portanto, deve-se individuar onde está o interesse do “partner” com o qual se ' quer iniciar bons negócios.

6. Jamais colocar o sexo nos negócios: não funciona para o ganho. Uma mulher pode usar o seu “look” e a sua feminilidade, uma vez que o faça com estilo na elegância e “ na inteligência. Deve ser uma emanção de superioridade, de beleza e de inteligência, então se torna poder também nos negócios. Também o homem, se é belo, pode usar o fascínio de sua personalidade, mas sempre como fenomenologia de inteligência.

No âmbito dos negócios, quando surge o sexo, o amor ou a emoção, tudo acaba. O “business” é uma relação de coisas, de quânticos econômicos, por isso não tem sentido colocar no meio os filhos, a família, o sexo, a emoção. O “business” é inteligência de proporções econômicas.

7. Quanto custa um personagem, também sob o plano econômico? É a pessoa que tem o máximo preço, não é a coisa. Com os presentes e o gratuito não se cresce. Se uma pessoa quer

a grande idéia, o negócio, deve pagá-la. O grande não quer presentes, paga sempre a sua grandeza. São essas pessoas que dão a garantia do “business”: com os bons rapazes e a boa vontade se perde tempo e não se constrói.

8. O “businessman” é uma pessoa refinada no comer, no vestir, na sua vida privada, na música. Move-se em todos os negócios com uma forma de inteligência transcendente e superior, tem um estilo para o milagre. Sabe que existem momentos nos quais deve dar, sobretudo no início, porque depois recolherá sem dúvida, e, disso, sabe fazer previsão exata.

9. O verdadeiro “manager”, num primeiro momento, deve saber servir. Porque para ganhar, é preciso saber servir. Trago um exemplo: Uma vez fui a uma pequena cidade italiana comprar uma torta para o Natal. A loja estava fechada, então fui diretamente à fábrica. Ali estavam trinta, quarenta pessoas que trabalhavam, uma senhora aproximou-se e serviu-me como se eu fosse o dono de tudo. Estava vestida como uma operária, porém falava como uma mulher inteligente e era muito graciosa e precisa no servir-me. Quando, no final, recebi a torta, disse que sentia muito em não poder deixar-lhe a gorjeta, partindo do princípio de que ela era uma proprietária e não uma operária. A senhora, maravilhada, perguntou-me como eu havia compreendido isso. Respondi que era evidente pela inteligência com a qual sabia servir. Este é o estilo, a superioridade de um “businessman”; ao contrário, os pobres, os operários, mandam e desprezam o cliente.

O verdadeiro dirigente é aquele que sabe servir. É uma outra mentalidade, uma outra dimensão. Não é importante ter a melhor mercadoria, mas ter garbo e ser refinado no servir o cliente; deve-se honrar a pessoa que vem comprar. O “businessman” sabe cultivar e manter os clientes por toda a vida. O cliente não compra uma vez só; se foi bem tratado, continua a comprar por anos e traz os filhos a namorada, o marido. O cliente é o primeiro “passe partout” do mercado. Se não paga é

um outro discurso: não existe misericórdia no “business”, o “businessman” não é um centro assistencial.

10. A máxima do líder é aquela de realizar o resultado mais gratificante para si mesmo através do ganho que os outros obtêm, dos quais se serve e faz agir. As coisas no mundo funcionam se existem líderes que comandam: estes provêem a todos, são a providência em ato que faz mover e gerir também os desprovidos.

4.1 PROJETO ÔNTICO E INDIVIDUAÇÃO HISTÓRICA

O experimento com a própria existência advém em um sincronismo de estereótipos consumistas. Consumistas, enquanto não levam o sujeito a consumir a vida, mas são estes estereótipos que consomem a vida do sujeito. Existe a pessoa sensível que, através das experiências, percebe outras possibilidades, outros horizontes e se dá conta de que não os atinge; porém, também no interior desta dor, existe já uma elevação de consciência, Isto acontece a todas as pessoas que conseguem vislumbrar o jogo mágico (mágico para alguns e falimentar para outros) da vida. A dor está em paridade com a consciência do quanto perdido, não-realizado. A dor existencial não é uma projeção de como as coisas estão em si, porque quando se prova a dor se experimenta a perda, o desfalque, o fracasso. Portanto, tem-se a consciência de saber que existe mais. É justamente a consciência do “a mais” que dá a dor do quanto falta. Os animais, as plantas, no seu ciclo biológico, não experimentam dor, porque agem pelo quanto são; buscam tanto quanto têm: uma coisa produz a outra. Também o gorgear contínuo, que nesta estação de primavera parece música, para os pássaros é um sincronizar-se biológico, é automatismo da vida. Então a dor, a tristeza, que são típicos do ser humano, em muitos aspectos, representam a consciência de algo perdido, que todavia existe. Isto é, a realidade da beleza da vida não só é confirmada por aqueles que a atingem, mas também por quem a perde. Em essência, centrar a vida significa ter resolvido tudo, viver com poder. Este é o nosso tema central. A Ontopsicologia nasceu para compreender a vida e substancialmente todo o mundo da vida; o mundo de um sujeito pode-se resumir ao gráfico:

Reafirmo que, quando falo da vida, entendo a vida de cada um.

Toda a Ontopsicologia pode-se reduzir a esta síntese. A unidade de ação “homem”, a unidade de ação “Eu”, o núcleo, o átomo de vida que cada um de nós é, encontra-se em um infinito conjunto com tantos outros átomos ou mônadas. Mônada é um termo criado por um filósofo de 1700: Leibniz. Monas = uno. Isto é, todas as formas de vida são mundos únicos em si mesmos, mesmo tendo algo que os regula no conjunto. O conceito de mônada, em filosofia, pode ser aplicado para compreender certos aspectos da Ontopsicologia.

A Ontopsicologia, analisando o comportamento, o modo de existir desta mônada, descobre que esta, ao invés de agir segundo uma regulamentação interna, segundo um projeto natural intrínseco (um projeto sadio, forte, colocado em tudo aquilo que existe no universo), na realidade sofre a interferência de um núcleo superficial agregado. Se observamos a nossa realidade física, vemos uma estrutura, um composto genético. “Genético” significa que é pré-posto pelas estruturas-base da biologia da nossa raça. Nós somos constituídos, somos organizados.

No interno do núcleo, “O Em si ontico”, existe já um programa, um projeto sincronizado a dois escopos: 1) a auto-suficiência de si mesmo e 2) a evolução metabólica. Por exemplo, quando comemos, transformamos elementos, identificando-os a nossa estrutura. De modo macroscópico, cada sujeito toma outros objetos e os identifica, os assimila a si mesmo. Como faz a célula - primeiro elemento biológico - que vive assimilando do ambiente circundante aquilo que lhe é similar e, enquanto assimila, se desenvolve, se matura, cresce.

Portanto, a pessoa tem esse projeto intrínseco, que, procede segundo modulações de freqüência, as quais estruturam, codificam, formalizam, segundo uma ordem conexa. Cada um de nós tem um corpo feito de um determinado modo, por isso existe com uma fisionomia que o identifica e o diferencia. Isso é devido a uma modulação estável de freqüência que constitui a

fenomenologia do sujeito. No final, qualquer análise médica, química, etc, encontra-se com uma organização psíquica, isto é, uma seqüência em si mesmo invisível que estabelece, porém, de modo preciso, contínuo, uma determinada fenomenologia: revela-se uma ordem causal que está em condições de codificar qualquer fenomenologia da matéria. Aqui retorna a experiência que cada um de nós tem quando pensa a si mesmo: como organizar a roupa, o trabalho, o jogo. No início, tudo parte de uma causalidade psíquica invisível. As decisões que tornamos, os projetos que definimos nascem de onde, e do quê? Existe um núcleo ativo-pensante que podemos definir “Em si”, alma, psiquê, inteligência, isto é, algo que constitui a ordem apriorica do sujeito homem. Creio que a ciência tornará muito a falar da célula, e segundo quanto virá compreendido, de modo perfeito, dessa, poder-se-á compreender também o homem. Só que, para compreender o homem, é preciso ser competentes não somente em biologia e matemática, mas também em filosofia, porque, no final, a verdadeira filosofia é o único instrumento racional que temos para acessar aos módulos dessas seqüências que codificam a vida material, a vida concreta. A filosofia possui critérios que podem fazer interlocução no mundo das causas que gera estas palavras constituintes, estas mensagens, estes ritmos formalizantes do fenômeno.

A Ontopsicologia descobre que existe um repetidor que altera: o monitor de deflexão'. No interior das mensagens, das comunicações, existem sinais que levam realmente aquela mensagem, porém se no cruzamento dos aparelhos de transmissão (telefone, rádio, radar, raios, etc), no contexto desta rede de comunicação, insere-se um repetidor alterador, um desviador, este pode suprimir o significado, o comunicado-base. Em todos os seres humanos, evidencia-se este repetidor desviador da percepção da mensagem-base por parte da nossa consciência. Quando a célula adocece, é porque sofre uma mensagem desviadora. Por sua intrínseca natureza, a célula não pode adoecer, mas quando sofre a preponderância de uma outra

mensagem que é forçada a receber, deve agir por consequência. Isto é, o ser humano, ao invés de perceber o mundo, o ambiente, o sexo, as amizades, o seu “business” cotidiano, a sua rede econômica de relações e o vasto mundo dos seus interesses, segundo o código de uma realidade cônica, próxima, benéfica, passível de ser assimilada para seu crescimento, segundo as funções de manutenção da própria identidade e expansão evolutiva, escolhe um di verso impróprio.

Neste momento, posso pensar em um Hitler ou em um Stálin: esses homens viveram a sua vida ou viveram o resultado de uma esquizofrenia coletiva que tinha, por lei matemática, a intrínseca necessidade de um ponto piramidal? Quando se faz uma pirâmide, a um certo momento, é necessária a pedra cúspide, a pedra ponta e aquela pedra torna-se o ponto que define o quanto já foi formalizado, torna-se a gestão totalitária do bloco.

Portanto, o monitor de deflexão - este repetidor alterador - , podemos também imaginá-lo como o repetidor das retransmissões televisivas: existe a fonte de emanação ' e depois existem os diversos repetidores que deveriam transmitir o sinal, assim como o receberam; ao invés, se o repetidor está alterado, insere-se um outro programa, por isso, quem olha a televisão em casa recebe a mensagem de quem manipulou. O defeito, portanto, não está na rede das comunicações em si, mas em algo que usou esta rede de comunicações, alterando-a de tal modo que o receptor está convicto de ter a transmissão direta da vida, a transmissão direta de seu egoísmo, da sua sanidade, dos seus interesses e, ao invés, tem a transmissão de um outro interesse, não-próprio.

O escopo do residence é o de dar um endereço prático de como centrar o jogo do sucesso, partindo novamente do egoísmo central do Em si ôntico pessoal. Centrar o Em si ôntico e centrá-la plenamente, significa ter centrado o grande jogo da vida. Portanto, vamos tentar estabelecer uma forma de compromisso, isto é, como jogar o monitor de deflexão em proximidade ao Em

si ôntico, porque depois nesta vida, neste planeta, o compromisso é indispensável. Portanto, como levar adiante em paralelo esta dúplice exigência para fazer o próprio interesse. “Fazer o próprio interesse” significa: “Fazer a ordem do próprio íntimo ser”. Então, trata-se de como organizar a própria vida ao sucesso prático, segundo o próprio interesse. É óbvio que o próprio interesse não é representado somente pelo aspecto econômico, mas compreende todo o arco das coisas que são mais consideradas em uma pessoa: os sentimentos, os afetos, as relações sociais, etc.

Trata-se de viver a própria liberdade, não obstante o fato de termos nascido e de vivermos no interior de um esquema.

4.2. INTUIÇÃO ÔNTICA E PRÁXIS HISTÓRICA

Substancialmente, trata-se de individuar o gênio potencial da natureza em um sujeito, até que este sujeito exercite, depois, com vantagem, uma práxis existencial, uma práxis econômica, uma práxis política.

É preciso reconstituir-se nas fontes do ser, enquanto está demonstrando que qualquer teoria, em qualquer tempo, é sempre a construção provisória de um contexto de cultura. Enquanto que, ao invés, se nós conseguirmos refazer-nos nas fontes do ser, então estamos garantidos, também porque estas fontes do ser conduzem da eternidade os diversos modos da vida no universo.

Quando eu iniciava a pesquisa sobre como era feito o homem, indo sempre mais a fundo, vislumbrei um ponto: “O Em si ôntico, que é aquilo que os antigos chamavam alma, espírito, e que as religiões definiam como o ponto de relação com o Ser. É um fermento que tem necessidade de ser sempre movimentado, porque somente deste modo produz qualquer coisa.

Sobre o termo “ontologia”, faço uma precisão etimológica. Do grego antigo: “Onto” é o particípio presente do verbo ser, “On-Ontos” = “essente”, “aquilo que é”.

A primeira coisa que devemos compreender, referente a qualquer objeto, é se existe ou não existe.

O verbo ser é a primeira raiz de qualquer palavra, discurso ou lógica. É o termo categórico universal de qualquer existência: o homem é, deus é, a cadeira é. Além do verbo ser, existe somente o nada, por isso esta palavra é radical a todas as outras lógicas e objetos. Portanto, a ontologia é uma subdivisão da filosofia que trata as lógicas, as características do ser.

“Ontopsicologia” vem de três palavras: an - antas / ser; psiquê = alma, mente; logo = ciência.

Através de uma ciência global, total em sentido racional, analisando a mente, os processos psíquicos e, portanto, a consciência, as emoções, o comportamento e também tudo aquilo que é espiritual e inteligência no homem, ' nos apercebemos que tudo isso é fenômeno de uma causalidade que é ôntica, por isso o padrão, o fulcro é o Ser.

Eis por que a Ontopsicologia, depois de ter compreendido o funcionamento dos processos psíquicos, dá-se conta de que existe uma raiz que conduz tudo.

Se, por exemplo, eu começo a analisar a célula biológica, vejo que funciona com certas características e não funciona com outras; analisando-a, dou-me conta de que existe uma ordem e que, desta ordem transcendente, a célula é só uma fenomenologia. O DNA explica até um certo ponto. Então, para exercitar e fazer práxis de psicologia aplicada, é preciso que uma psicologia superior atinja as motivações do ser.

Quando analiso uma pessoa, olho a sua cultura, a sua civilização, os seus pontos de vista, as suas tradições, os seus estereótipos; analiso as dinâmicas estruturais da sua personalidade individual: emoções, processos psíquicos, complexos e todo o vasto mundo da psiquê. Depois, confronto todos estes aspectos com a intenção radical do ser, com o projeto da mente. Analisando o homem, vejo que tem um Em si ôntico e, para atingir o seu bem-estar, devo ler o fulcro ôntico. Com a leitura deste critério, eu tenho o princípio da certeza e posso dizer que, em 25 anos de atividade, cada vez que li este critério do indivíduo, nunca errei. Tanto para curar fisicamente um tumor ou qualquer tipo de doença, como também um comportamento mental do sujeito. Este é o enquadre de toda a Ontopsicologia. Por isso, também quando falo aparentemente do Ser ou de deus, sou racionalista laico sobre como as coisas estão, isto é, faço a leitura intrínseca dos fatos.

Nota:

1. MENEGHELLI, Antonio. *Il Monitor di Deflessione Nella Psiche Umana*. Psicologia Editrice, Roma 1985.

5. A ÉTICA DO LÍDER

I

Configurar e delinear o caráter, o estilo de vida e a regência do poder de um líder autêntico não é difícil por si mesmo, enquanto trata-se de colher a simplicidade de um projeto universal que a natureza já preconstituiu como virtualidade, através do Em si ôntico específico do indivíduo pré-escolhido. O difícil é traduzir essa proporção de ação, o líder, para aqueles que infantilmente a aspiram, mas não têm os pressupostos para sê-la. O líder é uma pessoa que pode e sabe administrar o poder do próprio corpo social, garantindo a essa identidade funcional e, por consequência, crescimento. Pode, porque é dotado de respostas eficientes às exigências de ordem e desenvolvimento do próprio corpo social. Poder-se-ia entender também carisma e preparação histórico-cultural em relação à situação. O líder sabe porque intui e racionaliza a solução indispensável ao contexto antes que surja a desvantagem. O poder é qualquer potencial disponível no momento: psicológico, emotivo, político, econômico, legal.

Corpo social é a área da psicologia territorial que o líder polariza de fato: crédito, ideologia, colaboradores, organização, indivíduos e setores de um interesse que, de fato, especifica e une o líder. Essência ou motivo do líder é a capacidade de mediar funcionalidade ao grupo ou ao contexto. Mediar a funcionalidade do corpo social significa proteger e defender por inteiro a identidade de existência e valor do grupo e, sobretudo, garantir o crescimento qualitativo e extensivo da ação do corpo social. É a tipologia de interesse do grupo que seleciona e especifica o líder. Na medida em que o líder garante a entidade e a qualidade do interesse coletivo, ele já é tal. As origens do líder são ordinárias e

a conjuntura histórica o revela. Definido um campo de tensões com tendência a desintegrar-se em direção ao interior, acentua-se um ponto que se define convergência e vetor progressivo de todo o campo, tornando-se o isso* estabilizador que assimila como própria toda a energia similar e próxima. Equilibrando cada parte à convergência central, constituída e definida pelo líder, ele formaliza intensidade e intencionalidade do todo à evolução progressiva.

II

Não importa a sua constituição física (se ectomorfo, esomorfo ou endomorfo), posição genealógica, idade ou posição econômica. Depois da sua validade de intuição e volição, a posição nas relações é determinante. É importante que ele se encontre no momento e lugar precisos, onde as relações internas do contexto acusam contemporaneamente tensão e referências, ou seja, o ponto crítico onde se rompe a situação, mas existem também os últimos liames que ainda dão união ao contexto do corpo da ação. Também no caso em que o líder é um produto lento e “iniciático” do corpo social, a sua revelação é determinada sempre por um momento e um ponto de ruptura do sistema que projeta o campo de produção de seu interesse específico. O líder nunca é genérico, sempre é específico. Também se a sua intuição volitiva apresenta as características superiores de um dirigente, segundo a projeção das leis da natureza. O líder, como dirigente, tem os seguintes dotes: 1) visão imediata do contexto dos coligamentos ou relações do contexto, localização do ponto de ruptura e ponto para retomada do movimento da unidade do campo; 2) impulso de decisão centrado sobre a “contenção” provisória e reação à pressão de fratura; 3) eliminação do potencial-vetar em antítese ao corpo e 4) restabelecimento das proporções em equilíbrio com o vetor ou escopo-base do corpo.

N.T. - Iso (In Sé Ontico) Significa igual. Igual ao critério de natureza.

III

Aquilo que caracteriza o comportamento do líder é a sua racionalidade eficiente ao escopo do corpo social, segundo especificidades que podem destacar a sua unicidade pessoal ou individual. Pessoal, se referido à sua inteligência; individual, se referido à imagem psicofísica. Racionalidade eficiente ao escopo entende-se a capacidade de coordenar os meios necessários e de reforço .” para a realização funcional do corpo social sobre a urgência histórica.

Ele é determinístico ao escopo funcional e pré-escolhido, variando os meios com racionalidade econômica.

O seu “ethos” é ação ao fim. Problemas morais, culturais, ideológicos são considerados para serem instrumentalizados ou contornados. Tanto num quanto no outro caso, sabe fazê-lo com tamanha arte que parece um defensor daqueles valores que de fato lesa.

A expressão “o fim justifica os meios”, se entendida corretamente, é exata. Ou seja, se aquele fim é indispensável à sobrevivência do corpo, e o corpo é verdadeiramente importante, então os meios indispensáveis a tal escopo são justos e necessários. Se, ao invés, aquele não é o fim funcional e lógico, ou então, se os meios têm outras equivalências ou variáveis de processo e identidade, neste caso, a frase é opinião.

IV

O líder tem um Em si ôntico especial por natureza.

O Em si ôntico é o princípio formal que estrutura o orgânico psico-biológico do indivíduo humano. Ele garante e identifica a exatidão ou não da unidade de ação-homem em processo histórico. O Em si ôntico é um seminal virtual.

Especial: possui um virtual maior do que a norma e com atitude a especificar-se em mais modos. É um Em si com faculdades mais específicas a tornar-se história com dinâmicas elevadas de inteligência, vontade e vitalidade.

Em alguns casos, a natureza abre o potencial do super-homem: todas as suas faculdades são aumentadas a um nível elevado.

Porém, junto à espontaneidade providencial da natureza, é indispensável a aculturação em uma área mundana. Essa aculturação consente a especificação metabólica do Em si ôntico que, nesse caso, pode especificar todas as fenomenologias próprias e, sobretudo, o nascimento do Eu como Eu lógico-histórico, funcional e superior.

Língua, costumes, ciência, práxis, experiências diferenciadas e de especialização são indispensáveis para dar precisão à intervenção técnica do líder. Ele deve ser capaz de ação especificada. Por isso, tem necessidade de uma preparação técnico-escolástica existencial superior à média, para aprender os instrumentos, a fim de operar historicamente a autogênese da qual ele é ponta.

Caso contrário, ter-se-á um esquizofrênico, um falido, um rejeitado da história.

Infelizmente, a maioria dos gênios potenciais é destruída antes da sua maturação histórica pelo monitor de deflexão, através de adequadas estereotípias sócio-familísticas.

“Providenciai” não significa que um ente ou agente externo intervém ao acaso ou de improviso sobre o modo de viver de uma parte ou de um conjunto. Se fosse assim, procedendo pela lógica do real ôntico, seria inconciliável com aquilo que é a autonomia eterna do real em si ou do Ser em si.

O Ser se identifica sobre cada coisa que, de algum modo, o fenomeniza, por isso, em nada contradiz a si mesmo.

Então, providenciai significa que a inteligência for- " mal do contexto ou da situação, é capaz de relançar um ' reforço de identidade funcional, quando o contexto está em crise, que se especifica em imunitários autogenéticos que eliminam a crise regressiva ou alienante.

Portanto, providência significa reforço funcional à identidade da unidade de ação. E isso é dom intrínseco do potencial existencial do contexto.

O líder é a fenomenologia-ponta de tal reforço.

V

A ação de providencialidade de natureza não é determinável por qualquer contexto, mas somente por aquele lugar de convergência que dá proporção ao geral dos contextos. Isso significa que não existe nenhuma necessidade de salvar todos os contextos ou áreas de ação e tanto menos os diversos corpos sociais.

A providencialidade histórica se exercita e se fenomeniza com base nos pontos equilibrantes da economia hierárquica do

todo. O todo, para nós humanos, é o plane-ta Terra (por enquanto).

Para este planeta, segundo os processos e densidades estratégicas das pressões de intencionalidade psíquica, determina-se a eisseidade* histórica do acontecimento do líder providenciai. Isso é exposto por exclusiva função de manutenção e evolução daquele contexto mundano, que sucessivamente determina o equilíbrio histórico-biológico ou sócio-biológico do conjunto dos contextos mundanos.

VI

O que já foi colocado permite afirmar que nem todo o contexto é indispensável, mas somente aquele contexto que é funcional à economia do conjunto é, de todo modo, salvo, se o conjunto (o humano terrestre) mantém ainda uma margem de auto-suficiência em relação à constelação (psíquica, biológica e energética) que o mantém.

Os meios ou as partes são justificadas na medida exclusiva de quem ou daquilo que os mantém.

Por isso, não existe nenhuma necessidade para a sobrevivência eterna do planeta e muito menos para qualquer mega-estrutura sócio-econômica, psico-ideológica ou histórico-política deste planeta.

Com as proporções adequadas, podem-se fazer oportunas ilações sobre qualquer constelação do universo ou genealogia da constante H no universo.

O jogo e a tensão se exaurem na eisseidade de cada indivíduo-homem que existe neste mundo.

Também o monitor de deflexão administra a sua realidade e influência até que tenha o suporte do vital existencial, humano ou não.

**eisseedade = É o íntimo do que é Em Si. É algo que se é por evidência e procede do Ser. (n.d.E.)*

VII

Em relação ao monitor de deflexão, o líder não tem nenhuma compreensão e freqüentemente é estimulado ou até mesmo instrumentalizado por este. Porém, o líder toma alguns estereótipos-base deste, que vê registrados no comportamentalismo de massa. Ele intui que muitas posturas e escolhas de vida são falimentares e, portanto, as evita, ou então, em alguns casos, as usa para fins “superiores”. Substancialmente, ele aferra em grande parte os módulos de freqüência do m.d.d.*, simbiotizados em sujeitos humanos e, por conclusão, nos seus efeitos, os evita ou os combate.

Mas o mecanismo em si, alojado nas sinapses neurônicas da área cerebral, ele não o imagina. Se tem cultura onto-psicológica, então é diferente.

VIII

Conhecendo o m.d.d., o líder tem uma enorme vantagem na dialética do cotidiano histórico. E se ele mantém a vigilância sobre cada variação semântica, em tal caso alcançou o onisciente poder da vida, no que lhe diz respeito.

IX

O indivíduo que nasce predisposto a ser um dirigente², se não é precocemente interferido (antes dos vinte anos) por desvios familiarístico-patológicos, e encontrar uma cultura média inerente à própria existência histórico-social, começará a reagir com egoceptividade especial ao impacto crítico de um problema.

Enquanto o problema faz ruptura em algum componente ou função do contexto (área, setor, papel) e ninguém, internamente nesta situação, sabe resolver ou reparar, o líder, tão logo lhe seja consentida a ocasião, tranqüilamente coloca em equilíbrio meios e organização (no âmbito do histórico possível) e não somente retoma a função (e nem sempre à instituição ou estereótipo), mas facilita o crescimento do contexto.

Num primeiro momento, ele é um preguiçoso e considera que os outros saibam fazer bem todas as exigências técnicas.

Quando percebe que os outros erram ou são incapazes, somente então, se posiciona e se expõe, centrando-se exclusivamente sobre os fatos.

Lentamente, abandona todos os mitos do histórico-social e se faz práxis de inteligência funcional.

Os problemas são o corrimão para aguçar progressivamente o êxito no campo pré-escolhido.

Não é ambicioso, mas tem uma urgência mais aguda para fazer realização superior.

Ele possui a tecnologia das funções e ao aplicá-la satisfaz a si mesmo.

Realiza o próprio egoísmo no ser e fazer função superior ao contexto, onde acontece e se especifica.

**m.d.d. = monitor de deflexão*

X

A trilogia do líder: Ação, Prazer, Tópica. Estes três, valores estão em relação hierárquica.

A **Ação** é como a inteligência (Em si ôntico e Eu lógico-histórico) especifica o ser em situação, em função da identidade e crescimento do vetar do corpo (social, econômico, histórico, etc.). O dirigente especifica o ser no devir eiseico. Portanto, ele é o mediador ôntico na história e mediador de função na existência configurada.

A ação vencedora é o primeiro todo do líder. Todo o resto é meio.

O **Prazer** é estar com paz sobre o ponto portador das funções que realizam específicas proporções do contexto em equilíbrio provisório. O devir não consente uma função fixa ou estática, por isso cada função na existência é atualizada e inventada continuamente.

Aqui o líder recoloca em equilíbrio a própria psicologia e posicionamento renovado a ação. Ele pode entrar em uma circularidade de si mesmo e desfrutar todos os prazeres dos quais é capaz: da contemplação ao narcisismo, da arte do bom gosto em cada aspecto da sua vida privada ao erotismo sensorial que revigora de alma o corpo, dos “hobbies” prediletos às relações mais queridas de pessoas escolhidas e formadas durante o tempo.

O tempo de prazer é ritmado pelos intervalos de Ação. Esses intervalos devem ser buscados a qualquer custo e vividos, porque nesses a força faz a própria autogênese. E, sobretudo, porque neste “tédio do ócio”, pode-se entrar na experiência-ponta do metafísico possível.

O metafísico é indispensável na vida do líder, porque a partir daí todos os escopos de ação se iluminam e têm lógica.

A **Tópica** é o pedaço de terra onde o cedro do Líbano planta os seus pés para abrir os seus prados no céu e abrir um universo de vida.

O líder deve ter uma constante circunspeção legal e física sobre tudo aquilo que o configura no tabuleiro de xadrez, base do social onde opera. Casa, família ou relações particulares, clube, passaporte, conta bancária, dependentes diretos ou físicos, fisco, propriedades diretas ou individuais, legislação civil, etc.

Tudo isso é a porção de terra firme onde o líder salva e garante a si mesmo como indivíduo frente ao social que o contém. Jamais subestimar essa tábua de salvação. Sem ela, o social físico próximo nos reduz ao vazio de entidade histórico-operativa e, portanto, se é derrotado em qualquer iniciativa. Por essa tópica, se é real socialmente, sem ela, simplesmente se é incriminado.

XI

A Regência do poder. Uma vez que o líder alcançou o poder do corpo social, deve antes de tudo perceber isso. É indispensável para dar unidade de ação na manutenção e desenvolvimento de toda a sua obra funcional. A extensão do poder é salvaguardado pelo raio do seu conhecimento.

A razão do seu poder está conexas com a lógica do vetor dominante do corpo sócio-econômico. Portanto, somente aquilo que é meio e modo ao vetor é indispensável e categórico.

É óbvio que o vetor é importante na medida em que é escolhido e admirado pelo íntimo do líder. Porque a condução do vetor é eficiente na medida em que o líder a identifica como autogestão do próprio egoísmo existencial. Definitivamente, também a função de qualquer vetor está correlacionada à

realização e evolução do melhor no, qual a vida se distingue superior.

Sempre a vida, ou o princípio-mente que a intenciona, exalta aquelas individuações que mais a fenomenizam. Por isso, ela tende sempre à própria glória, e quem quer ' que seja capaz dessa função, desfruta de tal glória.

O líder ama somente quem ou aquilo que é ação específica do projeto em ato, no tempo e na medida em que com ele contribui.

XII

O seu estilo de vida é coerência de intencionalidade sobre tudo aquilo que historicamente é o fim primário. Ele articula cada estratégia para dar práxis histórica ao próprio egoísmo territorial, permanecendo, para si mesmo, em contínua transcendência. Sendo a solução potencial para qualquer crise na qual é específico, de tempos em tempos, ele estrutura a técnica (texvn) que desenvolve a crise em função, atualizada ao evento. Mas nesse processo, ele torna verdadeiro continuamente a si mesmo em transcendência metafísica do dado e da história. Sabe que deve dar-se como progresso constante para o tu alótopo, se quer o encontro paritário com o Ser.

A sua função é a solução constante, sem deter-se no solucionado. A sua solução existencial é transcendental.

Se deixa a própria transcendência, inicia a própria esquizofrenia existencial e, obviamente, torna-se destrutivo do corpo social.

É generoso, bom, amante, jamais vingativo. É intransigente e obstinado ou circunspecto sobre cada detalhe em

antecipação ou frente às dificuldades incumbentes ou iminentes. Superada a conjuntura, não se volta jamais para trás.

Conhece a experiência da história sobre o seu setor, mas prefere rever tudo desde o início toda vez que a aporia se apresenta. É sempre criativo porque sabe aprender em cada “gestalt” existencial.

Quando não existem dificuldades, amplia ação e interesses, reforçando o núcleo ou eixo portante do próprio poder e daquele do corpo.

XIII

A regência do líder cadencia-se sobre o ritmo e a hierarquia dos quinze aspectos que caracterizam o Em si ôntico.³ Ele deve saber tudo. Deve saber, sobretudo, as notícias com antecipação, todas aquelas que são, de algum modo, inerentes ao escopo e eficiência do corpo social. Deve vigiar sempre a psicologia de reflexo ou relações de qualquer componente próximo ou capaz de interferir, direta ou indiretamente, sobre a eficiência e o escopo do corpo.

Deve saber sem interferir. Sabendo determinadas informações, pode registrar melhor a própria estratégia ou, em caso negativo, pode deixar em curso livre as lógicas desagregantes até que não tenham uma consistência precisa de antítese ou desagregação contra a eficiência do líder ou do corpo. Neste ponto, o líder fez a exposição e a demonstração e, racionalmente, as expulsa do contexto. Ou então, depois de tê-las previsto, faz chegar suas informações desviadoras e as faz cair no vazio ou em redículo manifesto.

A democracia, em sentido contemporâneo, não tem muita importância, senão aquela de melhor formalizar a diplomacia das relações.

Em ciência, em economia, em filosofia ontológica, ' ela não tem nenhum sentido por si. A democracia contemporânea é somente violência do número, quando consegue afirmar-se como opinião de massa.

Milhões de ignorantes, quando se unem, reforçam a ignorância com todas as suas conseqüências.

Somente em política, a democracia faz, de fato, o seu verdadeiro papel, e a sua opinião deve ser calculada.

O líder, enquanto função à eficiência e evolução do corpo, justifica-se exclusivamente pela capacidade dos resultados.

Por isso, deve escutar e saber tudo para depois discriminar e decidir sozinho. Quando aceita a democracia, a história pode justificá-lo, mas a vida o considera um perdido.

A vida se apeia da função em crescimento para o eterno. Todo o resto é opinião para aqueles que não estarão presentes onde o Ser se faz presença.

Frente ao Em si ôntico e ao real, o líder não tem perdão ou justificativa se substitui a própria intuição pela opinião do coletivo. A sua mente, se não foi manipulada, tem intrínseca a função do real.

O sinal da sua ineficiência é dado pela estabilidade "Standard", ou, pior ainda, pela diminuição dos resultados que valem. Nesse ponto, o líder ou se retoma sozinho com introspecção ontopsicológica ou deve retirar-se e deixar o mandato do corpo. Se não se demite, será fagocitado pelo corpo que tanto amou e pelo qual tanto foi exaltado.

Se, ao invés, o líder mantém o pulso seguro sobre o timão, deve levar em conta a opinião mais ou menos democrática

da forma exclusiva de instrumentalizá-la ou calculá-la para jogar a própria ação sobre o tabuleiro de xadrez do condicionador psicológico do ambiente: usar a ética do grupo para favorecer a ética do real em situação.

Tudo isso poderá parecer deaa todo desagradável. De fato, o líder é tal e é providência histórica na medida em que é função do real específico do corpo do qual é responsável: da gestão de uma empresa às proporções de mais constelações de povos.

É óbvio que todo traçado deste parágrafo sobre a regência do líder, justifica-se na racionalidade exclusiva de consentir o equilíbrio funcional daquela democracia livre, respónsável e funcional de todos os componentes do corpo.

Para si mesmo, o líder é tensão constante, segundi a proporção individual, ao belo, ao verdadeiro, ao sadio. Ao realizar isso, ele é resposta à vida, à sociedade, a si mesmo.

5.1. A VOCAÇÃO ÔNTICA

O líder é um ativador de valores. “Valor”, o que significa? “Aquilo que faz mais”. Mais, em que sentido? Aquilo “que faz mais ser, qualquer fenomenologia que, definitiva- ; mente, produz passagens de maior investimento ôntico: faz ser mais (é indiferente que seja dinheiro, afeto, relações políticas, etc.). No ser mais qualificam-se todos os outros dotes: a saúde, a beleza, a inteligência. O valor, em sentido descritivo, pode ser definido como uma atitude, uma operação, um comportamento, um modo de fazer que produz identidade e evolução do sujeito. Identidade, porque o egoísmo diz “eu”, isto é, agrada-me fazer se sou eu o protagonista vencedor. Como a célula que é vital, enquanto faz metabolismo e reforça a si mesma como identidade de forma. Portanto, fazer qualquer coisa que consolide o meu aqui e agora e que dê significado, importância, que motive com valor o meu “ser aqui”. Quando digo “a vida”, “o ser”, entendo, definitivamente “eu”, “mim”, o meu “ser aqui”, portanto, o existencialismo, a práxis de tudo aquilo que é a Ontopsicologia. Também quando falo de transcendência, não entendo “o ser além”, como faz a religião, mas o “ser aqui”. Portanto, ser “eu”, o lugar da perfeição do ser. O Ser metafísico, o Ser total se afirma, se documenta, se presencia através do meu aqui e agora, assim.

O líder, para ser ativador de valores, deve passar constantemente através do “tu”. Eu me torno “eu” na medida em que sei mediar o “tu”. O “tu” é o outro, é o “partner”, é a empresa, a sociedade, a natureza, isto é, “o outro” que não sou eu. Eu invento, crio a mim mesmo através de uma interação, isto é, sou eu na medida em que exercito a função social. Portanto, realizo o meu egoísmo na medida em que sei ser função de valores sacias, porém, a referência, o motivo e o escopo sou sempre eu, a sociedade é um meio. Isto é, para realizar o seu egoísmo, para gratificar a si mesmo, o líder deve passar através do utilitário dos outros. Por exemplo: deve fazer uma fábrica, então

lhes servem tantas mãos, coloca pessoas a trabalhar com ele, lhes dá dinheiro e um trabalho que sozinhos não saberiam produzir.

O líder é uma causalidade da natureza, não é dado por linha genética. Por nascimento, dá-se um potencial, porém, esse potencial, se não é ajudado pelo ambiente, não chega a manifestar-se. Faço seguidamente o exemplo das sementes de uma grande árvore: as sementes vêm todas da mesma árvore, mas quando serão plantadas no terreno, em diversos lugares, não existirão duas árvores iguais, assim como uma árvore não tem duas folhas iguais. Por isso, é uma dialética entre natureza e ambiente histórico. Então, existe um primeiro dar-se do Em si ôntico espontâneo da vida e depois existe uma autóctise histórica.

Autóctise vem do grego. “Autos” significa: mim mesmo; “ctizo” significa: fazer, construir, autopor-se. Então, tem-se a espontaneidade da natureza e autoconstrução individual: os dois aspectos são inscindíveis. Muitos não sabem construir-se, mas a natureza dá o potencial a todos. porque dá a todos o egoísmo, o instinto de ser o melhor do mundo. Instintivamente, ninguém é segundo a um outro. A todos é dado o instinto do primado, depois é preciso saber realizá-lo.

No princípio, o Ser é soberano a si mesmo. Portanto, existe uma vocação ôntica, uma chamada metafísica anterior ao nascimento: “Antes que tua mãe te gerasse, eu já te havia escolhido e chamado”. Cada um de nós faz parte do horizonte do Ser, depois existe a fenomenologia, a consciência: nós somos os artistas para fazer a nossa existência. Eu insisto muito sobre a responsabilidade artística de como criar a nossa existência. Não é preciso sermos fatalistas, não é preciso sermos crentes, é preciso fazermos a vida; “O futuro existe conforme tu o constróis hoje”. É matemática consequencial: estamos nas nossas mãos.

Alguns nascem diferentes, porém, isso torna-se mérito se, por consequência, eles souberem construir. Se o sujeito tem uma conduta indolente, infantil, destrói tudo aquilo que foi o projeto

potencial. Não basta sermos chamados de modo supremo, de modo excepcional; a nossa grandeza está no modo como respondemos. Somente na resposta, nós podemos ser ou não ser, porque, na resposta, eu sou construtor, eu faço o ser. O “Homo faber”, o “homem prometeico”: é aqui o nosso ponto, a nossa grandeza, o nosso valor. O gênio nasce através da sua liberdade.

5.2. INSTRUMENTALIZAR A MORAL HISTÓRICA PARA GARANTIR A INTENCIONALIDADE DO EM SI ÔNTICO

O pano de fundo da minha concepção moral substancialmente entende a necessidade de duas morais⁴: moral ôntico e moral social. O sábio não pode ter uma só moral. O título desta abertura de sentido é: “Não é mais tempo para os anjos”.

No âmbito daquela maturidade interior de um homem suficientemente evoluído seja sob o plano psicológico, social ou jurídico, não existe espaço para a simplicidade angelical.

Para realizar o ser no existir cotidiano, é tempo de ser sobretudo “cobra”. Qualquer atitude de caráter pietista-misericordioso-assistencial, ou encontro de passividade, é uma determinação a consentir, de modo factível ou cúmplice, à regressão do humano, seja para si mesmo, seja para o outro, seja no contexto deste planeta.

Não é tempo do deus “fanciullo”*, do “puer aeter-nus”, da pomba alada. É, exclusivamente, tempo da luz do fio de barba. É tempo da prudência da cobra. Não é possível sermos maduros, não é possível sermos construtores de vida, operadores de valor social se persistirmos na tradição, nos estereótipos do passado, pelo menos de um certo passado que nos embota a todos.

Se queremos ser objetivos, concretos construtores de história criativa para o humano, é preciso ter a prontidão e a prudência muito circunspecta sobre todos os particular' nos quais nos encontramos, hora por hora, na nossa vida; O forte, o perfeito, o amigo criativo, o vital é uma linguagem do “sim-sim”; “não-não” é uma linguagem de ser. Isto" é, ou as coisas são como devem ser ou é melhor que não sejam. “Aut sint ut sunt, aut non sint”.

O homem que quer ser líder de valor deve sensibilizar-se para entrar no vital sociológico sempre com íntegra ' prontidão, com íntegra sagacidade do holístico dinâmico. Constantemente, no momento em que estamos no bar, no „ momento em que estamos na cama com nosso “partner”, no momento em que estamos à mesa no convívio familiar, no momento em que estamos com o amigo ocasional, no momento em que estamos a discorrer um instante com o porteiro, ou então, com o passageiro ocasional no elevador, em todas essas ocasiões, devemos ter sempre uma “performance” de direção. Isto é, podemos dizer aquelas meias-frases de condescendência, de acordo, de semi-igualdade até um certo ponto. Existe uma média, além da qual, se a superamos para sermos gentis, para estarmos de acordo, imediatamente determinamos a regressão do nosso Em si organísmico. Por conseqüência, retrocedemos e somos inferiores àquilo que é a universal vocação do homem livre, do homem grande, do homem filho do ser. Se cada homem, enquanto operador de vida, enquanto líder de valor, é fenomenologia do espírito, isso significa que no seu dia-a-dia, no seu aqui e agora onde o indivíduo existe, deve ser sempre conscientizado de que aquele momento é uma mediação. Isto é, qualquer ação, ocasional ou exposta, é sempre um meio-termo, uma interação onde determina-se a medfanicidade do ser.

Em qualquer momento, cada um de nós se propõe no modelo da massa, no modelo dos estereótipos, no modelo do “todos fazem assim”, no pressuposto genérico do “conformismo”; nós determinamos a aberração, a perversão da nossa estrutura íntima e nos opomos ao sentido edênico da vida. O fingir a adaptação é possível, mas a adaptação convicta, mesmo provisória, jamais é possível.

**Fanciullo = alma que por princípio ainda é pura.*

O fingir é necessário quando não é importante externar o verdadeiro íntimo de si mesmo ao outro. Usar determinadas máscaras até que o outro creia de um determinado modo, sem fazer um desperdício da preciosa economia de nossa alma com outros que não sabem ou que não querem saber, é dever de economia existencial. Em qualquer modo da aparência, no fingir do uso ocasional da máscara, não devemos permitir a corrupção da autenticidade do nosso ser interior. E se isto advém, sucessivamente deve-se pagar o conseqüente carma em silêncio e humildade, até quando o virtual ôntico retorne ao estado anterior à queda. Isto é, o espírito, a transcendência do ser não quer implicações com aquilo que é perverso ou errôneo, com aquilo que, em sua essência, deterministicamente procede ao nada. O ser é sempre intacto, perfeito, simples, imaculado, é ato total em si e por si. O verdadeiro sábio vive de perfeição contínua, seja quando dorme, seja quando vai ao “toilette”, seja ao bar, seja quando brinca. Está sempre em uma forma de onipresença frente ao chamado do ser. “Para mim, aqui e agora, qual é a ação ótima? Eu, aqui e agora, apesar de estar usando esta fenomenologia, este estereótipo, esta adaptação, onde sou chamado?”

A cada indivíduo que se determina no seu Em si organísmico, e ali permanece absolutamente fiel sem hesitação, é dada a extraordinária exatidão do juízo onde a vida caminha com seu candor alegre e eficaz.

A malícia, a inteligência dos perversos, dos diabólicos, é nada em confronto com a perspicácia extraordinária que o sábio possui. Quando o sábio aparentemente deixa fazer, significa que se está distanciando, que deixa precipitar, que deixa o outro destruir-se sozinho. Ele sabe perfeitamente que não é tempo dos anjos, não é mais o tempo para os “fanciulli” em um planeta já sistematicamente desviado.

Cada um de nós é um projeto eterno, mas é bem sucedido se esse projeto é atuado, e a atuação desse projeto eterno implica a situação mundana de hoje, já que estamos todos coenvolvidos

no sistema cívico, no sistema jurídico. Houve um tempo em que o sábio tinha o seu espaço natural onde vivia e geria o seu tempo no seu lugar, exatamente como progressiva encarnação do ser no lugar que ele identificava como existência humana. Hoje, isso não é mais possível, pois estamos todos envasilhados no sistemismo e, para poder gozar na constante revolução interior, o sábio não deve jamais permitir-se um momento de ingenuidade.

Porém, temos um parâmetro técnico-científico racional que pode ser a espada externa de defesa. O Sistema Jurídico é a espada. O sábio deve conhecer a lei, os códigos civis, os códigos penais, melhor do que todos, melhor do que os advogados, melhor do que os juízes, melhor do que ninguém. Deve conhecer a lei e a parte do código atinentes ao âmbito da sua atividade. Em caso de necessidade, pode usá-lo como defesa. Felizmente, vivemos em um Estado onde a lei racional é bem feita e consente um espaço de autonomia, de luta. O sábio deve usar a lei, não como sobrevivência, mas em antecipação. A norma jurídica é uma ótima espada temporânea, uma ótima defesa estratégica, mas deve ser conhecida e usada com prudente inteligência. Temos uma infinidade de leis que, em circunstâncias particulares, podem ser usadas em defesa do próprio valor, do próprio progresso. Não se trata de haver uma violência externa. Existem situações nas quais é necessário empreender determinada ação: se a assinala, se a configura e se a coloca em configuração de códigos, coloca-se dentro da máquina, e a máquina trabalha sozinha. Portanto, a magistratura, a polícia, etc. são todos objetivados sistemicamente para elaborar e colocar-se em função alotrópica.

Não é tempo para os anjos, não é tempo de perder-se em agressividade.

Os nossos complexos de sentimento de culpa, de inferioridade individual e social nos assolam a tal ponto que nos discriminam e nos colocam em uma situação de gerar um progressivo masoquismo-jurídico-social, a piorar toda a nossa

atuação e consentir aos inferiores a crueldade na vitalidade humana.

O sábio é o bem maior da vida. Quando o sistema não permite mais a presença do sábio, do homem maduro, do homem verdadeiro, construtor de vida, daquele que acelera e desenvolve valores, perdemos tudo e então não podemos invocar instituições, academias, ou fazer associações. É preciso que o gênio sozinho saiba armar-se e, racionalmente, saiba usar a máquina do sistemismo social para voltar tudo contra aquilo que o queria inquirir. Isso significa educar a sociedade, significa fazer pedagogia social.

Na medida em que nós crescemos, existe a defesa personológica dos nossos valores e esta autodefesa não é feita somente em perspectiva psicológica, verbal, mas, em certos momentos, é oportuno fazê-la também em perspectiva jurídica. A dimensão jurídica faz sozinha, tranqüilamente. Não a vingança, mas a liberdade de crescer.

Toda a vez que queremos amar uma pessoa, não fazemos samaritanismo profissional, já que o bom samaritano do evangelho ajudou porque aquele era um moribundo. Depois retornou egoisticamente à sua viagem. Ele o atendeu e depois não ficou ali se fazendo de anfitrião indefinidamente. Isto é, não devemos permanecer cultivando a deficiência, não devemos manter o doente. Não se pode ofuscar a própria inteligência por piedade em relação ao outro. É sempre um cálculo de exatidão: “Sim-sim, não-não”. Fazer caridade a um pobre significa reforçar seu estereótipo. Pode-se ajudá-lo uma vez, ocasionalmente. Quanto mais lhe dou esmola, mais o caracterizo naquele nível. Isto não é amor real, é corrupção.

Portanto, não é tempo para os anjos, é tempo para a cobra. Caso se está em dúvida, dá-se, mas quando se tem a evidência de que, ao dar, se insemína-se regressão ou consente-se o estereótipo da mediocridade, se é contribuinte da perversão e,

portanto, se é cindido de inteligência da vida. É perverso vestir-se de esperança: não se pode obstruir com a esperança ou repassando a responsabilidade ao outro, porque a responsabilidade do outro não substitui a própria.

O sábio, como tal, está sempre sozinho frente ao ser. É uma escolha. Esta é a grande estrada mestra: intransigência na perene adequação. Mesmo fazendo infinitas adaptações, não se deve jamais sombrear o imaculado pudor inflexível do ser.

É uma regra dura que vale somente dentro. É uma lucidez interior que depois se usa externamente com boa diplomacia.

5.3. O SISTEMISMO LEGAL

Hobbes escreveu “Homo homini lupis”, “O homem é o lobo do homem”. Fala-se seguidamente dos perigos que podem envolver o humano: epidemias, invasões extraterrestres, fome no mundo, pobreza, que depois provocam a revolução dos pobres contra os ricos, ou então, um tipo de religião fundamentalista, a carência ecológica no planeta, o buraco de ozônio, etc. Na realidade, o verdadeiro perigo é que quanto mais avante se vai, vê-se tomar corpo o sistemismo legal que ninguém nota e, antes, todos ajudam, mas que depois improvisadamente golpeia os mais ativos. Todos os livros de ficção científica, quando querem imaginar uma situação “final” para a humanidade, vêem sempre o “Moloch” do sistema que já prende a todos. Cada um de nós trabalha, pelo menos, um terço da jornada para o Estado: não me refiro às taxas, ao fisco que cada um paga, isto seria banal, mas ao “sistemismo”. Por exemplo, quando se vai comprar algo é preciso esperar que o negociante preencher toda a nota fiscal, os preços, aquilo que vai para o imposto, aquilo que vai para a empresa; depois de ter comprado um automóvel, é preciso protocolar diversas coisas, todo o mês existem obrigações a respeitar. Isto é, somos sistematicamente colocados no abismo dos papéis. O famoso monstro do Apocalipse, o Leviatan, o anticristo, é o sistemismo.

O Sistemismo, num primeiro momento, parece uma vantagem em favor de todos. Tornemos o dinheiro. Estamos todos indo em direção aos cartões de crédito, mas, no final, será uma vantagem? Antes de tudo, o sistema pode controlar toda a nossa realidade econômica. Um dia, de improviso, por uma multa qualquer, por um delito qualquer - verdadeiro ou suposto - é retirado o “cartão”, e o sujeito não saberá onde comer, como viver, etc. Imaginem existir sem carteira de identidade, sem passaporte; é impossível, imediatamente somos delinquentes.

Somos nós humanos que estamos criando indiretamente, dia-a-dia, um monstro que pode destruir cada um de nós. Depois, colocamos a coleira desse monstro nas mãos de pessoas não-evoluídas, frustradas. Se examinar-mos, dos policiais aos juízes, veremos que são pessoas que permanecem dentro do Superego do sistema para poder viver.

Então, sejam os policiais, sejam os juízes e todo o vasto canal da burocracia através do qual se exercita o corpo físico do Estado, são, substancialmente, pessoas frustradas nas suas vidas, e quando têm um cidadão vencedor à sua frente, é impossível serem justos. A vingança psicológica é muito forte neles. Este sistemismo legal pode ser ativado por qualquer estúpido, por qualquer calúnia. Pode ser ativado por qualquer pessoa, um estranho qualquer, o próprio policial, gratuitamente. Quando aparecem, nos sonhos, imagens da polícia, dos juízes, significa que o sujeito se encontra em grave desgraça ou então em graves complexos de regressão.

A polícia é sempre uma parte da humanidade, portanto é uma parte de nós, mas o ponto onde quero chegar é que é preciso ter muita prudência, porque, no final, quem manipula os fios é o sistema. Um líder é o primeiro exposto, e o primeiro procurado pelo sistema legal. Na América Latina, existe ainda um pouco de liberdade, mas nos Estados Unidos e na Europa não existe mais. Os delinquentes estão bastante livres e não dão preocupações. Ao contrário, o sistema legal averigua constantemente o operador honesto, o líder-operador de qualquer dimensão social. Setenta por cento da polícia está sempre a verificar o que os grandes fazem com a desculpa da droga, e com essa desculpa se está sob inquérito. Com a desculpa da droga, com a desculpa do fisco, investigam-se todos os cidadãos, das contas bancárias às ligações telefônicas. Hoje, em toda a Europa, nenhum homem inteligente usa o telefone ou o fax. Tudo é feito à viva voz, há pelo menos três anos. O telefone portátil é ainda mais exposto. Essa rede de corrupção da qual ouviram falar tem um pouco de ênfase, de

exagero; porém, todos foram presos através da interceptação telefônica. Estamos entrando em uma situação de estado psicopolicial. Esse estado de psicopólicia tende a atingir os líderes, os melhores, os vencedores, os operadores de grandes atividades sociais. Pouco a pouco, é como se esse mecanismo da polícia se tornasse autônomo, não está sob o controle de nenhum político porque, se assim fosse, seria uma coisa boa. O problema é que começa a ser autônomo. Até mesmo um chefe, no interior da polícia, deve estar atento a qualquer outro, pois existe um estado de medo também entre eles.

O sistemismo é um mecanismo autônomo, é o corpo social do monitor de deflexão. Eu creio que, se os líderes percebessem isso, muitas coisas começariam a mudar em toda a humanidade. É inútil que os grandes trabalhem, preocupem-se quando, depois, o poder está nas mãos da massa de burocratas, da violência do estado ou da preponderância ministerial, bancária, fiscal, judiciária, etc. Portanto, atenção a esse monstro livre e autônomo: quanto mais levamos adiante a tecnologia, mais nos algemamos sozinhos. Então, o meu conselho é o de saber trabalhar com muita astúcia, ter sempre o olho nesse monstro autônomo que pode ser ativado por qualquer pessoa: por um filho, um irmão, uma mulher, um padre, por qualquer medíocre que temos próximo, até mesmo pelo porteiro.

Esse monstro, por outro lado, tem todo o apoio da mídia: rádio, televisão, jornal. De fato, os jornalistas constituem a parte psicológica desse sistemismo legal. O jornalista está sempre do lado da massa, dos inferiores, também porque o jornalista, por si, é um frustrado, porque é obrigado a falar dos outros e nunca de si mesmo. É alguém hipercrítico que procura ganhar a sua grandeza criticando quem faz. O líder paga, dá trabalho a todos, inclusive aos jornalistas, e não percebe que cria inimigos internos e os mantém. Atenção a todas aquelas passagens onde se tem o que fazer com pessoas que não fazem. Noite e dia, eles desejam o nosso tipo de vida, e a incapacidade de alcançar-nos os torna

agressivos, os torna assassinos, aparentemente inocentes, mas intencionalmente conscientes.

Portanto, deve-se ter um olho individual, não basta nem mesmo o advogado, nem mesmo o comerciante, porque o advogado também vence e ganha se o cliente está em desgraça, e quanto maior a desgraça, maior é o seu ganho. Mesmo o advogado sendo um amigo, é sempre um advogado.

O grande, sob o plano do trabalho, não tem verdadeiros amigos, não pode tê-los uma vez que é superior. As coisas funcionam em torno dele enquanto ele se demonstra superior e sabe controlar com êxito (de poder) todas as coisas que lhe dizem respeito. As relações públicas não acrescentam, a publicidade ajuda um pouco na imagem, mas, no momento decisivo, essas não dão o ativo ao líder. Considero suficiente ter colocado essa suspeita para que cada um pense sozinho como observar atentamente ao seu redor.

A justiça é uma questão somente natural. No filme “Wall Street”, é o pai quem arruína aquele filho, porque lhe dá novamente o conceito de justiça, isto é, a lógica dos sentimentos, que não tem nada a ver com a lógica dos negócios. Aquele pai não percebe que na sua inferioridade destrói um filho, a riqueza e não salva a fábrica; salva somente a sua doença e o serviço ao estado de polícia. Deve-mos aprender a colher o quanto vale uma coisa pelos resultados, pois, a partir desses, é que se vê qual é a verdade. Os princípios devem ser flexíveis. A vida, o ser, se medem pelos resultados e não pelos princípios.

O líder é a providência da vida, a providência de deus, é a mão providenciada para todas as necessidades do homem. O líder é o milagre vencedor da vida, por isso considero que deva ser revisto, que deva tornar-se astuto. Deve ser amadurecido profissionalmente para não desabar sob estereótipos, sob instituições que são autonomamente assassinas.

O líder deve saber manter muitas coisas para chegar ao próprio egoísmo. Através do próprio egoísmo, ele atua uma função de vida. Ao líder agrada ser generoso com a vida, porque a vida foi generosa para com ele. Todos aqueles que realizaram, sempre contradisseram as regras. Desde Cristo, Sócrates, Júlio César, Napoleão, todos contradisseram as regras do momento, mudando o universo das regras. É preciso chegar a compreender o jogo. Existem duas morais: uma é aquela interna, o equilíbrio com a vida, as relações profundas, honestas, claras. Esses, não devem ser traídos jamais, são valores interiores. Depois, existe a moral externa que é somente técnica.

O sistema é vencedor com a massa, mas não com os grandes. Os grandes, os fortes os heróis em sentido de liderança são derrotados pelo sistema. Sócrates bebeu a cicuta, porque já estava cansado. Posso dizer que chega um momento na vida em que, depois que se fez muito, é necessária a morte, que é vista como um caminho de liberação e de triunfo. Quem cresce chega a compreender que esse é um dos maiores bens que o ser humano teve. Para: todos a morte é um massacre, para o grande é um renascimento. Se o jogo da vida é bem feito, até mesmo a velhice é um ponto de chegada: as faculdades se transformam, a inteligência colhe diferentemente, os gostos, os prazeres se afinam, o próprio universo muda.

5.4. O CRITÉRIO DA RAZÃO PROPORCIONAL

Até hoje, quando eu falava do conceito de dupla moral, provavelmente era compreendido como um acomodar as coisas segundo um escopo solipsístico, um aparente interesse extremista. Mas não é nesse sentido que entendo a dupla moral, porque, usando dois princípios, o sujeito entra em ruptura, ou seja, inevitavelmente entra em colisão. Descrevi duas morais, duas estradas, dois modos, mas o princípio é sempre o mesmo. Substancialmente, eu entendo isto: “saber dar a César o que é de César e a deus aquilo que é de deus”. Ninguém pode servir a dois patrões: um deve ser o patrão, um é o princípio. O neurótico, o esquizofrênico são doentes justamente porque procuram usar dois princípios: aquele da aparente verdade e aquele infantilístico. O doente finge fazer as coisas, mas na realidade não age. Quando se trata de trabalhar, de fazer, de mudar, de afrontar as dificuldades profundas, ele manda determinadas imagens, determinadas acomodações, usa determinados modelos de comportamento que não estão à altura do problema geral da vida.

Atuar um só princípio em duas estradas significa usar o parâmetro da racionalidade, o critério da proporção, da medida resultante do contexto dos objetos, dos indivíduos, das situações, escolhendo a linha vencedora, a linha mestra entre tantas posições. Isso significa usar o critério da proporção tanto em perspectiva ôntica como em perspectiva sociológica, tanto na perspectiva do Em si ôntico como na de adaptação ao sistema tecnológico da sociedade. O sujeito deve aprender a usar a verdade em duas línguas e dois modos: trata-se de adaptar o critério de inteligência à proporção do contexto. Existe um critério de proporção para o Em si ôntico e existe um critério proporcional para, o monitor de deflexão que estrutura toda a sociedade. Ousarei dizer que, para viver bem nos dias de hoje, é preciso dar a deus aquilo que é de deus e ao diabo aquilo que é do diabo. A deus, aquilo que é a verdade profunda: a vida; ao diabo,

tudo aquilo que está “atravessado”, inclusive a lei, a letra que impede o espírito. Para a regra da vida, existe somente um princípio; também se é um princípio amébio, que se adapta em mil formas. A tecnologia social, ao contrário, se configura em diversos modelos (bancário, médico, fiscal, etc.). Absolutamente não é fácil ser grande, ser sábio; porque caso se tome a estrada da adaptação social, não se tem a paz, a felicidade, a grandeza dentro: tem-se tudo e não se é nada. Caso se tome a outra estrada, se é tudo, mas continuamente se tem o peso da chantagem do ter. Sobretudo, quem é mais vivo, quem é melhor, deve estar atento às regras robóticas, porque a historialização daquilo que é o monitor de deflexão é concretamente articulado no alvéolo de todas as teias de aranha da nossa sociedade, é o anticristo imanente (por “Cristo”, entende-mos o Em si ôntico, aquilo que é verdadeiro; o anticristo é o parasitário que coexiste). A ruína de quem é mais vital é determinada sempre pelo acaso, pela boa-fé, pelo amor em relação a quem é inferior. Nunca é outro grande que lhe fará mal, porque este não tem necessidade. Portanto não é preciso fechar-se na tranqüilidade de ter feito as coisas em boa-fé, de não ter feito mal a ninguém, e por isso, os outros não nos farão mal. Quem é o melhor em um contexto deve sempre estar atento: não existe nada que garanta deste jogo de compensação de dever eliminar ou diminuir o outro. Se isso não é possível no jogo da vida, é usado no jogo da tecnologia, do monitor de deflexão. Isso acontece de infinitos modos: a máscara da estupidez é a arma de assassínio de todo medíocre em relação a um grande. Para além da cultura da desgraça, existem “os sacerdotes da perfídia”, os quais operam através do sistema. Sozinhos não são nada, mas uma vez que entrem no sistema das taxas, da polícia, do jornal, se potenciam: o verme se torna gigante de ferro nesse ponto pode dar aborrecimentos ao forte vencedor. O vencedor é todo aquele que, num contexto, conduz bem suas coisas e realiza bem o seu interesse existencial: a sua casa, o seu escritório, os seus amigos, os seus amores, o seu carro, a sua viagem. Em qualquer contexto, existe sempre alguém que é

o melhor: aquele é o vencedor. O melhor em cada contexto deve estar atento aos outros que não avançam, que não ganham a si mesmos. Praticamente, é preciso sempre ter medo de quem não faz bons negócios para si mesmo, de quem permanece sempre igual e, até mesmo, regride. O medíocre é um perigo, porque tão logo se dê a ocasião de caráter sociológico, ele, sem dúvida, será contra. Também com os dependentes, é preciso estar muito atento: se ganham ao estar conosco, pode-se confiar; caso contrário, é preciso se afastar, porque se colocam numa postura destrutiva em relação à empresa. As fontes de perigo são infinitas. A espada de “Damocle” é constante em todas as coisas. Para ser grande, se requer uma capacidade de vigilância extraordinária sobre infinitos fatores; caso se queira o rendimento, deve-se vigiar tudo, do bedel ao secretário, pois, no caso de um incidente, os grandes entram em conflito, enquanto o incapaz que o provocou não é tocado. O responsável é o empresário e não aquele que faz a ação, o operário.

Substancialmente, para ter o ganho da vida, é preciso vencer as armadilhas da vida. E as armadilhas são aquelas íntimas, afetivas, de mais confiança. É por isso que aparecem nos sonhos quem nos está mais próximo afetivamente, porque o radar que dá toda a garantia à vida capta o : sujeito que tem a maior possibilidade de interferência no nosso trabalho existencial. Por isso, ao se evidenciar um campo semântico negativo, significa que aquele sujeito tem vontade de nos arruinar, mas para fazê-lo deve ter um instrumento, uma passagem, uma ocasião. Então, é inútil mantê-la na empresa, mesmo se externamente não fez nada de mal. Deve ser eliminado com um ato educativo, um ato burocrático. É preciso ter coragem de matar, de eliminar todos aqueles que se escondem no cordeiro afetivo, pois de outro modo o líder acaba perdendo.

A vida é feita pelo Criador, não pela opinião da lei.

É como quando se jogam cartas: não se pode jogar com misericórdia.

Às vezes, os grandes dizem que a vida é um grande engano, porque evitaram as grandes armadilhas do Sistema, venceram as “olimpíadas”, mas perderam a distância entre a cadeira e a mesa. Foram treinados para vencer, alcançaram as medalhas de ouro e depois quebraram o pescoço nos degraus ou, então, na saída do banheiro (porque ali tudo é tranqüilo). Isto é, o próprio sujeito pode ser o seu pior inimigo.

Com o único princípio moral é necessário apreender a adaptação seja sobre uma categoria, seja sobre a outra. Por exemplo, também na política não se pode dizer sempre a verdade, porque antes se deve ganhar a convicção dos próprios eleitores. Depois de ter chegado ao poder da convicção, estabelece-se a teoria, não é possível o contrário. Então a arte de um grande político é aquela de corresponder à opinião dos seus eleitores. Depois, se é verdadeiramente grande, fará como ele considera certo para traduzir a informação segundo a opinião dos eleitores.

A primeira empresa é a nossa vida. Vai do bem-estar pessoal à própria casa, ao carro, às férias. Ou seja, o importante é o egoísmo individualista existencial ou o egoísmo ôntico, porque é a única condução exata que pode dar o êxito segundo as proporções do sujeito.

Infelizmente hoje, em qualquer coisa que façamos, estamos a três: eu, o outro e a sociedade. Com o outro, raciocinamos em relação ôntica, como no sentimento, no amor; a sociedade, ao invés, raciocina com base no monitor de deflexão.

O vencedor está mais em perigo porque tem maior ganho, e o risco é sempre proporcional. De qualquer modo, se tem uma consciência eficiente, pode controlar tudo e resolver com vantagem própria.

Isto que estou ensinando é a mente de como fazer o comércio sobre o interesse total da própria existência, mas antes é preciso aprender a escola elementar da empresa, a arte do “business”.

5.5. ATUAÇÃO SOCIAL E METABOLIZAÇÃO INTROVERTIDA

Analisando o comportamento das pessoas mais inteligentes que alcançaram a grande apoteose, o grande triunfo, freqüentemente encontramos perda, derrota, desilusão da vida. Depois, existem outros que sob o plano da inteligência, reagem através de uma forma interior não-exposta no teatro mundano (um certo tipo de místico, de religioso de pensador, de artista), porém todos são dirigidos ao prazer. Não creiam que o santo buscou a religião para sofrer. Ele sofre para depois ter êxito final, portanto retorna o conceito de egoísmo individual da vida. Analisando a fundo todos os grandes, ninguém viveu realmente para os outros; cada um passou através dos outros, através do dever para alcançar um nível mais elevado com vantagem exclusiva de si mesmo. “De que vale o homem ganhar o mundo todo, se depois perde a sua alma?” Muitas considerações de última fronteira psicológica são iguais a certas afirmações, a certas sínteses das grandes religiões.

Recentemente, em São Paulo, encontrei dois livros na gaveta: um era o livro sacro de Buda, o outro era o Novo Testamento, o Evangelho de Cristo. Procurei ler um pouco de um e um pouco do outro e achei superior o de Buda, também, se substancialmente, possuindo o critério-base da vida, ambos são claros. Nem mesmo é importante a diferença das culturas, enquanto a dinâmica que determina a univocidade da vida - o Em si ôntico - responde a uma linguagem universal. Muda a posição, mas a linguagem é una. O sentido, a aspiração é uma, seja no Evangelho, que no livro de Buda. O texto budista é superior, porque foi escrito por monges que tinham escutado grandes mestres e escreveram de modo livre, enquanto o Evangelho foi muitas vezes filtrado por quem detinha o poder. Naturalmente, a autoridade constituída coordena as coisas em relação a si mesma não pela realidade daquilo que o mestre falou. O mestre é função à vida, a autoridade é função a um público, a uma província, a um

setor. Uma frase do livro de Buda me impressionou: “Buda é onipresente no interior de todas as linguagens.” Também dentro do erro, está sempre presente a sua visão. Significa que, caso se esteja em uma situação difícil, em qualquer contexto que se encontre, existe sempre o Em si ôntico que diz qual é a via de saída. “Deus não tem necessidade de se presenciar, de se desdobrar de ti: ele existe onde tu existes”. A coerência com a ordem ôntica apriorica que radicaliza e dá consistência ao ser humano estabelece a onividência do deus. Como o engenheiro está no projeto da estrutura, da dinâmica do carro que corresponde ao escopo da função (o intrínseco do engenho mecânico dinâmico é a verdadeira mente do engenheiro), do mesmo modo no homem retorna incessante a recuperação dessa voz que é o Em si ôntico.

A realização da vida está no ganhar em investimentos, em metabolizações contínuas de prazer, no ganho contínuo da própria alma que é feito de duas coisas contemporaneamente: evolução psicológica contínua de si mesmo com prazer mundano conexo, porque nós somos feitos de história, de corpo, de fome, de sede, de oxigênio, de sentimentos, de emoções, de comodidades; isto é, esses dois aspectos devem proceder intrinsecamente.

A psicologia última de uma pessoa que vence o prêmio “Oscar” é a referência a um íntimo de casa, de amigos, a um íntimo privadíssimo onde se obtém a adoração afetiva, a realização, a paz, a alegria, isto é, a glória que se tornam prazer encarnado no próprio ambiente que é feito, de tantas coisas aprazíveis e convivências. A glória é uma imagem para os outros, mas e para mim? Eis onde foi o erro de muitos grandes que não calcularam a irremediável unicidade de sua vida, de sua alma. Pensaram no externo, no extra, mas nenhum deles soube acenar, ao egoísmo imediato individual. Depois ocorre que, quase sempre o grande campeão é deixado por todos. Muitos ditos grandes, depois do momento da vitória, são fagocitados pelo sistema que,

depois de tê-los criado, os usa e, uma vez consumidos, os joga fora.

Em todas as coisas que fazem, procurem viver sempre também o hoje, dentro do que é possível. Se a vida durou um dia ou cem anos, ao menos em cada dia vocês colheram. Naturalmente, isso deve ser construído, é preciso inteligência, é preciso uma arte refinada para ser artista da própria existência. Depois do grande mundo da cena, do teatro, é preciso ter a retaguarda válida. Dos grandes exércitos da história, venceram somente aqueles que tinham uma retaguarda eficiente. Pode-se perder qualquer batalha, mas, quando se tem uma retaguarda eficiente, a vitória estará sempre ao seu lado. Os exemplos são muitos: Aníbal perdeu, porque não tinha uma retaguarda eficiente; Napoleão vence de assalto, mas não tem uma retaguarda eficiente, por isso a vitória final é dos russos. Praticamente poder-se-ia fazer um tratado sobre a arte bélica: todos estão no ataque, mas a retaguarda, o reforço e a força?

O sujeito se alimenta através dos seus prazeres. Cada um deve com preender o próprio mundo interior para fazer aquelas coisas que constroem uma vida agradável. Por exemplo, depois de ter trabalhado muito, um encontro no jantar com uma pessoa agradável num ambiente reconstituente e estético, refaz a alma. Porém, para chegar a isso, deve-se ganhar os meios: é necessário dinheiro, liberdade e tempo. Ou seja, é preciso organizar bem o tempo. Dever-se-ia fazer dois terços para a sociedade e um terço para si mesmo; caso se trabalhe por um bilhão, cem milhões são para si mesmo, duas ou três vezes ao ano fazem-se viagens culturais ou então se faz um residence no exterior com o escopo de prazer, cultiva-se uma amizade, um amor. O sexo não basta, é preciso classe, beleza, fascínio, cultura. O sexo é somente um meio biológico, mas se queremos também um conjunto de valores concretos, o prazer de estar com uma pessoa com a qual fazemos amplexo de inteligência, de sentimento, de ação, de contemplação, de consolação, é

necessário um contorno de espiritualidade, de personalidade, de perfume de pessoa, ou seja, um contorno no qual exista uma inteligência que respire vida e prazer.

Aquele miricismo cotidiano, feito de pequenas coisas que não interessam aos outros, mas fazem o seu prazer, é visto como perigo, como algo a destruir e, portanto, deve ser muito secreto, privadíssimo. A pessoa deve salvaguardar o seu interesse de modo silencioso, calmo, porque deste mundo privado abre-se o horizonte infinito: o Ser, o poder, o milagre, a força, a paz, a satisfação, a retomada do centro da vida. É todo desse íntimo, porém um íntimo vivido historicamente, carnalmente, emotivamente, voluntariamente, drasticamente, espiritualmente. Daqui realiza-se o impulso no dentro do Ser; daqui incentiva-se o Em si ôntico, que depois faz a reconciliação com a totalidade do Ser. É este o segredo, privadíssimo mundo do indivíduo.

Depois de ter recolhido alguns prazeres, algumas satisfações externas, depois de “ganhar a medalha”, deve-se, investir para si mesmo. Eis que então retorna a “cozinha viva” e todo aquele modo de prazer, de erotismo branco, de cultura, de estética existencial de si mesmo, feito daquelas pequenas poucas coisas que valem em modo supremo. Eu, mãe ou pai de família, educo os filhos, não deixo faltar nada, “dou a César o que é de César”, mas depois devo pensar na minha entidade a caminho, ou seja, devo prosseguir o meu verdadeiro prazer e não posso me colocar depois da família. Devo fazer, porque sou capaz, porque decidi e me agrada amá-los, porém, depois existe um mundo no qual tenho necessidade de um certo prazer. Devo nutrir-me de uma certa satisfação para continuar uma grandeza minha e também para ser uma função para os outros, como pai, ou segundo o papel que tenho (médico, empreendedor, arquiteto, etc.), para ser o melhor profissional. Portanto, é uma satisfação de capacidade; porém, após isso, devo chegar ao ganho existencial, devo chegar ao prazer segundo o mérito, isto é, a outra ou o outro me é íntimo com adoração, com prazer: é um ganho, não

se pode comprá-lo, mas se deve merecê-la com a própria arte de viver, arte de ser, então se faz centro na vida.

No mundo do sexo, deve-se entrar já qualificado, não se pode entrar como um candidato a ser, deve-se ser já um diplomado pela vida, então é um paraíso. Portanto, fazendo uma vida de correspondência à ordem, ao projeto que está inserido no Em si ôntico, somos a coincidência, também, com a vontade de deus. A passagem é simples: não existe necessidade de um outro deus, pois se compreende aquele.

Um exemplo histórico: Cincinato era um agricultor que gostava dos seus bois, da sua terra, mesmo sabendo que era um grande chefe. Quando os Marsi atacaram Roma e venceram, os sábios o chamaram porque ele não vinha da arte bélica, mas da arte da vida. Depois de grande vitória contra os Marsi, ele rejeitou o poder de chefe de Roma e quis retornar ao seu campo. Tinha feito os seus cálculos e sabia perfeitamente que de outro modo não teria mais as suas ovelhas, o seu vinhedo que produzia o melhor de todos os vinhos. Era um homem feito assim, tinha os seus amores, as suas coisas, e havia salvo a sua pátria. Seria necessário ter um pouco deste Cincinato: “procura ser capaz no teu jogo social, quando estás com César, faze-o vencer, procura ser, a teu modo, um dirigente, o melhor, porque o brilho, o bom nome, a opinião dos outros te facilita, depois, nos fatos privados. Depois disso, retornas ao mundo de César, entras no interior do monitor de deflexão como um robô fictício, porém comandas, jogas os cavalos com superioridade e vences a corrida. Assim, és capaz em ambos os campos”.

A vida responde quando a centras tecnicamente. É como um teclado: nas mãos de um incapaz, produz rumor; o mesmo instrumento nas mãos da pessoa certa, produz um concerto. Assim é a vida: deve-se acertar tecnicamente. Não cabem as sublimações filosóficas, religiosas ou psicológicas.

A vida tem um projeto. Na medida em que centres o escopo, te responde a função. Tecnicamente, isso significa tomar a vida e saber ordená-la, saber desfrutá-la. Deve-se ser técnico da alma, técnico das pulsões, das relações, emoções. Trata-se de mover aquela unidade de ação, segundo o contexto que já está no projeto, naquela virtualidade. “Centrar” significa atuar o escopo do próprio Em si ôntico. Existem muitas estradas, cada um deve saber centrar aquela que o leva a sua verdadeira casa, porque se percorre uma outra estrada, encontrará a casa de um estranho, de uma outra entidade, onde cada coisa não lhe corresponde. Ao invés, se o sujeito centra tecnicamente a estrada, tudo lhe corresponde: a vida lhe é familiar, lhe é amiga, lhe é serva. Não se trata de viver a vida sobre misticismo, mas sobre as coisas.

Quando, na vida, não se obtêm os resultados, é em função de um erro técnico. As ideologias não são verdadeiras, a arte não é verdadeira, nada é verdadeiro. A Ontopsicologia não é verdadeira se a compreendemo de modo distorcido. A Ontopsicologia é maravilhosa, somente porque é uma técnica que consente visualizar os postulados do Em si ôntico. Colhidas as exigências, as intenções, os projetos do Em si ôntico, coordena-se a essas toda a fenomenologia existencial.

Tendo descoberto como se visualiza o projeto-base da existência individuada, descrevo somente a fria, “absolutística” técnica da vida. O universo desliza sobre leis tecnicamente perfeitas: seguindo essas, nós obtemos o escopo que é o prazer, o gosto, a exuberância, a glória, a ação, o triunfo, a exaltação, porque a vida não se realiza em “stress”, mas com base em uma lei econômica de auto-manutenção para a própria identidade e evolução em acréscimo e qualificação.

Portanto, devemos ser técnicos capazes de correlacionar em aparente (não real) sincronismo a lei social mundana e a lei do Em si ôntico. A partir do momento em que nos encontramos encarcerados pelos estereótipos psicossociais deste planeta Terra, devemos contornar dificuldades superiores para fazer esse

projeto sobreviver. Cada um de nós é uma espécie de Moisés salvo das águas, é uma espécie de Jesus menino que deve escapar de Herodes. Ou seja, cada um de nós, na realização do seu bem, é um perseguido: um perseguido político, científico, religioso, etc. É necessário saber encontrar a própria terra, o modo de realizar tecnicamente o próprio projeto, e então, a vida nos preenche do seu prazer, do seu amor, etc.

Naturalmente, nesse processo, é preciso saber coordenar as diversas coisas. Uma vez que existe somente aquilo que funciona, devemos saber encontrar os estratagemas que façam os diversos componentes funcionar, de tal modo que não entrem em colisão mútua, nem danifiquem a nós mesmos. Pode-se viver qualquer palco, qualquer máscara, qualquer inferno, qualquer paraíso, com a superioridade do homem que centra, tecnicamente, a vida. A razão otimal é somente uma, não existem duas. A vida tem infinitas possibilidades, mas a partir do momento em que coloca uma unidade de ação, faz o uno, desse uno se faz todo o relativo e se pode coligar somente àquilo que é coeficiente de desenvolvimento.

Portanto, trata-se de compreender a lógica da proporção, a lógica do equilíbrio no interior do “feeling” técnico da vida. Momento a momento, trata-se de colher o ápice, o divisor de águas das proporções, centrando a eficiência do projeto, conforme a economia dos compostos.

As instituições públicas são meios que dão eficiência técnica, depois, o modelo de comportamento deve ser inventado pelo sujeito, não lhe é dado nem pela universidade nem pela Igreja. Através da psicoterapia individual, centra-se a especificidade do próprio projeto existencial; uma vez centrado o projeto, o sujeito deve atuá-lo. Centrar o problema é simples para um mecânico da : alma que conhece o projeto-base. É como numa orquestra, onde o grande regente ouve a música e diz: “O trombone ' e a flauta estão fora do tempo”. Pode dizê-lo, porque conhece o projeto-base de como deve ser a proporção

harmônica. É técnica, não dons preternaturais, e a técnica se adquire. Portanto, é preciso aperfeiçoar uma técnica empresarial à realização da própria existência individuada.

5.6. SABER DAR PARA SER

Na arte de viver para centrar o sentido da vida, é determinante saber dar para ser.

Não tem nenhuma, das muitas formas de vida que existem, que prenda e depois se estabilize de forma estática. Cada coisa é vivente na medida em que metaboliza e recicla, toma e dá novamente. Porém, é um dar variado, diria “personalizado”. Os viventes biológicos absorvem da terra, mas depois restituem à terra, enriquecendo-se continuamente. Ou seja, a natureza é extremamente econômica, utiliza, em desenvolvimento, qualquer elemento. Por exemplo, a vaca come a erva e produz o leite, absorve o oxigênio, bebe a água, porém restitui de inúmeros modos, entre os quais, o aglomerado fecal que tem uma sua utilização para o ciclo biológico da vida. O exemplo da vaca é emblemático: pele, ossos, carne, leite, calor (numa época, os animais eram usados também, como radiadores térmicos, isto é, eram colocados embaixo das casas para que seu calor as aquecesse). Naturalmente, a vaca é um animal que corresponde extremamente às nossas exigências, mas cada animal, na sua especificidade, tem uma lógica própria de vitalidade e produção.

No âmbito do tema “saber dar para ser”, o dar não é um excedente, não é, como a religião faz acreditar, algo de heróico, de excepcional, é simplesmente algo de consequencial ao fato de existir: quanto maior uma pessoa é, mais ela sabe dar; quanto menor é, menos sabe dar.

Um grande, quando tem algo para dar, deve dá-la. É como um mecanismo que produz uma exuberância de energia: deve dar, porque a extraposição é necessária para equilibrar a potência emitente e consentir uma circularidade de ação.

Depois de ter primariamente provido a si mesmo, neste conjunto egoístico, existe a colateralidade, a complementariedade à função “ad extra”.

Retomemos o exemplo da vaca. O que as vacas fazem? Quando estão no pasto, desfrutam o ar, colocam o focinho contra o vento, desfrutam o sol, comem quando têm vontade e, se estão livres, vão espontaneamente tomar banhos no mar. Além disso, reproduzem a sua espécie; da abundância desta espécie, dão comida aos homens; com a pele, vestem antes a si mesmas e depois aos humanos: do seu pequeno momento de existência produzem um inteiro ambiente de alimentação, diria quase um “supermercado”. Nos países frios, com as fezes da vaca se fazem as casas, o fogo, o leito, e isso tudo somente com as fezes. Imagine-mos depois, todo o resto. Permanecendo no estreito âmbito biológico, material, do mesmo modo fazem as ovelhas, os cavalos, os bisontes. Além disso, a vaca trabalha. Produz na medida em que está bem, que está satisfeita nas suas exigências, nos seus instintos: quanto mais está satisfeita, mais produz; mais é a si mesma e mais tem produtividade no dom, e não o faz por amor a deus ou ao próximo, não o faz nem por amor aos filhos ou à família. O animal, do seu estado de bem-estar, produz inevitavelmente incremento para todo o ambiente circunstante, e o faz a partir do seu narcisismo egoístico.

Nós, seres humanos, que estamos em uma escala superior, que nos definimos raça do espírito, não podemos nos eximir da necessidade de dar para ser a nós mesmos, mas não um dar por misericórdia no qual se desprovê a si mesmo e nos fazemos cúmplice do débito dos outros.

Numa entrevista coletiva realizada em São Paulo, dizia que é um assassínio da inteligência do homem insistir no auxiliá-la com o assistencialismo, dando dinheiro, pão, medicamentos. Substancialmente, continuar a “dar o peixe sem ensinar a pescar” é um assassínio à evolução do homem, à educação, é um assassínio contra o processo de responsabilização. Isto é, mata-se

parte do direito, da liberdade da pessoa, impedindo-a de evoluir, de crescer, de responsabilizar-se, de tornar-se um Eu histórico dialético. Até que assisto, mato o outro, mantenho-o inferior, corto-lhe a estrada para se tornar competitivo, dialético para comigo que sou o mais forte por inteligência, por estudos, por bem-estar, por experiência, etc. Posso ajudar o deficiente temporário, mas não aquele que o é sistematicamente.

Cada homem que alcança a própria realização cria uma central de ação.

Os modos de saber dar são infinitos: uma passagem de dinheiro, de confiança, de sentimento. Saber dar é sinônimo de superioridade, por isso é preciso estar atento à forma de bloquear-se, enferrujar-se. Portanto, trata-se de manobrar constantemente o ter, para ampliar o ser. Se ter uma casa, faz-me ficar parado e vendê-la, faz-me fazer mais, devo vendê-la. É preciso sempre fazer aquelas coisas que enriquecem o potencial de ação do sujeito. Nunca se deixar- levar pela forma fetichista do objeto, da posse do ter, mas pegar sempre aquelas coisas que o qualificam como sujeito de ação, que consentem maior liderança em um contexto. Ter aquela quantidade de dinheiro que permita que eu me mova, que seja mais livre para alcançar outras situações e vender as coisas que estão paradas.

A natureza favorece a quem consegue dar maior circulação às coisas, não favorece quem alcança e pára, mas quem alcança e investe, quem se move continuamente com a medida, aquele que é “proporção dinâmica”

Naturalmente, para chegar a dar, é preciso antes ter-se tornado, de outro modo se dá o próprio medo. A capacidade de saber dar é dom que consolida todas as outras virtudes: a saúde, a satisfação em todas as coisas, o primado na amizade. Pode-se também ser objeto de uma enorme inveja: “quanto mais tens, mais deves estar atento”, porém é sempre um calibre de

superioridade que permanece incontestável. “Quanto mais o medíocre te ataca, tanto maior é significado da diferença”.

Então, “a verdade é como tu a sabes fazer”. o ser é como o sabes fazer. Dar por dar é somente uma aberração. O dar para ser é correspondência à intencionalidade de natureza, é uma necessidade intrínseca da energia de existir. Por isso tantas regras, tantas religiões nos desviaram, nos tolheram do realismo simples, da necessidade do dom; é preciso fazer para ser. Dar sem desprover-se do próprio, legítimo, egoísmo.

A vaca bebe até quando tem necessidade, toma aquilo que é seu, porque se não tem o legítimo que lhe é próprio, não pode dar a função de natureza. A vaca não renuncia a sua água para dar a uma outra vaca, mesmo sendo para um bezerrinho. De outro modo, quem dará o leite ao bezerrinho? É uma lei de natureza. O legítimo aprende-se da proporção interior, da proporção do próprio estado intrínseco de egoísmo individual; legítimo não é aquilo que os outros dizem, portanto, retorna o equilíbrio entre Em si ôntico e Eu lógico.

Nessa atitude pródiga, existe também o aspecto compensativo, isto é, um sujeito que não consegue dar a si mesmo, o desloca e o dá aos outros. Por isso, a sua incapacidade demonstrada egoicamente torna-se veneno, doença também para os outros. Às vezes, isso depende de uma carência, de uma falta de estrutura do Eu, por isso o outro prevalece e se é obrigado a dar. Se é instrumentalizado pela miséria dos outros, pela doença dos outros e dando se perde de um lado e de outro.

Entre tantas coisas, é preciso dar a quem sabe receber, a quem não quer ser inferior àquele dom. O verdadeiro dom se dá somente a quem sabe receber. Para quem recebe será um dever naquele momento, será uma capacidade sua saber restituir com valor. Portanto, deve-se saber dar com investimento. O objetivo último não é aquele de dar aos outros, mas é o de fazer eficiente e feliz a si mesmo.

Logo que o sujeito esteja em forma e cresce, tem inevitável carisma. “Carisma” é um coquetel de bem-estar, um coquetel de vitalidade, é feito de simpatia, de sexo, de amor, de admiração, isto é, é agradável, atrai porque o sujeito que te olha, que se refere a ti, encontra um aumento, uma amplitude de si mesmo. Carisma = “caris”, graça. É algo que excede gratuitamente da postura da tua personalidade. Então, uma pessoa que está no ato de carisma é produtiva, faz negócios, porém deve estar atenta para que o seu carisma reentre na ótica da sua eficiência, do seu interesse. Porque se o seu carisma é desviado pelo interesse de um outro, entra imediatamente em recuo negativo, porque a vida lhe diz: “eu te dei isto para que tu sejas a mais”. De qualquer modo, a vida é feita assim. A vida é um dom extraordinário, e a eficiência de si mesma é o bem supremo da vida.

Notas:

1. Cfe. *Atos do XVI Congresso Internacional de Ontopsicologia: “Le Costellazioni Metastoriche”*. Psicologica Editrice, Roma 1995.

2. Cfe. *Atos do XVI Congresso Internacional de Ontopsicologia: “Presupposti e Técnica della Creatività: individuazione, formazione e sviluppo”*. Psicologica Editrice, Roma 1995.

3. MENEGHELLI, Antonio. “L’In sè dell’Uomo”. Cap. “Che cos’è L’In sè ontico”, Psicologica Editrice, III Edição, 1994.

4. MENEGHELLI, Antonio. *Psicoterapia e Società*. Cap. *La Doppia Morale Indispensabile al Saggio*, Psicologica Editrice, Roma 1989.

5. MENEGHELLI, Antonio. *La Cucina Viva*. Psicologica Editrice, Roma, 1994.

“Atrás do impulso de cada instinto, existe uma volição do Ser para se tornar prático nesta história.” “A Cozinha Viva” é, portanto, a arte de nutrir-se com prazer, através de sínteses criativas definitivamente que confirmam a funcionalidade orgânica, a exaltação ecobiológica e a transparência de sentidos etéricos.

6. ESQUIZOFRENIA IDEOLÓGICA OU DE MERCADO E IDENTIDADE FUNCIONAL DO “MANAGER” OU LÍDER

A cultura ontopsicológica é uma carta a mais no campo social. Não somente melhora aquilo que já se conhece, mas também une uma ótica hipercrítica que dá segurança e vantagens e sobretudo, prepara um mundo futuro que está mudando velozmente, com tal intensidade, que já existe uma deformidade substancial em relação à geração precedente. No espaço de uma geração, já temos três culturas e estamos indo em direção à quarta: temos uma quadrimensão onde cada cultura não compreende a sucessiva. Isso acontece em todo o mundo. O metabolismo cultural e de postura em relação ao mundo é rápido e aparentemente contraposto em todas as civilizações (África, América Latina, China, etc.). Uma forma de palingênese, como a que está se verificando hoje, nunca aconteceu na história. Via de regra, uma geração tem sempre compreendido perfeitamente a outra, existiam mais ou menos dissabores, mas, substancialmente, havia uma consideração sobre o passado e sobre a cultura clássica dos avós. Hoje, não somente os jovens não têm desprezo nem interesse, mas têm total não-existência e não-interferência sobre essa cultura, não obstante a coexistência de tal quadrimensão cultural simbiótico no interior de cada cultura.

Esse quadrimensão, é constituído por gerações que não se compreendem à breve distância de um decênio entre uma e outra: existe uma ideologia, um ritmo, um tipo de música, uma filosofia, um existencialismo que se inventa diferentemente de decênio em decênio. É um permanecer fora das culturas que provêm de um monolitismo político-cultural (por exemplo: o bloco soviético e o bloco chinês), os quais tiveram uma espécie de parada de gerações, sob o plano de transmissão cultural.

Com essas considerações, quero começar a levá-los a uma mentalidade futura que já é iminente. Toda a cultura

ontopsicológica não nasceu para curar a neurose ou as várias outras formas de patologias, mas para preparar uma nova consciência para uma humanidade futura. Havia previsto essas mudanças e tinha compreendido que os grandes blocos culturais teriam acabado já nos anos quarenta. Até 1945-1950, podia-se ir aos campos milaneses, vênéticos ou do sul e encontrar tranquilamente a casa. Também na Alemanha, Letônia, América Latina, existiam os mesmos carros, a mesma administração patriarcal, a mesma aparelhagem artesanal. O grande evento do qual se falava era a primeira guerra mundial; a segunda guerra mundial era um epígono inevitável, já determinado com o fim da guerra de 1918. Com a segunda guerra mundial, conclui-se todo o período europeu de 1700-1800. As variáveis eram poucas: substancialmente, existia um esquema que servia de tecido comum, seja na forma anárquica, seja na forma religiosa.

A queda de todos os monolitismos do passado (religioso, moral, político) e a enorme mudança são atribuíveis a dois eventos: 1) o “stress” que a tecnologia científica está impondo, isto é, a máquina está impondo ritmos aos quais o homem não está habituado há séculos; 2) existe uma interferência extraplanetária que está calibrando novos interesses e novas óticas.

Agora se está determinando o individualismo; é a epopéia da pessoa. Não obstante se queira manter o clã familiar, e as leis burocrático-estatais insistem sobre o núcleo da família, de fato, a evidência mundana reforça que a família, se existe, existe à sombra do indivíduo e não vice-versa, como, aliás, ocorreu até hoje.

Na China, por exemplo, existe a disposição normativa de que uma mulher não pode gerar mais de um filho. Por isso, tendo tido um filho no primeiro matrimônio, sofre a esterelização. Além disso, todos os deficientes são esterilizados para não gerar filhos.

A sociedade deve prover a si mesma, não pode alargar-se através do assistencialismo, “cínico” ou de pseudo-justiça social, para depois favorecer o parasitismo social. Estamos frente a sociedades as quais percebem que, com um assistencialismo prolongado a indivíduos não-produtivos, na realidade, mantêm-se milhares e milhares de parasitas de todos os modos: não se trata somente de uma tipo-logia de deficientes, mas também de burocratas vazios, de doentes crônicos, de dragados, etc. Existe uma consciência de que a espécie é um bem superior e deve ser conservada com todos os possíveis parâmetros consentidos pela precaução e pela racionalidade jurídica. Procura-se favorecer a responsabilidade ideológico-cultural, a responsabilidade do corpo e do grupo. Um indivíduo é parte de um todo, e cada indivíduo deve sentir-se produtivo e, portanto, responsável.

Tudo isso está nascendo espontaneamente, não existem ideologias precisas provenientes do passado. Talvez seja simplesmente a inteligência de uma constelação psíquica ou a inteligência de um povo que quer salvar a sanidade das próprias raízes para sobreviver. Portanto, verifica-se uma espécie de seleção determinística dos indivíduos para proteger o gênio da espécie.

De resto, nós mesmos, quando algo no nosso corpo não funciona, o isolamos e, se necessário, o eliminamos (se um dedo está com gangrena é amputado; se o intestino tem sérios distúrbios estruturais, faz-se uma intervenção cirúrgica). Sobre o princípio da ética de sanidade do corpo orgânico, podemos aprender a moral para o corpo social. Nenhum de nós se sentiria moralmente bem se, para manter o todo, salvaguardasse um cisto ou um tumor.

Atualmente, na Itália, assistimos à decapitação sistemática de quem quer que tenda a elevar-se em um protagonismo político ou econômico. Pensa-se por exemplo, em De Gaspari, Andreotti e, mais recentemente, em Berlusconi. Assistimos a este fato: tão logo uma “cabeça” se eleve, forma-se um estranho travessero

intermediário entre imprensa, poder judiciário e interferência de outros Estados. Com . Com todos esses jogos, procura-se redimensionar o vencedor, a fim de manter um corpo de classe, governamental, econômico, um grupo de poder. Deixa-se de destruir aquela personagem, quando já foi destronado do possível ápice de elevar-se dos comuns que têm poder jurídico, informativo ou econômico. Forma-se um “trust”, uma espécie de multinacional em miniatura que controla para que ninguém seja muito grande. É um grupo corporativo de poder no qual os indivíduos competem para que ninguém seja maior do que o conjunto, ou de cada um deles, mas todos possam ter acesso à mesa do poder e discriminar os próprios interesses.

Também esse fato demonstra que não está prevalecendo uma democracia nem a possibilidade de uma ditadura ou de uma nova oligarquia, mas a lei do individualismo. Tal tendência está se observando em todo o mundo, é uma forma de multinacional individual onde se mantém o possível poder de grupo e onde cada um é para si mesmo.

Uma vez, talvez, fosse possível que alguém emergisse, não porque realmente fosse um gênio, mas enquanto o grupo não era suficientemente evoluído. O que potencia o grupo hoje é a tecnologia, a máquina (a máquina é o telefone celular, é o satélite, toda a mídia). A máquina não tem protagonismo, é serviço e instrumento. Através da sua função, em um momento, através do sistema digital, podemos estar presentes em qualquer parte do globo, podemos ser informados e intervir imediatamente. A tecnologia está avançando ao máximo nível de informação, a qual dá contemporaneidade de presença a todos os indivíduos: uma ação qualquer de um indivíduo, em qualquer parte do planeta, é imediatamente registrada. Portanto, consente a reação daqueles que tornam conhecimento e podem intervir - baseados nos seus interesses, pontos de vista e possibilidades - para controlar aquele fenômeno.

A informatização, em breve, nos levará à televisão hologramática, através da qual será desenvolvido o conhecimento ciberespacial, baseado no “bip” e não nos átomos. O “bip” é algo que começa a aproximar-se ao campo semântico, e, através de tal tipo de comunicação, um indivíduo pode ser informado diretamente - mediante um mecanismo de controle - daquilo que se pensa. Ou então, podemos emitir um cabograma ciboespacial que sinaliza a presença do homem naquele contexto. Esses conhecimentos irão refluir naquilo que é a informática do monitor de deflexão, o qual enreda cada indivíduo, colocando-o em um tabuleiro de xadrez logístico. De qualquer modo que se queira agir, somos sempre pré-contidos, antecipados e previstos em cada efetualidade possível.

A transdução informática já é uma realidade tão fulminante e quase contemporânea que sincroniza as informações do M.d.d. e as vetorialidades semânticas da intencionalidade psíquica.

O líder, como figura positiva, é possível no seu âmbito privado, não é mais possível um líder de afirmação no coletivo, mesmo se ele controla um corpo social e é a solução em qualquer campo. É um homem que realiza a história, a sociedade, a informática, o interesse do coletivo, permanecendo transcendente ao coletivo, transcendente aos efeitos que produz e, portanto, centripetado ao próprio bem-estar e egoísmo vital, fiel ao próprio projeto inseico. A situação, portanto, é que o homem - não obstante o perigo da máquina que está unificando o mundo - deve crescer para não ser objetificado, para não encontrar-se em um espaço completamente controlado pela máquina, onde o homem seria somente uma mediação digital.

Nos dias de hoje, o homem deve desenvolver o Em si ôntico ao máximo nível. Dali surge toda luz, toda força, todo êxito, todo crescimento, toda realização egoística e, sobretudo, a possibilidade do homem protagonista em uma transcendência entre a existência e o Ser. O Em si ôntico é mediânico entre a

existência e o ser, portanto, o homem pode aferrar discursos interplanetários e contemporaneamente êxodos do definido matérico para instaurar-se naquilo que é a transcendência pura, originária do Ser, no princípio da vida ou nas primeiras causas da vida, e também para estar pronto a preparar a melhor humanidade para um êxodo interespacial, para fundar outros mundos, mesmo sendo este planeta maravilhoso.

Não é verdade tudo aquilo que se diz a propósito do “smog” e da contaminação. É preciso fazer mais circunavegações neste planeta para ver quanto é grande a Terra, quanto é desabitada e quanto é rica. Ainda deve ser toda descoberta.

São tantas as motivações que se podem criar para afirmar visões catastróficas, inclusive aquela de vender melhor um iogurte ou um certo tipo de detergente. Se lemos alguns escritores do ano 1000, antes do Franciscanismo, encontramos pesados sermões nos quais se afirmava que o mundo estava para acabar, e as provas eram que do céu estava chovendo enxofre, areia, que o inferno lançava sobre a humanidade. Tais escritores inquiriam seus fiéis para obrigá-los a se converterem segundo a sua idéia de Deus e a sua esquizofrenia, prevendo cataclismas.

Este planeta é muito intenso e muito jovem. Voando ao redor ao redor do mundo, vêem-se enormes espaços desabitados (sem contar os oceanos), somente mínimas partes são cultivadas e habitadas; existem fortes concentrações somente em grandes cidades como Chicago, Nova Iorque, Tóquio, Roma, Milão, etc.

Estamos em uma época na qual se está fazendo, de forma mais persistente, a mediação entre mais civilizações, não somente terrestres, mas também extraterrestres. Essas comunicações, com transporte de mercadorias e de pessoas, já estão acontecendo com concentrações de vastos campos operativos semelhantes aos nossos aeroportos, com naves estudadas para fazer viagens galácticas ou extragalácticas. Existem os assim chamados “alienígenas” que trabalham no nosso planeta com interesses

próprios. Em alguns escritos, eu falo dessas formas de vida como negativas, mas existem, também entre os humanos, indivíduos que são parasitas e vampiros em prejuízo de outros. Na realidade, existem também extraterrestres com formas, presenças e civilizações muito evoluídas. Somos todos filhos da grande vida e do idêntico espírito em espécie e modos diversos. Não significa que essas grandes presenças ajudem o homem, mas elas também têm necessidade de fazer bons negócios com os humanos para garantir um universo seu, uma sobrevivência e uma evolução sua.

A Ontopsicologia nasceu como visão e como tecnologia humanística que prepara o homem para ser protagonista de mediações culturais interplanetárias. Na ciência ontopsicológica, já, há tempo, explicam-se as premissas da origem da raça humana da constante H e sustenta-se que a raça humana não está somente neste planeta, mas está distribuída também em outras zonas do universo.

Por exemplo, numa zona da Sibéria - onde existem enormes quantidades de minerais e as maiores acérias de todo o mundo - foram feitos muitos experimentos e vêem-se estranhas formas: falou-se de bombas e de asteróides, mas o fato ainda não foi explicado.

Durante um residence que desenvolvi, falei sobre como ajudar a organizar planos de aterrissagem e de lançamento com outras civilizações. Fala-se de enormes deslocamentos. São interesses econômicos no campo de uma energia baseada em alguns metais ou em outras formas de desenvolvimento biológico, que são interesses de diversas raças. Na ocasião, preocupei-me em formar uma inteligência coordenadora superior em preparar alguns seres humanos para estarem prontos para instaurar contatos de colaboração, também com trocas no plano da pesquisa científica.

O planeta é pequeno, mas não está para acabar. É pequeno, porque são prementes outras formas de civilização e de

interesses e porque estamos nos abrindo a outras convivências universais. A melhor terra é aquela onde um homem constrói a sua paz civil, os seus prazeres e os seus interesses. Porém, ao homem que quer ser líder, agrada entrar naquilo que é a evolução psíquica e, portanto, transcender o plano biológico. Ele deve ter uma mentalidade racional, inteligente, preparada e disponível para amadurecer para além de algumas programações lógico-alfabéticas.

Devemos estar atentos ao definitivo da informação da máquina. O perigo não está tanto nos extraterrestres, mas nos nossos complexos dominantes, que poderiam determinar-nos no interior dos cabogramas do monitor de deflexão.

Hoje, o mundo neste planeta parece ser verificado em dois modos:

1) O modo dos sábios¹ Para os sábios, cada zona do planeta é um prazer, não existem diversidades. A mentalidade de um sábio vai de um povo a outro e redescobre os antigos princípios que fecundaram a origem das constelações raciais² (constelações psíquicas meta-históricas), portanto de passados longínquos que são álacres de fermento para o futuro, mesmo se provêm de milênios precedentes ao início da vida, quando essa era confiada mais a homens sábios do que a determinismos de pessoas somente materiais.

Este planeta é belo e santo. Aqui se vive bem e é uma pérola do universo. Existe ainda um tipo de unidade natural que nunca foi arruinada.

2) O modo da máquina. Junto à unidade natural, existe uma outra unidade contemporânea que é formalizada pela máquina. A máquina unifica os seres humanos em doenças, complexos, e anagramas idênticos. Tudo aquilo que é o processo patológico de qualquer origem não tem novidade. Ao contrário, a novidade constante é o Em si ôntico, nesse há criatividade.

Esta segunda unidade presente no planeta é realizada pelos maiores sistemas de informações. Enquanto as religiões faliram na sua tarefa de unificação, a máquina “superou” a todos. Por “máquina”, entendo a tecnologia (por exemplo, a japonesa, a norte-americana, mas sobretudo a de origem européia).

Os Estados Unidos registraram o primado econômico do dólar e lhe deram uma gestão territorial. Estamos andando, de fato, em direção a um mundo que parece unificar-se na imagem do dólar. O yen japonês, por quanto economicamente potente, não é aceito psicologicamente, nem pelo Ocidente, nem pelo Islã, nem pelo Sionismo, nem pela China. O marco é potente, foi “esfriado” em diversas guerras (a primeira e a segunda guerra mundial e, antes ainda, com Bismarck). O dólar não é somente a moeda dos Estados Unidos, mas é o corpo exposto do poder daquelas multinacionais tecnológico-financeiras, que possuem a propriedade deste planeta. O ouro, os diamantes e o petróleo são mercadorias de troca pesadas; ao invés disso, o simbolismo do papel-moeda é mais rápido e mais prático. Através do simbolismo do papel ou do computadorizado é mais fácil para o líder objetivar o poder pessoal sobre o mundo.

O mesmo acontece para a língua. Eu defino o inglês como “a língua das máquinas”, porque são as máquinas que fazem evoluir a aplicação lingüística do inglês em todo o mundo, mesmo se é uma língua que ninguém ama.

Esta tecnologia exemplifica-se nas grandes marcas como: Mercedes, Olivetti, IBM, Ford, Opel, Sony, Yamaha, Benetton, etc., grandes firmas de frigoríficos ou de pneumáticos. As que conhecemos na Itália são as mesmas que estão em qualquer outra parte do mundo. A máquina e o consumismo tecnológico e lingüístico unificaram todo o planeta.

O perigo para o homem superior é o de ser abatido pela máquina e cair escravo do sistema. O sistema homologa-se através de tudo aquilo que é estabelecido pelo próprio sistema: o

uniforme, a polícia, o fisco, os impostos e, em geral, tudo o que é a jurisprudência e a religião. Para não incorrer em tudo isso, é preciso antecipar a unidade máquina - que reforça o sistemismo ideológico e investiga a estratégia psicocriativa do sujeito líder - com um crescimento evolutivo do ciclo psíquico contínuo, atuado cotidianamente. O objetivo é ter a ação-ponta em plena atividade, no âmbito do próprio corpo social (dentro do qual cada um tem o seu setor especializado) e depois viver e incrementar o oásis autogenético (ou tópica de autogênese) : a própria casa, o próprio modo de vestir, o próprio tipo de música, o próprio isolamento voluntário no qual se cultivam os prazeres cômicos ao próprio organismo.

Assim, transcende-se qualquer corpo social, convive-se na própria individual, edênica, santidade e torna-se contemporâneo àquilo que é a transcendência constante do Ser. O homem supera todos os mitos e faz-se transparência do Ser na própria, objetiva, individual existência : o indivíduo como pessoa. Na existência, deve-se adotar qualquer estratégia vencedora para ser protagonista no Ser.

Hoje, tudo isso é possível, não obstante a vida ter sido unificada pela máquina. É suficiente que se ligue a televisão em qualquer parte do mundo, para ver as mesmas imagens e os mesmos discursos. Até mesmo para o esporte, não existe mais liberdade, tudo está convencionalizado. A máquina está envolvendo também os aspectos da poesia do homem: a música, a arte etc. Porém, o espaço zênico, ou espaço ôntico do indivíduo, está acabando para quem é incapaz, para quem não sabe compreender.

Também o homem “manager” é um instrumento banal de um sistema que já antecipa; tudo já está convencionalizado e programado, até o ataúde. Mas isso não significa que devemos renunciar. É preciso ter a prontidão de ser protagonista da moral sistêmica, transcendente sobre o plano ideológico, em sentido ôntico. Essa é a estrada que a Ontopsicologia está construindo.

Toda a Ontopsicologia é o pleroma ôntico no qual se incentiva e se cria o homem sem mitos.

Essa grandeza é possível, mas é preciso ser construtor e operador de uma superioridade interior em sentido espiritual, racional, prático, mundano, econômico. Deve se saber pilotar bem o sistema em todos seus aspectos, do bancário ao informático, e usar tranqüilamente as grandes máquinas e os grandes sistemas de informação, permanecendo, porém, transcendentais: jogar na roleta, mas conhecer o jogo de tal modo a poder variar o ímã e girar o pião onde nós o esperamos.

A ontopsicologia, portanto, predispõe o humano a ser um protagonista preparado de um universo em transformação.

Hoje, tudo é mercado, negócio. Não existe nenhuma ideologia que seja salvaguardada pelo poder aquisitivo do dinheiro, porque o dinheiro dá a liberdade de comunicação, de imprensa, de organização.

Em tudo isso, a existência do verdadeiro homem-líder é indispensável, enquanto ele é a única salvaguarda e o único fermento que pode garantir o humano autêntico a humanidade.

O monitor de deflexão instaura-se no interior da tecnologia informática. Tão logo fazemos contato com os estereótipos da comunicação (através do rádio, jornais, televisão, etc), o monitor de deflexão se reforça. Para poder conviver e dialogar, acontece que num certo momento, somos robotizados: falamos em cifras, segundo fichas codificadas. Somos obrigados a usar módulos de frequência que convenções ideológicas, práticas de estereotípias racionais e conveniências multinacionais estabeleceram.

O monitor de deflexão está inserido em todos os mecanismos da sintaxe humana usada pela unidade tecnológica sistêmica, porém o homem, com base no seu Em si ôntico, pode ser artífice do próprio protagonismo e do próprio sucesso e dar

uma contribuição de vitalidade ôntica no contexto em que se encontra.

A máquina não deve ser combatida: pode ser usada e pode-se fazer dela o próprio pedestal, mas é preciso ter um Em si ôntico autêntico e ser imune àquilo que é a etiologia plurifatorial familística da neurose e esquizofrenia. Para chegar a ser protagonista, é preciso superar a díade³. Ser líder hoje é uma tarefa de super-homem no panorama deste mundo que, no interior de uma só geração, já colocou as quatro marchas diferenciadas uma da outra.

Podem-se enfrentar eventos interplanetários somente estando prontos para o próprio hoje. Se o indivíduo consegue desvincular-se de uma razão fundada sobre um Eu lógico-histórico, anestesiado pelos complexos, e consegue retomar o iso de natureza com o Em si ôntico, então ele acessa intimamente a qualquer conhecimento e a qualquer contexto. Isso consente a posição exata da situação em que se encontra e, contemporaneamente, lhe indica aquilo que deve fazer. O Em si ôntico é uma inteligência universal e neste planeta opera sempre conforme a vantagem da individuação. Seguindo a sua intencionalidade, o sujeito não regride jamais; ele erra e perde, somente quando usa o seu manuscrito.

Por exemplo, tornemos uma criança e tão logo aprenda a língua, a colocamos a recitar uma parte em um teatro (por exemplo: a parte do príncipe), ela continuará a recitar o príncipe e vai crer, verdadeiramente, sê-lo. Se, ao invés, antes da parte, lhe damos a consciência de que é um ser humano e pode recitar também outras partes, então ele é capaz de escolhê-las e, de forma múltipla, se quiser. Porém, é importante que saiba ser um “passe-partout” a qualquer tipo de manuscrito. E isso é possível, porque conscientiza de estar, de todo modo, no fulcro transcendente, todas as partes às quais dá suporte. Isto é, está neste mundo, mas não é deste mundo.

O Eu lógico-histórico nos fixa rotineiramente em um modelo. O Em si ôntico, ao invés, é aberto e, conforme onde se encontra, imediatamente registra qual é o ponto vencedor, de negócios ou de fuga.

Não nos tornamos grandes em relação às grandes experiências externas. O sábio, o grande conhecedor é aquele que já está pronto, já se tornou dentro de si mesmo, por isso é capaz de registrar a própria autenticidade no miricismo cotidiano⁴. Acertando os fatos do próprio dia, é capaz de identificar e realizar projetos extraterrestres e transcendentais.

Concluindo:

1) O escopo existencial do líder deve ser a resposta à vocação ôntica⁵: fenômeno da urgência do Em si ôntico.

2) O líder deve ter uma estratégia funcional específica (coincidência entre Eu lógico-histórico e Em si ôntico). A evolução deve ser constantemente registrada em harmonia proporcional entre exigência de eissidade mundana do Eu lógico-histórico e pulsão transcendente do Em si ôntico.

3) O líder deve ter uma capacidade analítica entre opinativo e funcional (princípio da dupla moral).

Portanto, concretamente, momento a momento, o líder deve proporcionar e favorecer aquele geral que se faz denominador comum (mínimo ou máximo) de todos os processos do real que se lhe configuram sobre ele, ou em torno.

Qual ideal? Qual valor? O que é certo? O que convém? O ponto está e existe somente onde o movimento, a dinâmica, a tensão, o desejo veemente são justificados como proporção entre necessidade e resultado. Então, no acúmulo de desproporções ideológicas e programações sócio-econômicas ou individualístico-existenciais, para que uma lógica de valor seja tal e, portanto, confirmada como processo e atuação, é indispensável uma referência, um apoio, que seja o fulcro de sustento ou realidade

funcional e coincidência entre o processo ou corrida e o alcance holístico do quântico em ação.

Então, qualquer dialética, teoria ou hipótese, é demonstração e evidência de realidade funcional e, portanto, distinta do opinável associado, cindido do real, somente se o método, o processo racional, a teoria, a dialética estruturam as angulações ou projeções das quinze fenomenologias descritas do Em si ôntico⁶. Esses são os critérios que fundam, justificam e evidenciam o funcional do real da ótica do ponente subjetivo (seja ele indivíduo ou grupo).

6.1. AS COORDENADAS DO PODER ECONÔMICO

A Ontopsicologia é a análise e a leitura da simplicidade concreta, física do real. Uma vez identificado, faz o possível para contribuir - com base na especificidade do egoísmo individual, que confirma o iso de natureza (do meu iso eu específico o iso da natureza) - àquela palingênese onde o princípio autentica o retorno daquilo que o homem tinha iniciado como motivação.

Desta premissa muito seca e sintética, fica evidente que toda a Ontopsicologia se dirige ao líder, ao operador social, ao homem que é capaz de vida, ao companheiro da criação. Em tudo isso, não existe nenhuma necessidade, mas motivação ao belo e ao prazer superior, de modo gradual.

A premissa dá o nível que qualifica o valor para tudo aquilo que concerne à psicologia do líder. Não é uma adaptação de uma psicologia e um sistema de poder, de “business” e de capitalismo: pessoalmente, incentivo a psicologia do líder, porque é uma ótica naturalística, simplíssima, daquilo que é o projeto da criação em ato, em tudo aquilo que a vida presencia e identifica.

Intervindo sobre a inteligência e a radicalidade da economia, a Ontopsicologia parte do conhecimento daquilo que é a competição, a dialética entre os grupos de poder sócio-econômico-políticos: o sionismo, o fundamentalismo, a ex-psicologia do dólar⁷.

O dinheiro vai onde estão os vencedores; não é um poder legal, hereditário: é um poder que se coliga somente com os capazes. Isto é, o poder pertence somente àqueles capazes de especificar a ação de potência sob todos os pontos de vista.

As coordenadas de poder econômico no mundo atual são as seguintes: a) globalização do mercado, b) tecnologia digital e c) capital humano. O perigo é uma nova analfabetização.

A) Para além das línguas, das filosofias, das políticas, hoje é proeminente, é determinante a globalização do mercado. Não é importante ser italiano, brasileiro, russo, chinês, japonês. Globalização do mercado significa que, onde quer que se evidencie o dinheiro, existem aqueles produtos: sapatos, rádio, televisão, telefone, carros. Por exemplo, a Mercedes não é alemã, mas faz parte da globalização do mercado, e assim também a Olivetti, a vodca, o caviar; por isso, é suficiente ter dinheiro. Estando nas ilhas Canárias, na Zâmbia ou na África do Sul, tenho as mesmas músicas, os mesmos “compact disk”, os mesmos canais de televisão, as mesmas notícias, o mesmo mercado de futebol de droga, etc. Aquilo que é o máximo no contexto de um país é o geral no contexto do mercado internacional. Isto é, não é importante girar o mundo para saber o que o mundo produz. Com a globalização do mercado, temos os mesmos produtos e identidade de processos, de dinheiro, de psicologia. Isso significa que cada um que queira entrar no processo do “marketing” ou do mercado, deve compreender esta psicologia global, caso contrário é um perdedor. Não há tempo para os nacionalismos, é preciso ser inteligências capazes à globalidade; inteligências gestálticas, capazes de manobrar o “business” no interior das estruturas da globalização internacional. Esse é um fato, é uma experiência, é uma realidade para quem quer conhecer. A linguística, as relações de medida são universais:

uma vez pode prevalecer o dólar, outra vez a libra esterlina, o ouro, o marco, é indiferente. Já temos os processos: a máquina globalizou o mercado dos produtos humanos.

B) Tecnologia digital. Hoje o mundo é de quem sabe digitar a informação (telefones, computador, televisão, satélite, etc). Portanto, trata-se de ter a capacidade de controle do mundo da informação para ter acesso aos pontos nevrálgicos do poder. “Digitar” é uma palavra latina, universalmente aceita na linguística internacional robótica e tecnológica. Significa que, com cinco movimentos da mão, posso mover bilhões de informações.

Por exemplo, se quero movimentar os dólares que tenho em Caracas para investir na aquisição de petróleo na Arábia, é suficiente digitar a informação ao meu agente junto àquele banco em Caracas e, em vinte e quatro horas, todo o meu dinheiro estará no lugar que designei para comprar. Não é necessário nem mesmo o telefone. O novo mundo do capital se articula sobre engenhos, sobre relações extremamente essenciais nas quais se elimina a relação humana de conhecimento: existe um sistema de computador tal que, quando uma pessoa digita um certo comando (que tem um código conhecido somente por quem o possui), articula o código e informa o relativo, dessa forma, podem-se deslocar enormes capitais, bilhões de um mercado a outro no espaço de poucas horas. Assim, um País pode tornar-se rico em um só dia e, em outro, pode tornar-se nada. Isso é o que eu defino como o poder da tecnologia digital.

Não interessa o que os jornais, o rádio ou os políticos dizem; o poder digital, de fato, é apriorístico no sistema econômico internacional e precede qualquer decisão das câmaras, dos parlamentos, do fundamentalismo árabe, do sionismo, etc. O poder digital de um pequeno homem ou de dez homens pode dar pobreza ou riqueza a um país, e não a outro. Retorna o poder da máquina que descrevo nos meus escritos. O monitor de deflexão e um gigante enorme com extraordinária potência. Este universo já está muito mais evoluído do que as vossas cognições podem receber.

A Ontopsicologia nasce de uma experiência consciente da realidade daquilo que é a globalização do mercado, a tecnologia digital avançada. Este é o verdadeiro fato que constitui a onipotência no mundo. Por esse princípio, não podem acontecer guerras internacionais como a primeira e a segunda, porque não é Yeltsin, Clinton ou Chirac que decidem, enquanto não detêm mais o poder. Isto é, os reais acionistas do poder econômico existente neste planeta são os mesmos que, com base nessa rede de comunicação, da tecnologia digital controlam todo o poder

econômico e, portanto, deslocam, variam à sua discricção e conveniência. Quem pode interferir nisso tudo? Somente o capital humano. O capital humano poderia controlar essas duas esferas: a realidade da Globalização do mercado e aquela da tecnologia digital.

C) O capital humano é o quociente de inteligência. Substancialmente, é aquele potencial-base que o ar qualquer tecnologia, qualquer globalidade com a condição de que seja especificamente evoluído. Se é coação a repetição de número biológico, sabemos já que o humano serve à máquina. Ao invés, a máquina está nas mãos de quem sabe geri-la com inteligência. É indiferente que seja uma inteligência humana, terrestre ou extraterrestre: quem tem o controle inteligente da máquina (por máquina, neste caso, entendo tanto a globalidade do mercado quanto a tecnologia digital) tem o poder do universo e faz parte legal na concepção e projecção da vida. A Ontopsicologia insere-se justamente na autenticação, no estimular e ao dar um enorme impulso até que o homem se responsabilize, os capazes façam seu destino e saibam antecipar estas duas realidades. Por essa razão, dirige-se ao líder, ao capaz, até que, no final, a máquina não permaneça soberana, mas que seja soberano o natural patrão da máquina. Nesse caso, a máquina é de enorme funcionalidade também para os humanos. Globalização e tecnologia irão para as mãos de quem terá a ação específica, avançada, daquilo que é o capital humano, ou seja, a grande inteligência. Tudo aquilo que eu faço na psicologia do líder é individuar, alimentar a possibilidade daquilo que é a individuação do capital humano. Caso contrário, existe o perigo da nova analfabetização. O mundo tecnológico dos melhores está exuberante, pela realidade humana, ou por interação extraterrestre. Em um século, levamos avante o mundo tecnologicamente. A nova analfabetização é a enorme massa dos ignorantes da tecnologia informática. Então existirá o grande contraste: a massa dos analfabetos da tecnologia digital e a potência da tecnologia digital. Surgirá uma nova guerra que interessará novamente todo o planeta? Não sabemos.

Certamente, a máquina confiada somente a si mesma é destrutiva; se controlada pelo patrão capaz, é funcional. Com certeza, a massa biológica não vencerá. Em última instância, vencerá a inteligência capaz de controlar a tecnologia digital; caso contrário, haverá a destruição do planeta, porque a máquina não pode ser detida: ou se controla, ou se destrói, não é possível pará-la.

O campo da pesquisa ontopsicológica pretende, portanto, valorizar, ampliar o capital humano, não pretende dar formação didáticas às massas. Pessoalmente, escolhi essa estrada. O propósito preciso da Ontopsicologia é aquele de sensibilizar, responsabilizar o novo capitalismo oligarquico da tecnologia digital. Em caso contrário, o problema desaparece da mesma forma, portanto não é importante.

Porém, é belo vencer: o mundo, a vida não podem ser dados a medíocres repetidores. A realidade do universo é confiada aos capazes que sabem dar perfeição especificação progressiva àquilo que é criação em ato.

Notas:

1. MENEGHETTI , A. L *Arte de Vivere dei Saggi*. Psicologica Editrice, Roma 1992.

2. Cfe. *Atos do XIV o XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia: "Le Costelazioni Metaistòriche"* Psicsicologica Editrice, Roma 1995.

3. *Ivi*, Cfe. par 3.2 e 3.2.1

4. *Ibidem*, par. 5.5

5. *Ibidem*, par. 5.1

6. MENEGHETTI, Antonio. *"L'In Sè Dell Uomo*. Psicologica Editrice, 3 ed., Roma 1993.

7. *Os s Estados Unidos impuseram a sua liderança, porque nos anos 30-50 tinham grandes inteligências (de "Carnesh" em diante), que depois perderam.*

7. CINETERAPIA “WALL STREET”

“Wall Street” é um filme com que partilho amplamente: na direção, nos atores e na temática, como excelente ocasião de estímulo à crítica, à análise e à verificação psicológica. Não que esse filme seja a verdade, mas - para além do divertimento e da costumeira experiência de cineterapia ontopsicológica - é, de qualquer modo, uma passagem para incentivar, nos espectadores, uma capacidade crítica acerca da existência individual, através da análise da existência dos protagonistas do filme, se é bem estruturada ou não (e porque é bem ou mal estruturada) em referência ao sucesso social, econômico e político.

É um filme que coloca elementos suficientemente críticos para consentir a cada um de “testar” a própria capacidade crítica de compreensão. Portanto, se alguns sujei-tos vencem, trata-se de ver por que vencem, e se outros perdem, por que perdem. O escopo desta cineterapia é evidenciar as motivações “a priori” pelas quais se determina a afetualidade última: a falência, o cárcere ou o triunfo.

A inteligência inerente à economia não é uma capacidade externa, indiferente ao resto da personalidade.

O dinheiro é uma práxis histórica, uma realidade de vantagens sem controvérsias. O dinheiro, seja qual for a circunstância, de modo estável e progressivo, está sempre com quem vence, nunca com quem perde. Nas antigas páginas da Bíblia, fala-se sempre da riqueza como dom do deus Jeová em recompensa aos seus servos fiéis.

A meu juízo - exceto os grandes que realmente realizaram e nunca escreveram - ninguém compreendeu a psicologia das altas finanças. Todos os economistas que se interessaram em delinear uma psicologia funcional ao reordenamento e renovação dos quadros, do processo produtivo, etc., não eram verdadeiros

psicólogos. Por isso, fizeram induções e colocaram premissas, mas não deram soluções concretas e operativas.

Alguns vencem e outros perdem, porém existe a saída: a vida está sempre com aqueles que vencem, e é certo que o poder está com quem é inteligente e se sincroniza com a ordem lógica da intencionalidade de natureza. Esse é o ponto.

O fator-homem é uma causa contínua e holística, portanto, não se faz no arco de um ano, de um mês ou de um contrato: o homem acerta aquele particular (por exemplo, um contrato), porque tem toda a sua vida acertada. Cada ato, o último ato, é sempre o conjunto de quanto o sujeito organizou e amadureceu na sua capacidade operativa total.

De fato, a maioria dos seres humanos é “imbecil” em relação ao gênio do próprio inconsciente. O inconsciente trabalha o indivíduo como lhe parece, a inteligência suprema da vida nunca cai no vazio, mas salva-se sempre. É o sujeito quem perde. Como experiência clínica, fico admirado frente à obra-prima do inconsciente que está em cada indivíduo: como escolhe a situação, o deixa errar e depois o faz pagar completamente pelo erro.

O inconsciente sempre tem a possibilidade de resolver, porém, a chave externa está de posse do Eu lógico-consciente. O inconsciente resolve de qualquer modo: com um tumor, com um acidente, etc. O ontopsicólogo é um cientista que conhece perfeitamente a arquitetura da atividade psíquica, é dali que ele aprende a dar a vitória ao cliente: ele é o técnico que sabe ler o diagrama e individualizar a solução.

Com base na minha experiência clínica e existencial, ainda devo encontrar uma pessoa que não possa superar-se: todas podiam, mas não quiseram. É indiferente se não quis por complexo, por neurose, por monitor de deflexão, por estereótipos. O sujeito é o atar do seu bem e do seu mal. Já seria

um grande passo conseguir levar um ser humano a essa responsabilidade.

Até mesmo nos sistemas pulsionais do inconsciente, o indivíduo elabora estratagemas para atuar aquilo que voluntariamente, estereotipicamente, logicamente teme, rejeita e combate: ele mesmo é o tranqüilo, o peremptório e o inexorável causante.

Portanto, através desta cineterapia, deve-se captar onde está o fio vencedor da própria situação, onde foi partido e onde se pode retomá-la. De modo concreto, significa como ter êxito naquele encontro familiar, naquele encontro político, na redação de um livro, no arquitetar e no programar a própria vida, o próprio “business”, a própria liberdade. E preciso compreender, não basta querer.

Já nas primeiras imagens do filme, encontramos-nos em pleno monitor de deflexão. Segundo as regras da cineterapia, as primeiras imagens dão a categoria, o tema logístico de todo o filme. Na realidade, toda a nossa existência encontra-se no interior da teia de aranha dos modelos dos estereótipos do monitor de deflexão, dos complexos, etc. Estamos sob catálogo.

As dialéticas no interior do filme são múltiplas: política, social, econômica, do “business”, de afeto, de amor, familiar e do passado.

O protagonismo de todo o filme está nas mãos dos fortes. Quem move as pedras são os “Gekko” ou aqueles como ele. Somente eles dão a imagem de ação, de economia, de política aos sindicatos, aos operários, aos juízes, aos jornalistas. Os jornalistas são os próprios colegas do rapaz: o patrão ordena “Blue Star” e ninguém verifica, as “comadres” entram em cadeia. O primeiro a sugerir é um daqueles como “Gekko”.

A verdade é o máximo de oportunidade. A pessoa inteligente não usa droga, não rouba; neste momento, não aceita as tangentes, não por ser honesta, mas porque é uma oportunista:

fazer aquela ação não convém. Os jovens fazem as revoluções, contrastam o sistema e não percebem que são eles próprios que engordam o sistema. Por um pouco de droga, fazem surgir a política, a delegacia, os juízes e a imprensa. A verdade está sempre onde existe a máxima oportunidade. O Em si ôntico é econômico em duplo sentido: histórico e transcendente.

Gekko, nunca houve um momento de perda. Com a “Blue Star”, queria ganhar sessenta milhões de dólares e ficou irritado porque ganhou somente dez milhões, de qualquer modo, não regrediu. Essa seria uma daquelas ações nas quais ele parece medíocre. Do modo como acontece o filme, “Gekko” sempre é vencedor.

O incapaz acredita refazer-se, gravando uma fita para dar à polícia, mas quanto valem aquelas palavras no plano jurídico? Absolutamente nada. Quem cometeu o crime? “Gekko” sabe que, no final, existem sempre os abutres (os juízes, os policiais, etc.) e que não se pode errar no plano da dialética fundamental do “business” da economia existencial.

Tudo começa quando o rapaz deve pagar uma dívida de cinquenta mil dólares. A dívida é o carma. O “grilo falante”, isto é, o ancião colega do jovem não traz má sorte não semantiza, simplesmente cadencia o ritmo dos erros do rapaz. A frase “Podes confiar somente naquilo que tu construíres” lhe é repetida também pelo pai.

Substancialmente, aquele rapaz chega à grandeza de modo desonesto, em sentido técnico, legal e social, isto é, segundo o modo do monitor de deflexão que primeiro faz praticar o erro e depois destrói. Por outro lado, esse rapaz trabalha sempre em frente ao monitor. “Gekko”, ao contrário, nunca trabalha frente ao monitor. Seguindo as imagens essenciais, categóricas da ação pontualizada pela Ontopsicologia, quem está em frente ao monitor está destinado a perder.

O rapaz comete muitos erros. A capacidade de sustentar o estilo de uma posição superior não é destinada a todos. É necessária uma série de requisitos técnicos. Um dos erros que faz é aquele de ir para a cama com a primeira mulher que “Gekko” lhe oferece. É um dos erros mais estúpidos, deveria compreender que ela fora mandada para atraí-lo.

O rapaz sequer duvida para perguntar-se como ele havia feito para chegar àquele tipo de mulher. “Gekko” lhe passa a sua única e verdadeira amante, porque conhece a relação de determinados valores. Em certos níveis, não se discutem ciúmes e possessividade, mas se avalia quanto valor se colhe, quantas formalizações de poder, de ser, quanta realização de interesses. “Gekko” lhe faz compreender que uma mulher como Hariel significa um universo de sentido e de vida. Mesmo amando-o, ela diz ao rapaz: “Desagrada-me que percas 'Gekko' “. E quando ele lhe dá o “aut-aut”, ela escolhe. Sabia que se errasse, seria condenada, porque não entraria mais no jogo de inteligência, de “business”, de vantagens da vida. Aquele rapaz é o emblema da multidão: onde encontrar uma outra mente como a de “Gekko”? Hariel queria realizar-se. Não amava “Gekko” de modo pedante, dependente, fetichista, apenas estabeleceu um pacto de inteligência que vai além do amor. Quando se fala de amor nesta sociedade, qual amor se entende? Aquele dos casais, aquele do sexo, aquele da família? Seria aquele o amor? Todas as psicoterapias no mundo - não somente a Ontopsicologia - não fazem outra coisa que curar os males causados pela família, que o sujeito estruturou e somatizou, aquela infecção familística que continuamente é ativa e apresentada como amor. “Gekko” é alguém que joga qualquer coisa, tendo como objetivo a inteligência. Numa cena, um personagem grita-lhe: “Quando acabará?” Acabará logo caso se esteja entre aqueles que perdem, não acabará jamais se, ao invés, se está entre aqueles que vencem, porque existe sempre um outro horizonte. No fundo, “Gekko” amava este rapaz e o admirava porque conseguira conquistar a sua secretária. Alguém como ele, vista a situação, aceita o jogo: “

Vejam os que sabem fazer. Eu estou disposto, mas tu és capaz?” Provavelmente, a bofetada que lhe dá no final é uma velha satisfação que queria ter tido desde a primeira vez, quando o rapaz tentava burlá-la sobre a escrivãzinha. Muitos jovens têm essa forma de ar rebelde, porque têm o mundo inteiro como esperança, mas ainda devem demonstrar que são capazes de caminhar com o próprios pés. A banal tragédia do rapaz está fundada sobre uma fidelidade servil ao estereótipo da família. A mãe é sempre testemunha externa, a única que nunca participa emotivamente, nem nas lutas sindicais, nem no infarto do marido, nem quando levam o filho para a prisão. É a única, que, aparentemente, fica à margem, como a velhinha em “Psycho”: é sempre a mesma estratégia. O pai era um perdedor, um “vegetal” de uma fábrica que, entre outras coisas, estava “afundando”. Se o jovem permanecesse junto a “Gekko”, talvez o pai tivesse morrido, a causa das suas fixações sindicais, econômicas e afetivas da infância. Ele queria manter a companhia aérea do modo no qual havia sido fundada: “romantismos poéticos” que não contam nada no plano da concorrência econômica. Na realidade, aquele pai assassina o filho no plano social, não salva o “Blue Star” (porque o outro que a compra, no final, a transforma do mesmo modo projetado por “Gekko”) e não se cura do mal que tinha. Portanto, salva a moral do estereótipo, mas assassina a família, a si mesmo e a companhia aérea. Quem movimenta o social é “Gekko”. Ele é a dinâmica da sociedade. É o homem ponta-de-ação nesse contexto. Isso não significa que seja o máximo, mas pelo modo como se desenvolveu o jogo, ele é o único que permaneceu em campo. E um negociante e diz sempre, claramente, qual é a sua teoria: “O dinheiro é sempre vencedor, faz somente mudanças, passa de ti a um outro, mas é sempre vencedor, e tu deves estar à altura da inteligência do dinheiro”.

O discurso, que faz quando acusa toda a burocracia dos vice-presidentes de uma grande empresa, é matemática de “business”. Quando digo que a verdade é o máximo de oportunidade significa a escolha ótima em cada momento e

lugar, portanto, o caminho do Em si. Uma das confusões que os seres humanos fazem é aquela de sacralizar preâmbulos do superego: é santo quem morre pela bandeira. Ao contrário, para a vida, é santo quem vence a batalha e retorna feliz para casa.

O desprovido rapaz entra em um jogo de gigantes com o aval de um grande que o coloca, com enorme graça, em um setor de inteligência, de “business”, mas, infelizmente, ele já tinha em si o registro perene da infantilidade.

Por outro lado, não sabemos se a justiça foi chamada por ele, se veio sozinha, ou se foi o inglês. Para este último, de fato, aquele era o bom momento para atacar. Naturalmente, mediante a causa instrumental - o rapaz - porque sabia que “Gekko” jamais o teria defendido. Quem teria pago a fiança? A única coisa que os pais sabem fazer é levá-la ao cárcere: “Coragem, meu filho, levarte-emos ao cárcere, no fundo, nasceste para isso”. É a tragédia que o ser humano vive cotidianamente: ter nascido para sofrer. O rapaz terá mamãe e papai que continuarão a querer-lhe bem , enquanto viverem, e o elogiarão por ter repetido o estilo de sua miséria.

Quando fazemos determinadas ideologias, determinados discursos, usamos algumas desculpas “É um amigo, devia ajudá-la...”. É uma escolha, mas é a escolha lógica? É uma escolha ideológica, não uma escolha de valor. Ao auxiliar o outro, que está em “deficit”, ter-se-á o aplauso dos perdedores; e para os outros, ao invés, interessa o aplauso dos vencedores. Aquilo que estou afirmando, para muitos, é opinião. Todos os nossos modos de dizer são opiniões, porém o ponto é que a vida não conhece opiniões.

No fundo, o diretor, nas entrelinhas, propõe uma estagnação a todos porque, enquanto dá a liderança à massa dos operários e dos sindicatos, conclui que trabalharão sempre como inferiores, porque no momento em que escolheram fatores errôneos não são capazes.

“Gekko” transcende todos os valores pelos quais os outros se crucificam. Observa-os todos, mas está sempre atento à ação que urge naquele momento. Tem uma família, tem um filho, todavia, vive sozinho a transcendência pura da economia.

Quando na ação da bolsa de valores da “Blue Star”, diz para vender, o outro acredita ter vencido. Na realidade, “para que serve ter o morto que exala mau cheiro”? O jogo acabou mal, portanto, é melhor desfazer-se da mercadoria, porque caso se colocasse a competir com o outro, teria caído na mesma estupidez.

Mesmo que tenha raiva quando tocam a sua mãe, ou seja, uma parte da sua dignidade, nem por isso perde a coordenação da lógica do negócio. Pode-se ser emotivo, mas depois, é a lógica do utilitarismo da vida que deve funcionar.

Não se sabe se “Gekko” ainda tinha um pai ou uma mãe. O filme não fala disso, e ele não diz nada. São vistos a mulher, o filho, os amigos, porque são um dado de realidade, mas nunca nomeia nenhuma situação do passado, à parte as referências aos seus primeiros negócios.

“Gekko” é um homem que nasce consigo mesmo e para si mesmo.

“Gekko” sabe ser sem piedade. A piedade, como é conhecida, implica o erro. Quando, ao invés, a piedade é utilitarismo, então é conhecimento.

A única pessoa com quem “Gekko” fala é Hariel. A mulher loira era sua amante íntima, a sua amiga. Existe um modo de viver o amor para além, que não é um além em sentido religioso, mas um além onde se tem um ponto que está em abundância a todos os outros pontos. Se ela o tivesse deixado, ele teria encontrado uma outra. Aquele homem pode construir aquilo que lhe serve. Se ele a mantém, é pela sua inteligência e porque, na sua experiência, não encontrou outra mulher, mais válida, uma vez que Hariel possuía uma avidez pela verdade.

No plano econômico, aquilo que o rapaz oferece são coisas estúpidas, são programas que não podiam ter eficiência de gênero algum. Vendia ilusões das quais estava convencido, mas no plano da gestão econômica e sindical, era uma “bolha de sabão”. “Gekko” havia analisado perfeitamente e havia chegado a conclusão de que a única utilidade para si e para os operários era aquela de cortar o bolo e dar uma boa fatia a todos. Os operários não teriam ido à “caixa de integralização”*, mas teriam uma ótima aposentadoria (enquanto que se a “Blue Star” tivesse continuado a existir, no modo originário, teria entrado em falência e os operários, progressivamente teriam ido à “caixa de integralização”).

“Gekko” segundo os seus calculos, teria ganhado sessenta milhões. Portanto, ao menos como vem apresentado, o discurso era lógico. “Lógico” significa que aquele sistema não somente era a única via de saída, mas também a única estrada para resolver o próprio egoísmo e interesse dos outros.

* N.T. Organismo que, em caso de redução temporária de trabalho, a empresa fornece aos funcionários uma parte do salário.

A máxima do líder é realizar o resultado mais gratificante para si mesmo, através do ganho dos outros, dos quais se serve e faz agir, jamais subtraindo ou destruindo. A exceção está nos grandes “business”, porque aquela é uma luta onde ambos jogam para vencer e conhecem as regras. Um grande nunca dirá que o outro é desonesto, porque, por sua vez, ele também será “jogado”. Para os grandes, não existe perdão.

As coisas, no mundo, funcionam se existem líderes que comandam: eles provêem a todos, são a providência em ato que faz mover e dirigir também os desprovidos. Através do empresário de alto nível, a vida provê a todos. É ele que opera a verdadeira política social. Com a fábrica que fecha na Itália e reabre em Hong Kong, pois os custos são notavelmente

inferiores, tolhe o trabalho de cem operários italianos, mas dá trabalho a cinco mil operários de outro país.

O líder sabe que, para obter o máximo resultado, é preciso salvar todos os fatores, sem destruir nenhuma pessoa.

“Gekko” é um homem que tem a liberdade e a autoridade de decidir retirar-se e fazer amor no avião. É um senhor, pode fazê-lo porque o avião é seu e existe uma convenção de sexo com a mulher: ambos realizam o seu negócio. O rapaz, ao invés, conheceu somente prostitutas. Depois, de improviso, surge uma mulher que o leva em um “Rolls Royce”, mas ele não reflete sobre a gratuidade do dom.

Também o ato de “Gekko” no avião é um oportunismo da vida: ele percebe que estava dialogando com alguém que não compreende nada, e ao invés de perder tempo, prefere gozar uma belíssima flor, que lhe dá “élan” vital. Porém, a essas possibilidades, deve-se chegar amadurecido. Significa que aquilo é natural e devido, pelo modo como se viveu e se conduziu o jogo da vida. O paraíso existe, mas é preciso saber construir os valores. A minha pedagogia não é fácil: está escrita no Em si ôntico do inconsciente de cada homem.

Se o sujeito não é capaz de realizar a própria vantagem, é porque está fixado sobre fatores ínfimos, porque errou os cálculos, por isso a sua consciência não vê mais as lógicas do mover-se da vida. Não é deficiente por natureza, mas como resultado do ambiente, da educação, dos estereótipos, da fidelidade, da cultura, isto é, de todo o resultado dos modelos que o sujeito vive.

“Gekko” tinha uma só fraqueza. Sabia que tinha um filho estúpido e uma mulher que não valia, portanto, teria tido prazer em criar um sucessor, um filho da inteligência.

No fundo ele não queria instrumentalizar aquele rapaz, mas educá-lo para dar-lhe a passagem sucessória. Um grande homem cedo ou tarde, procura sempre alguém a quem passar o

seu gênio, a sua riqueza, o seu poder, um filho da inteligência (que nunca é o filho biológico). Portanto, a raiva de “Gekko” em relação a ele não é porque o faz perder dinheiro, mas porque este rapaz faliu sobre a ordem da inteligência. Esbofeteá-la, no final, é também um desabafo de amor.

Existe um prazer em ensinar algo de grande a um outro, a fim de que este o leve adiante fazendo-o evoluir cada vez mais. É este o sentido da paternidade e da maternidade espiritual: ensinar a inteligência. Mas aquele pequeno pretencioso não compreende, é um dos muitos jovens com ambição desproporcionada, sem capacidade intrínseca ou coerência lógica: torna-se, improvisadamente, honesto depois de ter devastado duas outras fábricas.

Esse rapaz tem um pouco de protagonismo, porque encontra alguém grande que o ama e o escolhe; sem ele, é somente massa. Mas quando encontra o grande, ele se revela por aquilo que é e erra: comete erros tradicionais, de sentimento, de amor, de incompreensão, faz a ação ilegal. Teria sido muito melhor, para ele, jamais ter encontrado o grande. Quando um homem que encontra uma fortuna, uma informação, uma revelação, uma cultura através da qual pode realizar a grandeza do ser, e não é coerente com a escolha, a grandeza possível se revolta como mostro retroativo.

O ensinamento que se pode extrair de tudo isso é que, naquele pequeno espaço que cada um tem, deve começar a tentar sozinho, não entrando em sonhos megalomaniacos: basta estar bem e ter a própria comodidade. Atentos pensadores dizem que a Ontopsicologia é uma ciência perigosa, porque pode iludir de grandeza alguns pigmeus incapazes. É verdade.

A vida individual é sempre o resultado daquilo que foi pré-colocado. É inútil culpar deus ou a sociedade. A responsabilidade é sempre do sujeito, pois, toda vez que não

encontrou o caminho de saída, foi porque escolheu diferente. Pode fazê-la, não há nenhum problema, porém, quem paga é ele.

Para chegar a uma superioridade, deve-se começar desde a manhã, quando vai-se ao banho. Não se pode pretender que se possa, de improviso, ser um “Gekko”: tem-se a pasta, o estilo de “Gekko”? Se sabe falar e ter os conhecimentos certos? “Gekko”, ao amanhecer, está na praia para “lavar” o cérebro, joga “squash” para fazer movimento físico, ama a natureza e a vida, sabe que, para ter aquele nível superior de inteligência, é preciso viver de forma diferente. Como desfruta de seus prazeres, como vive o sexo, as amizades, como é refinado, como come, como é sempre leal na concorrência.

Portanto, é preciso ser realista ao começar do pequeno cotidiano. Se não se vence ali, é melhor deixar de lado as outras ilusões. Dos pequenos fios do cotidiano, pode-se construir qualquer edifício.

A verdade é oportunismo: o quanto se ganha de existência, de autóctise histórica? Antes ou depois, deve-se ver o precipitado quântico.

Trata-se de fazer uma pequena revolução interior, se interessa. Se alguém quer uma escolha superior, deve qualificar-se seriamente. Muitos não compreendem os livros de Ontopsicologia, porque não decidiram mudar os próprios costumes. Se alguns valores permanecem absolutos (aquele ambiente, aquela escola, aquela mãe, etc.) podem ficar sobre eles de manhã à noite, mas aqueles escritos permanecerão sempre como coisas impossíveis, caixas fechadas que darão incômodo. Esses livros falam para quem caminha; portanto, para compreendê-los é preciso ter uma variação existencial.

O importante é que o sujeito creia naquele “algo” no qual vive e realiza o ponto de paz. Deve-se lutar por aquele universo que se escolheu. A prova de que a escolha é exata é que se alcança o ponto de proporção, uma díade de valor progressivo.

Se, por exemplo, quer-se ampliar a empresa, a família passa ao segundo plano. Se, ao invés, prefere-se as férias, a família, começa-se a sair fora dos binários da inteligência, dos vértices capazes de ação, sob o plano nacional e internacional. Existe um estilo. “Gekko” faz as suas férias em um segundo, durante a viagem aérea ou, então, quando encontra o grande rival. Existem satisfações sob o plano logístico da economia, do negócio, que são exaltação lírica, emoção estética puríssima, onde se entra na beleza imaculada da alma.

A maturidade e a grandeza dos intensos valores morais requerem uma estrada completamente diferente daquela do homem comum. “Busca o reino dos céus e todo o resto te será dado a mais”. Esse é o oportunismo da verdade. O reino dos céus é a ordem do poder, a ordem onde se facilita o cruzamento dos valores.

Deve-se começar com profunda humildade, em relação a si mesmo. Escolher o próprio mundo, os próprios amigos. O importante é acreditar e lutar com verdade utilitarística ou utilitarismo da verdade. Quem é capaz, depois de alguns anos, deve chegar ao fruto maduro, congruo da própria felicidade. É isso que dá a proporção da paz: o sujeito está bem, tem a si mesmo e o próprio mundo.

Caso se tenha um desejo a mais, deve ser construído, porque a natureza não intenciona nunca uma tensão exasperada. O doente, o esquizofrênico, o falido têm sempre uma tensão imprópria, fatores errôneos, desequilíbrios. Não obstante tudo isso, a obra-prima constante que vejo na minha vida é a exatidão com que o ser humano foi criado.

A vida nunca é democrática. A democracia existe na política, nos sindicatos, nas instituições públicas, mas na ciência, na vida, na economia não existe democracia.

7.1. O TESTE DA PATOLOGIA NA INTELIGÊNCIA DO SUJEITO

A ontopsicologia, na prática clínica, na prática de autenticação e na prática empresarial, é a ciência capaz de colher o critério-base do inconsciente. Uma vez individuada esta genialidade natural, dela se aprendem os módulos de conduta do sujeito. O inconsciente, na sua genialidade, sempre tem o “design” do sucesso, da autoconstrução vencedora.

A escola ontopsicológica é um exercício de como saber decifrar o projeto da natureza individual do ser humano, antes que a família, a sociedade, o carma intervenham, constituindo tantos erros. É a busca do paraíso perdido, o qual, cotidianamente, está em ato, mas trata-se de sabê-la destilar e torná-lo ação: o que vender, o que comprar, com quem andar, com quem associar-se, o que pensar, o que admirar.

O acaso não existe. Toda a vez que se verifica um infortúnio, uma doença ou uma deficiência na vida do sujeito, significa que ele ama a própria patologia; de outro modo, é ilógico errar e ficar mal. Portanto, deve-se entrar nessa humildade franciscana e documentada, de desmentir as próprias seguranças lógicas e reaprender, momento a momento, desde o início, esse gênio do ser que existe em cada um.

O rapaz do filme, na realidade, é inteligentíssimo, mas estrutura sua inteligência em vantagem egóica e funcional. Por quê? Por que se destrói?

A realidade dos estereótipos, da família, não é uma coisa fácil de compreender. A família dá a miniatura, depois a sociedade faz a tumba. Por que o grande “Gekko” escolhe aquele rapaz? À parte a necessidade dialética do filme, substancialmente “Gekko” não escolhe por acaso. Nos primeiros contatos, com a sua insistência e obstinação, o rapaz quase consegue demonstrar a todos que, se tivesse somente cinco minutos. O subcódigo que o

rapaz manda a “Gekko” é este: “Dê-me somente cinco minutos e mostro como mudo a tua vida”. Ele consegue transportar essa mensagem em tom de desafio, de tal modo que o grande “Gekko” não possa dizer que é um ignorante. “Gekko” não tem a argumentação ordinária para demonstrar que o rapaz é um inferior, porque, no primeiro momento, este sabe demonstrar que é possível e se ele, grande, descuidasse dessa ocasião, seria um estúpido ou um ciumento da sua genialidade. Existem momentos na vida em que um grande homem, mesmo se não crê, deve dar a ocasião histórica a um pequeno, porque, naquele momento, este último tem a partida vencedora. O rapaz possui aquele número de cartas com as quais tem direito à partida, e o grande homem deve aceitar para não ser imoral em relação a si mesmo. O grande homem tem uma moral diferente e, contrariamente àquilo que crê a maioria, tem alguns códigos e condutas que requerem uma vigilância contínua. Ele sabe que pode eliminar todos, menos a vida, não pode trair nenhum símbolo da vida. O grande homem deve aceitar quando o outro, naquele momento, tem as credenciais, tem o cartão de crédito da vida, mesmo se, no banco, seu saldo é devedor. Mesmo suspeitando, o grande homem deve aceitar o título, não para “dar uma mão” ao outro, mas por fidelidade a uma lógica de vida. Sabe que o outro cairá, mas, por enquanto, deve dar-lhe a possibilidade. Depois deve eliminá-la imediatamente, quando errar, de tal modo que, no final do jogo, possa dizer-lhe: “Compreendes que não és capaz? Compreendes que não quiseste? Agora já sabes.”

Portanto, o rapaz consegue entrar no jogo com alguns títulos psicológicos. Para o grande, é como ver um puro-sangue que pode vencer a corrida, mesmo sabendo que os pulmões não suportarão. Esta é a lógica que muitos pequenos homens não sabem quando se aproximam do grande. O verdadeiro grande homem já sabe que aquele cairá, não em dois anos, mas, talvez, em dez, se não mudar.

Por que o rapaz não é egoísta? A sua motivação psicológica é a mesma que cada um tem quando não vence. A explicação, a chave de leitura do fato é dada pelo módulo elementar da Ontopsicologia. O erro dá-se sempre, porque existe um fundo de estereotipia existencial que condiciona o sujeito em inferioridade. A resistência é um dano para o pequeno homem que a atua, não para o grande. A resistência do jovem, neste acontecimento fílmico, conclui-se com a sua falência.

A única pessoa ausente, imaculada, é a mãe. Comparece, algumas vezes, ao acaso, mas jamais discute, não entra no mérito, é aquela que sofre menos, porém, ao final, esse pai e essa mãe levam o filho à prisão. Colocar um filho no mundo e concluir levando-o à prisão não é, de fato, amor!

O rapaz é verdadeiramente inteligente e se vê isso pela manobra que inventa para poder destruir “Gekko”. Por que não usou a mesma inteligência para construir a si mesmo? Quando um pequeno homem encontra um grande, a sua inteligência revela-se ao ajudá-lo; primeiro, o grande lhe dá a estrada e depois o leva a uma posição tal que o pequeno se destaca, porque também se tornou grande. Ninguém pode se tornar grande atacando um outro grande homem.

Ao contrário, os estúpidos, na primeira ocasião, vão contra o dirigente, contra o vencedor. Esse é o teste inequívoco da patologia da inteligência do sujeito.

Quando examinava companhias empresariais, a primeira coisa que analisava era o nível em que se verificava a antítese contra o dirigente que produzia (não contra o chefe burocrático). A margem de resistência contra o dirigente é o índice de patologia contra o próprio egoísmo. O sujeito em resistência é de tal modo imbecil que deturpa a genialidade do próprio inconsciente e a consome para destruir um outro, ao invés de construir a si mesmo. Estrutura a própria inteligência para decapitar um outro, perdendo o ganho egoístico. A um grande ajuda-se. As pessoas, e

sobretudo os grandes, usa-se, são a fortuna, são a providência da vida.

Portanto, o rapaz se destrói, porque a sua vida é manobrada pela matriz reflexa da infância. Existe uma cena em que ele começa a falar de moral, como se “Gekko” tivesse sido um desonesto. Ao invés, é o rapaz que, anteriormente, viveu com o dinheiro dos pais, depois encontra alguém a quem ele faz de pai, de quem ele toma a mulher e gera uma desordem. Se existe alguém imaculado, segundo um certo princípio, este é “Gekko”. Para percorrer a estrada da grandeza, é necessário um estilo feito de infinitos aspectos. O rapaz é de tal forma destruído que, a única vez em que se torna inteligente, coloca-se contra quem o tinha educado.

Acusar “Gekko” de ser um vampiro daquela pobre gente é cômodo para justificar preguiça, vampirismo, monitor de deflexão e matrizes reflexas. É uma verdade que funciona somente para deturpar a dignidade do homem. Quando o sujeito está fixado sobre um pequeno circuito, não pode pretender o horizonte da vida. O rapaz faz parte profundamente do sistema. Numa cena do filme, “Gekko” diz a Hariel: “Deixe-o em paz, ele ainda não saiu do berço”. “Gekko”, ao invés, é livre, está fora do sistema. A garantia e os verdadeiros gestores do sistema são os desprovidos.

O ponto é este: se o indivíduo não muda o próprio complexo, se não faz verdadeira metanóia, é destinado a perder em qualquer situação em que se encontre. A verdade última desta cineterapia é que o rapaz faz, age, porém traz, dentro de si, uma situação que o faz perene perdedor.

Na parábola dos talentos, Jesus Cristo conclui com uma lei da vida: “A quem tem será dado em abundância, mas a quem não tem, será tirado também aquilo que tem”. A vida vai sempre onde está o máximo de oportunidade. “Perdoar” significa realizar aquela ação que tem o máximo de oportunidade. A verdade é

sempre a lógica do máximo interesse. Os valores vão e vêm, são criados pela opinião do povo, pelas tradições: segundo o grupo vencedor, determina-se a hierarquia dos valores. Mas a vida tem, absolutamente, outros valores: a verdade está, cada vez, onde existe o máximo interesse. Por isso, muitas vezes, o máximo interesse é saber perdoar, não voltar-se para trás e fazer o mal, mas realizar sempre aquela ação, de luta ou de amor, onde a vida configura a lógica do máximo interesse.

Nota:

1. Direção de Oliver Stone; intérpretes: Michael Douglas, Charlie Sheen, Martin Sheen, Darryl Hannab. Nacionalidade: USA 1987 (124' Col.)

ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO DE ONTOPSICOLOGIA

1. Conhecimento Base

- Cinco Lições sobre Ontopsicologia – 1.edição esgotada
- Introdução a Ontopsicologia - 1 edição esgotada
- Prolegomenos Histórico-Culturais à Ciência Ontopsicológica
- O Modelo Ontopsicológico na Teoria e na Prática Clínica
- Lições de Leningrado - em português
- A Arte de Viver dos Sábios - em português
- 100 Vocábulos de Psicologia Elementar - 1ª edição esgotada
- Ontopsicologia Clínica
- Pedagogia Ontopsicológica - em português
- O Nascimento do Eu - em português
- O Monitor de Deflexão na Psique Humana
- Campo Semântico - em português

2. Conhecimento Filosófico

- Ontopsicologia Filosófica e Epistemologia Evangélica
- A Constante H como Critério Antropológico - no prelo
- O Em Si do Homem - no prelo
- Sistema e Personalidade - em português

3. Conhecimento Estético

- OntoArte
- Seminário sobre a Criatividade
- O Em Si da Arte - 1º edição esgotada
- Poesias
- A Música como Ordem de Vida - 1ª edição esgotada
- OntoArte os Primeiros 10 Anos
- A Cozinha Viva - no prelo

4. Metodologia Ontopsicológica

- O Modelo Ontopsicológico na Teoria e na Prática Clínica
- A Cineterapia
- A Musicoterapia
- Prontuário Imagógico - em português
- O Residence Ontopsicológico
- Eu Odeio o Transfert - no prelo
- A Imagem Alfabeto da Energia
- A Psicossomática
- Delineamentos Teórico Práticos da Pedagogia Ontopsicológica
- Pedagogia e Política
- Psicopatologia e Atitude Sexual
- Casos Clínicos - no prelo
- Imagem e Inconsciente

5. Aprofundamento Psicológico

- Psicoterapia e Sociedade
- Revista Nova Ontopsicologia
- Cadernos de Ontopsicologia - em português
- Atos do V II, VIII E XIII Congresso Internacional de Ontopsicologia
- O Cinema e o Inconsciente

Em breve serão lançadas as demais obras, já traduzidas para o português e relançadas as obras que se encontram esgotadas.